



Roteiros homiléticos
Pe. José Luiz Gnzaga do Prado
p. 40

Caros leitores e leitoras,

Graça e Paz!

Neste ano de 2012, a Igreja, por meio da Campanha da Fraternidade, convida-nos a refletir sobre a questão da saúde pública no Brasil.

Como sabemos pelos evangelhos, Jesus dedicou grande atenção aos doentes. Em toda a Bíblia também encontramos forte preocupação com a promoção da saúde em sentido amplo: promoção da justiça, da paz, dos direitos etc. Segundo definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), saúde não é apenas ausência de doenças, mas completo bem-estar físico mental e social. Na Bíblia, a palavra hebraica que melhor expressa o sentido de “saúde” é *shalom*, que remete ao pleno bem-estar e envolve possibilidade de trabalho e vida digna, paz, fraternidade, justiça etc.

O objetivo da CF-2012 é promover ampla discussão sobre a realidade da saúde no país, para contribuir na qualificação, no fortalecimento e na consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), em vista da melhoria da qualidade dos serviços, do acesso e da vida da população.

O SUS foi uma conquista da Constituição de 1988, no sentido de garantir o acesso universal e gratuito a toda a população. Embora esse ideal ainda não tenha sido alcançado com qualidade, tem havido um avanço gradual, que precisa ser acelerado, para que se superem os graves problemas existentes. Mesmo com tais problemas e as muitas carências, o sistema tem conseguido resultados importantes, como poderemos constatar nos artigos desta edição.

O aperfeiçoamento do serviço passa por melhor controle dos recursos, muitas vezes sugados pela corrupção e pela má gestão em todos os níveis, o que envolve não apenas os políticos, mas também empresários e mesmo servidores públicos. Tal controle cabe não só ao governo, mas também à sociedade, por meio dos conselhos de saúde, dos movimentos sociais, assim como da participação consciente e criteriosa nas eleições e da cobrança aos políticos. Também se faz necessário o aumento

dos recursos destinados à área da saúde. Embora a corrupção e a má gestão retirem parte desses recursos, é falácia dizer que esse é o único problema. É consenso entre quem conhece bem a área que o sistema de saúde está subfinanciado.

A imprensa, que muitas vezes faz certa “festa” sensacionalista em torno do caos na saúde – quando se trata de governantes que não são seus aliados –, além de não aprofundar a questão, espalha a ideologia, de interesse dos mais ricos, segundo a qual a carga tributária no Brasil é muito alta e, portanto, não se podem criar novas fontes de recursos para a saúde pública. Na verdade, há um desequilíbrio na carga tributária do país, pois ela recai mais sobre os pobres e a classe média e menos sobre os mais ricos, o que não ocorre em países onde há maior equilíbrio nos tributos. Estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) demonstram que, como os impostos brasileiros incidem mais sobre os produtos que sobre a renda, os pobres pagam, por exemplo, proporcionalmente três vezes mais ICMS que os ricos. A incidência percentual de Imposto de Renda é a mesma para quem ganha R\$ 3,7 mil ou R\$ 370 mil por mês. Segundo o presidente da CUT, Arthur Henriques, em recente artigo, cobrando 1,5% de alíquota média anual sobre patrimônios que ultrapassassem 8.000 salários mínimos o país teria 30 bilhões de reais por ano para a saúde. Dinheiro considerado suficiente para darmos um salto de qualidade na área. Por que não se cria um imposto sobre grandes fortunas para financiar a saúde pública, em vez de um imposto que recaia sobre todos igualmente? Infelizmente a desigualdade social no país não será modificada significativamente enquanto a população continuar elegendo maioria de deputados, senadores, vereadores e governantes que defendem os interesses dos mais ricos em detrimento das necessidades das classes economicamente mais pobres. Difundir a saúde sobre o país e sobre a terra passa também pela redução das injustiças e desigualdades sociais.

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

Diretor Pe. Zolferino Tonon

Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP

Equipe de redação Pe. Zolferino Tonon, Pe. Darci Luiz Marin,
Pe. Valdêz Dall'Agnese, Pe. Paulo Bazaglia,
Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Manoel Quinta

Ilustração da capa Luís Henrique Alves Pinto

Editoração PAULUS

ASSINATURAS assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789.4000 • FAX: 3789.4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP

Redação © PAULUS - São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
www.paulus.com.br
www.paulinos.org.br

12570-000 - APARECIDA/SP
Centro de Apoio aos Romeiros - Lojas 44,45,78,79
T.: (12) 3104.1145 • aparecida@paulus.com.br

49010-000 - ARACAJU/SE
Rua Laranjeiras, 319 • T.: (79) 3211.2927
aracaju@paulus.com.br

66019-100 - BELÉM/PA
Rua 28 de setembro, 61 - Campina • T.: (91) 3212.1195
belem@paulus.com.br

30160-906 - BELO HORIZONTE/MG
Rua da Bahia, 1136 - Ed. Arcângelo Maleta
T.: (31) 3274.3299 • bh@paulus.com.br

70304-900 - BRASÍLIA/DF
SCS - Q.1 - Bloco I - Edifício Central - Loja 15 - Asa Sul
T.: (61) 3225.9847 • brasilia@paulus.com.br

13015-002 - CAMPINAS/SP
Rua Barão de Jaguará, 1163 • T.: (19) 3231.5866
campinas@paulus.com.br

79002-205 - CAMPO GRANDE/MS
Av. Calógeras, 2405 - Centro • T.: (67) 3382.3251
campogrande@paulus.com.br

95010-005 - CAXIAS DO SUL/RS
Av. Júlio de Castilho, 2029 • T.: (54) 3221.7797
caxias@paulus.com.br

78005-420 - CUIABÁ/MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180 • T.: (65) 3623.0207
cuiaba@paulus.com.br

80010-030 - CURITIBA/PR
Pça. Rui Barbosa, 599 • T.: (41) 3223.6652
curitiba@paulus.com.br

88010-030 - FLORIANÓPOLIS/SC
Rua Jerônimo Coelho, 119 • T.: (48) 3223.6567
florianopolis@paulus.com.br

60025-130 - FORTALEZA/CE
Rua Floriano Peixoto, 523 • T.: (85) 3252.4201
fortaleza@paulus.com.br

74023-030 - GOIÂNIA/GO
Rua Seis, 201 - Centro • T.: (62) 3223.6860
goiania@paulus.com.br

58010-670 - JOÃO PESSOA/PB
Praça Dom Adauto, S/N - Junto à Cúria - Centro
T.: (83) 3221.5108 • joaopessoa@paulus.com.br

36016-311 - JUIZ DE FORA/MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590 • T.: (32) 3215.2160
juizdefora@paulus.com.br

69010-210 - MANAUS/AM
Rua Itamaracá, 21, Centro • T.: (92) 3622.7110
manaus@paulus.com.br

59025-260 - NATAL/RN
Rua Cel. Cascudo, 333 - Cidade Alta • T.: (84) 3211.7514
natal@paulus.com.br

90010-090 - PORTO ALEGRE/RS
Rua Dr. José Montauray, 155 - Centro • T.: (51) 3227.7313
portoalegre@paulus.com.br

50020-000 - RECIFE/PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B • T.: (81) 3224.9637
recife@paulus.com.br

14015-040 - RIBEIRÃO PRETO/SP
Rua São Sebastião, 621 • T.: (16) 3610.9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

20031-145 - RIO DE JANEIRO/RJ
Rua México, 111-B • T.: (21) 2240.1303
riodejaneiro@paulus.com.br

40060-001 - SALVADOR/BA
Av. 7 de Setembro, 80 - Rel. de S. Pedro • T.: (71) 3321.4446
salvador@paulus.com.br

09015-200 - SANTO ANDRÉ/SP
Rua Campos Sales, 255 • T.: (11) 4992.0623
stoandre@paulus.com.br

65015-370 - SÃO LUÍS/MA
Rua do Passeio, 229 - Centro - T.: (98) 3231.2665
saoluis@paulus.com.br

15015-110 - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP
Rua XV de Novembro, 2826 • T.: (17) 3233.5188
riopreto@paulus.com.br

01001-001 - SÃO PAULO - PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180 • T.: (11) 3105.0030
pracas@paulus.com.br

05576-200 - SÃO PAULO - RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5 • T.: (11) 3789.4005
raposotavares@paulus.com.br

04117-040 - SÃO PAULO - VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207 - Metrô Vila Mariana
T.: (11) 5549.1582 • vilamariana@paulus.com.br

29010-120 - VITÓRIA/ES
Rua Duque de Caxias, 121 • T.: (27) 3323.0116
vitoria@paulus.com.br

BÍBLIA E SAÚDE PÚBLICA: A VIDA COM DIGNIDADE

Edna Maria Niero*

Celso Loraschi**

O direito à saúde deveria ser protegido no mundo inteiro. Consta da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) e está previsto na Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu artigo 196: “A saúde é direito de todos e dever do Estado (...)”. A forma mais comum de ver essa condição vital, conforme a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), é a ausência de doenças e completo bem-estar físico, mental e social. Como processo contínuo, a saúde é mesmo uma experiência de bem-estar, resultante de um equilíbrio dinâmico, a qual reflete uma resposta aos desafios ambientais, expressa no modo de viver o cotidiano em sociedade.

A Constituição brasileira, nos artigos 196 a 200, não restringe a saúde apenas à garantia de serviços assistenciais ao cidadão acometido de alguma enfermidade, mas pressupõe, antes de tudo, importante deslocamento teórico-conceitual do tema saúde de um campo estritamente biológico para o campo político e histórico da construção dos direitos. Prevê políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças, além de serviços e ações que possam promover, proteger e recuperar a saúde das pessoas. Estabelece ainda que a saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais.

A Lei Orgânica da Saúde nº 8.080/1990, que regulamenta o Sistema Único de Saúde

(SUS), garante os princípios do direito à saúde, do acesso universal e gratuito, da integração de ações preventivas com as curativas e da participação da comunidade (controle social) que se dá, de modo especial, por meio dos conselhos de saúde (criados pela Lei Federal nº 8.142/1990), de caráter permanente e deliberativo, compostos de representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde e usuários. Esses conselhos têm a finalidade de atuar “na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros” (art. 1º, § 2º). As políticas públicas assumidas pelo Estado estão intimamente relacionadas ao grau de organização e pressão da sociedade civil para sua implantação. A participação da sociedade na gestão do SUS é um avanço que pode definir as prioridades da área da saúde e o acompanhamento da implementação das ações.

No entanto, a saúde como um direito social, constitucionalmente reconhecido, nem sempre é assegurada na prática. Evidente está que o direito não se materializa, simplesmente, pela sua formalização no texto constitucional e na legislação conexa. Há simultaneamente

* Médica. Mestre em Ergonomia e doutora em Engenharia de Produção com ênfase em Saúde do Trabalhador e Políticas Públicas. Médica do Trabalho na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

** Mestre em Teologia Dogmática com concentração em Estudos Bíblicos. Professor de Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos no Instituto Teológico de Santa Catarina (Itesc).

necessidade de o Estado assumir uma política de saúde consequente, assegurando os meios que permitam efetivá-la. A realidade denuncia quanto ainda esse direito é violado. Basta ir a um posto de saúde ou a um hospital público (os raros que ainda existem) e contemplar o rosto das pessoas que diariamente aí se aglomeram em busca de atendimento para a cura de suas doenças. A degradação sistemática do atendimento médico-hospitalar, em prejuízo das camadas pobres da população, constitui, hoje, a face mais agressiva da exclusão social em nosso país. A deterioração das estruturas físicas dos serviços de saúde, do financiamento para o setor, da fiscalização estatal sobre os serviços conveniados, além de hospitais fechados, equipamentos obsoletos ou inexistentes, leitos escassos, UTIs desativadas, profissionais desmotivados, longas filas de espera, usuários indignados e frustrados, faz parte do cotidiano de aproximadamente 150 milhões de pessoas sem o amparo dos planos de saúde. Sua situação não condiz com a dignidade inerente a todo ser humano.

1. A bênção da saúde

Na Bíblia, a palavra hebraica que melhor expressa o sentido de “saúde” é *shalom*, que remete ao pleno bem-estar do ser humano. Em latim, o termo *salus* significa ao mesmo tempo saúde e salvação: implica uma realidade abrangente de liberdade, justiça, fraternidade e paz. É um bem relacionado ao autor da vida. Deus é quem forma o embrião no seio materno, conhece cada parte do corpo humano e fixa os dias de sua existência (Sl 139[138],13-16). Deus é quem faz viver ou morrer; ele fere e também cura (Dt 32,39). A saúde, portanto, é concebida como dom divino. É uma bênção, entre tantas outras, que o Senhor concede aos que são fiéis à aliança e seguem seus mandamentos (Lv 26,3-13; Dt 28,1-14). A Bíblia também, em muitas de suas passagens, relaciona a doença, entre outros males, a um sinal de castigo por causa das transgressões aos mandamentos divinos (Lv 26,14-26; Dt 28,15-46).

Essa relação bênção-saúde e castigo-doença revela o grau de conhecimento que possuía o

povo da Bíblia a esse respeito. Ainda não havia uma capacidade desenvolvida para adequado diagnóstico. Certamente o povo israelita vivia exposto a doenças típicas do clima subtropical próprio do Oriente Médio. Constatase grande diversidade de doenças, a maioria com denominações genéricas, as quais nem sempre é possível identificar com exatidão: úlceras, tumores, crostas, sarnas, loucura e demência (Dt 28,27-28); cegueira, surdez, deficiência física, mutismo (Is 35,5-6); tísica, febre, inflamação, delírio (Dt 28,22); lepra e doenças de pele (Lv 13-14); contusões, machucaduras e chagas vivas (Is 1,6), afora várias outras. Do mesmo modo, no Segundo Testamento, além das já citadas, encontramos: hemorragia (Lc 8,43), hidropisia (Lc 14,2), paralíticos e lunáticos (Mt 4,24), endemoninhados (Mc 1,32), gangrena (2Tm 2,17), gagueira (Mc 7,32), indigestão e fraquezas (1Tm 5,23), entre outras.

Sendo a saúde concebida como bênção divina, é natural que o primeiro recurso para a cura de uma doença seja a oração. “Filho, não te revoltes na tua doença, mas reza ao Senhor e ele te curará” (Eclo 38,9). Vários salmos são súplicas e desabafos de pessoas doentes; a maioria expressa a visão da doença como consequência do pecado pessoal (Sl 6; 38[37]; 41[40]). A cura está ligada ao perdão dos pecados e, portanto, fundamenta-se na fé em Deus, no socorro que somente ele pode dar (Eclo 35,15-21). Nesse sentido, vários profetas atuam como mediadores da intervenção divina em favor dos doentes. O profeta Elias, por exemplo, é atendido em sua oração e recebe a cura para o filho da viúva de Sarepta (1Rs 17,17-24). Do mesmo modo Eliseu, para o filho de uma mulher de Sunan (2Rs 4,8-37). Por meio do profeta Isaías, Deus revela que ouviu a oração do rei Ezequias e, por isso, lhe concederá a cura de sua doença (Is 38,1-8).

Além da oração, os elementos da natureza são mencionados como meios para a aquisição da saúde: seguindo a orientação do profeta Eliseu, o sírio Naamã curou-se de sua lepra tomando vários banhos na água do rio Jordão (2Rs 5,1-14); ainda Eliseu, fazendo uso do sal, purificou as águas que causavam esterilidade

(2Rs 2,19-22); em outra ocasião, misturando farinha à sopa envenenada, tornou-a saudável (2Rs 4,38-41); o vinho e o óleo são usados como primeiros socorros (Lc 10,34); a água é fundamental, e um pouco de vinho melhora o estômago e fortalece o organismo (1Tm 5,23); Isaías usa a massa de figo para curar a úlcera do rei Ezequias (Is 38,21); é bom comer mel (Pr 24,13) e é importante conhecer as virtudes das plantas e raízes (Sb 7,20), pois “da terra o Senhor criou os remédios, a pessoa sensata não os despreza” (Eclo 38,4).

Vários textos bíblicos se referem à profissão do médico. Nem sempre revelam uma visão positiva, uma vez que a convicção predominante é que a cura provém unicamente de Deus. O rei Asa, por exemplo, é criticado porque, ao contrair “uma doença muito grave nos pés, não recorreu ao Senhor, mas aos médicos” (2Cr 16,12). Cair nas mãos do médico é sinal de castigo divino: “O que peca contra o Criador, que caia nas mãos do médico” (Eclo 38,15). Há textos favoráveis: nesse mesmo capítulo de Eclesiástico, aconselha-se a honrar o médico por causa dos seus serviços. O conhecimento que ele possui foi-lhe dado por Deus; por seu intermédio, Deus proporciona a cura e o alívio aos doentes (38,1-7). Após recorrer a Deus pela oração, recomenda-se procurar o médico, “porque o Senhor também o criou; não o afastes de ti, porque dele tens necessidade” (38,12). O médico, para ter êxito e salvar a vida do doente, deve rezar ao Senhor (38,13-14).

Conforme se constata nessas citações, a doença é vista predominantemente como um problema individual, sem relação com o sistema social, político, econômico e religioso. Essa relação vai sendo percebida, de maneira especial, no interior dos movimentos proféticos.

2. Profecia: saúde, direito e justiça

A consolidação da monarquia em Israel trouxe consequências sociais de exploração e abandono de grande parte da população. Os profetas pré-literários, especialmente Elias e Eliseu, atuam em proximidade às vítimas do poder, colaborando na solução dos problemas

que afetam o cotidiano de sua vida: a fome, a doença, a morte e outras situações (1Rs 17,7-24; 2Rs 4,1-6,7). A necessidade é o critério que deve mover o amor, a fim de que ninguém seja excluído da vida digna. O socorro aos necessitados é condição para uma sociedade abençoada (Dt 15,4-5). O caminho por excelência apontado é a prática da partilha, o princípio que fundamenta o amor efetivo, um dos principais traços do verdadeiro rosto do povo de Deus.

Os profetas literários percebem, com maior clareza, a ligação entre os males da sociedade e a estrutura governamental. As estâncias que dão sustentação à monarquia, como o Templo e o palácio, de modo geral são vistas de forma crítica. Os problemas estão inter-relacionados e são resultantes da quebra da aliança com Deus, provocada por uma organização social em conformidade com os interesses dos poderosos.

Os movimentos proféticos surgem à margem do sistema político oficial. Captam a realidade dos pobres e se posicionam na defesa de seus direitos. Em nome de Deus, denunciam os que deveriam promover o direito e a justiça, mas, na verdade, produzem a transgressão, resultando em gritos de desespero da maioria do povo; onde Deus esperava uvas boas, o que apareceu foram uvas azedas (Is 5,1-7), devido à corrupção de reis, juízes, comerciantes, chefes militares, latifundiários e sacerdotes. As ambições políticas, intrigas palacianas, ganância e acúmulo de bens absorvem o cotidiano dos que deveriam dedicar-se à promoção do bem comum. Os ideólogos do poder – falsos profetas e sacerdotes – encarregam-se de manter a consciência do povo alienada, abafando seus gritos, mantendo-o engessado na estrutura social dos dominantes e procurando convencê-lo de que é inferior e incapaz de qualquer atitude de mudança de sua situação.

São muitos os textos proféticos que expressam a maneira iníqua pela qual o povo é governado, como este do profeta Isaías: “Quanto ao meu povo, os seus opressores o saqueiam, exatores governam sobre ele. Ó meu povo, os teus condutores te desencaminham,

baralham os caminhos em que deves andar (...) Que direito tendes de esmagar o meu povo e moer a face dos pobres?” (Is 3,12-15). E continua: “Toda a cabeça está contaminada pela doença, todo o coração está enfermo; desde a planta dos pés até a cabeça, não há lugar sã. Tudo são contusões, machucaduras e chagas vivas que não foram espremidas, não foram atadas nem cuidadas com óleo” (Is 1,5-6). Também Oseias relaciona o comportamento dos dominantes com o desfalecimento do povo e a destruição da natureza (4,1-3).

Os profetas constataam ainda que o direito dos pobres e fracos é violado pelos mesmos que praticam um formalismo religioso, como se o culto e a oferta de sacrifícios por si só fossem meios seguros de garantir boas relações com Deus. Oseias opõe-se a essa prática e esclarece qual é a vontade de Deus: “É misericórdia que eu quero e não sacrifícios, conhecimento de Deus e não holocaustos” (6,6). Da mesma maneira, Isaías proclama, a plenos pulmões, qual é o jejum que agrada a Deus: “Romper os grilhões da iniquidade, soltar as ataduras do jugo (...), repartir o pão com o faminto, acolher os pobres desabrigados, vestir os nus (...)” (Is 58). Aponta para a possibilidade de mudança de atitudes, a fim de serem orientadas por um projeto de sociedade baseado no direito, na justiça e na solidariedade.

A imagem que reflete com nitidez a verdadeira atitude que deveria ser assumida pelas lideranças é a do pastor. Sua função é cuidar das ovelhas, protegê-las dos perigos que ameaçam sua vida, defendê-las dos ladrões, buscar a ovelha que se perde. Diante da situação de abandono em que se encontram as ovelhas, Deus mesmo assume a função de pastoreá-las: “Visto que os pastores não se preocupam com o meu rebanho, porque apascentam a si mesmos (...), eu mesmo cuidarei do meu rebanho, eu mesmo lhe darei repouso, buscarei a ovelha que estiver perdida, reconduzirei a desgarrada, enfaixarei a quebrada, fortalecerei a doente (...). Eu as apascentarei com justiça” (Ez 34).

A proposta dos movimentos proféticos com relação à saúde do povo é assim sintetizada por Carlos Mesters:

1. *Saúde = reorganizar a sociedade.* O trabalho em favor da saúde do povo faz parte da ação mais ampla da organização da sociedade e tem a ver com justiça, partilha, distribuição da terra etc. 2. *Defender a vida = atacar as causas da morte.* A preocupação maior dos profetas está na linha da medicina preventiva, pois eles defendem a vida e a aliança e denunciam claramente as causas da marginalidade e do empobrecimento do povo. 3. *Solidariedade = acolher e denunciar para reorganizar.* O trabalho em favor dos doentes está mais na linha da solidariedade. Mas a solidariedade não pode ser desvinculada da estrutura e da consciência. 4. *Saúde = fé em Deus, nos irmãos.* Compromisso com a saúde do povo e com Deus: são como dois lados da mesma medalha. Ou seja, temos que reaprender dos profetas a “re-ligação”, isto é, aprender como “re-ligar” novamente a observância das leis de saúde com o nosso compromisso de fé com Deus e com os irmãos (Mesters, 1986, p. 19-20, grifo do autor).

3. Saúde e sabedoria

No movimento sapiencial, encontramos inúmeros textos que se referem à saúde. Sábios conselhos, fundamentados na experiência cotidiana, contribuem para a preservação da saúde e do bem-estar. Orientam, por exemplo, contra o excesso: “Não sejas ávido de toda delícia nem te precipites sobre iguarias, porque na alimentação demasiada está a doença. Muitos morreram por intemperança, mas aquele que se cuida prolonga a vida” (Eclo 37,31). A moderação é boa maneira de manter a saúde (Eclo 31,20). A morte pode ser prematura para quem não sabe se cuidar (Sb 1,12).

O bem-estar físico está intimamente ligado aos sentimentos do coração: “Coração alegre, corpo contente; espírito abatido, ossos secos” (Pr 17,22). A alegria do ser humano aumenta seus dias (Eclo 30,22), enquanto a tristeza tira o vigor do coração e leva à morte (Eclo 38,18). Também “a inveja e a cólera abreviam os dias e a preocupação traz a velhice antes da hora” (Eclo 30,23-25). É importante não trilhar o caminho do mal, pois um “coração perverso não encontra felicidade” (Pr 17,20).

Ao contrário, “temer o Senhor e evitar o mal será saúde para o corpo e refrigério para os ossos” (Pr 3,7-8). O sábio ainda se pergunta para que serve a riqueza sem a saúde: “É melhor um pobre sadio e forte do que um rico cheio de doenças” (Eclo 30,14).

O livro de Jó, especialmente, questiona a teologia da retribuição desenvolvida pelo sistema religioso oficial, desconstruindo a ideia de vinculação entre doença e pecado. No entanto, para os autores dessa novela bíblica, a doença pode transformar-se num meio pelo qual a pessoa se educa para o verdadeiro temor a Deus. É preciso prestar atenção a Deus, “que fala de um modo e depois de outro (...) e corrige o ser humano sobre o leito com a dor” (Jó 33,14.19). O livro do Eclesiástico, contrariamente ao legalismo imposto pelo sistema de pureza, incentiva a caridade para os que sofrem: “Não fujas dos que choram, aproxima-te dos que estão aflitos. Não temas visitar doentes, porque serás amado por isso” (7,34-35).

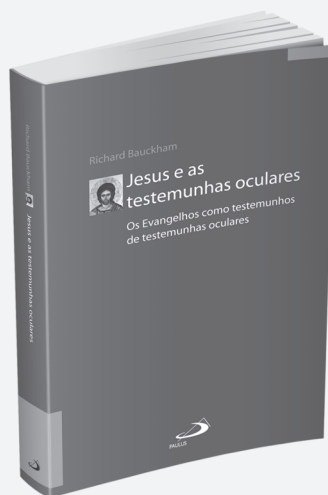
4. Jesus: saúde e justiça social

No Segundo Testamento, em vários textos, constata-se a mesma concepção antiga de que a doença é decorrente do pecado humano, como se percebe claramente no episódio da cura do cego de nascença (Jo 9,1-38). Jesus discorda: “Nem ele nem seus pais pecaram (...)” (Jo 9,3). Em alguns episódios, constata-se que a cura está relacionada com o perdão dos pecados (Mc 2,1-12; Jo 5,1-14), denotando que a recuperação da saúde se dá pelo resgate da integridade da pessoa humana violada pela ideologia dominante: “A ligação individualista e moralista, que culpa a própria pessoa pela doença que ela carrega, satisfazia à classe dominante e era usada para marginalizar os pequenos e sofredores (Jo 7,49; 9,34). Jesus coloca a ligação entre pecado e doença em nível de sistema e estrutura e devolve a todos a responsabilidade pelas coisas que acontecem. Há uma ligação de causa entre o sistema judaico e a falta de saúde do povo” (Mesters, 1986, p. 24-25). Com toda a convicção e liberdade, Jesus promove a saúde e a dignidade de cada

Jesus e as testemunhas oculares

Os Evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares

Richard Bauckham



Richard Bauckham, com seu conhecimento ímpar do mundo dos primeiros cristãos, demonstra que os Evangelhos não só contêm evidências de testemunhas oculares, mas também que seus primeiros leitores as teriam certamente reconhecido como tais. Este livro é um notável exemplo de trabalho investigativo. Merece ser lido por teólogos e historiadores envolvidos com trabalhos no campo do cristianismo primitivo.

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 664
Cód.: 9788534904957

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



pessoa, sem atrelamento às leis excludentes: trabalha em dia de sábado (Mc 3,1-6), toca em leprosos (Mc 2,1-12), deixa-se tocar pela mulher hemorroíssa (Mc 5,25-34) e tantos outros gestos. Ele justifica sua ação prioritária junto às vítimas do sistema de poder, dizendo: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores” (Lc 2,17).

Jesus movia-se dentro dos princípios da misericórdia e da solidariedade: “Traziam-lhe todos os que eram acometidos por doenças diversas e atormentados por enfermidades, bem como endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curava” (Mt 4,24). Fez-se profundamente solidário com todas as pessoas sofredoras, “a fim de se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: ‘Tomou sobre si nossas enfermidades e carregou nossas doenças’” (Mt 8,17). Em seus ensinamentos, Jesus condiciona a salvação às atitudes de caridade para com o próximo necessitado, com quem ele se identifica: “Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber (...)” (Mt 25,31-46). É pelo anúncio do evangelho aos pobres, pela cura dos doentes e pela libertação dos oprimidos que Jesus instaura o reino de Deus.

Os discípulos, após a morte e ressurreição de Jesus, continuam as suas obras, realizando em seu nome “sinais e prodígios”, entre os quais a cura dos doentes, como se lê no livro de Atos dos Apóstolos (cf., por ex., 3,1-10; 9,32-42; 14,8,18; 28,7-10). Um dos evangelizadores foi Lucas, o “médico amado” (Cl 4,14). O dom das curas é citado entre os carismas do Espírito Santo (1Cor 12,9). Uma das funções dos presbíteros era atender os doentes (Tg 5,14), do mesmo modo como os apóstolos foram enviados por Jesus a pregar pelo mundo afora; eles “curavam muitos enfermos, ungindo-os com óleo” (Mc 6,13).

5. Cuidar da vida

A missão de Jesus e dos seus seguidores com relação às pessoas doentes e necessitadas está revelada na parábola do samaritano solidário (Lc 10,25-37). A pergunta do doutor da lei: “Mestre, o que devo fazer para herdar a vida

eterna?” abriu ótima oportunidade para Jesus indicar a excelência da prática do amor a Deus e ao próximo. O doutor demonstra, com muita competência, que conhece os mandamentos. É uma competência, porém, no nível do saber. O que certamente não esperava foi o imperativo de Jesus: “Faze isso e viverás”. Então pergunta o legista: “Quem é o meu próximo?”

Jesus lhe propõe uma parábola, cuja personagem central é “um homem”, uma pessoa sem nome, representante de todas as vítimas da exclusão social. Diante desse ser humano, revelam-se as visões em conflito, das quais decorrem duas práticas antagônicas. Os verbos as denunciam: o sacerdote e o levita *viram e passaram adiante*. O samaritano *chegou junto dele, viu-o, moveu-se de compaixão, aproximou-se, cuidou de suas chagas derramando óleo e vinho, colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria, dispensou-lhe cuidados, tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro, dizendo: “Cuida dele (...)”*. Na verdade, caracterizam duas propostas bem distintas: a *oficial*, do sistema religioso e político dominante, e a *comunitária*, de Jesus e seus seguidores. Enquanto aquela se fecha nos interesses e privilégios de uma elite, esta se põe prioritariamente a serviço da vida digna sem exclusão.

Em nosso país, não há dúvida quanto à existência de organismos e políticas públicas voltados efetivamente para o bem comum. O desafio que a Campanha da Fraternidade nos lança, atenta à realidade em que vive a grande maioria do povo e inspirada na palavra de Deus, é avançar com ousado amor. A responsabilidade é de todos. Os “sacerdotes e levitas”, isto é, os organismos de poder, não apenas formulem leis e as conheçam teoricamente, mas prestem atenção no clamor dos doentes e adotem a postura de proximidade e de acolhida das pessoas em situação de abandono, bem como apliquem os recursos públicos e prestem serviços eficazes no cuidado da vida de todos.

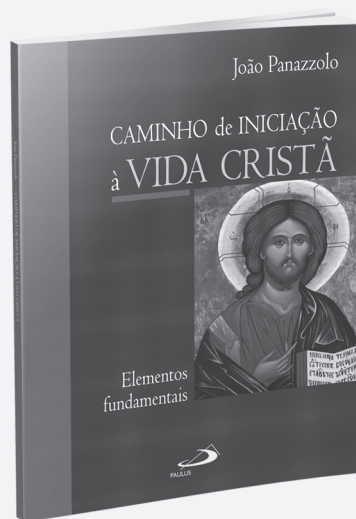
Considerados os problemas na dimensão coletiva, conforme reconhece o Ministério da Saúde, a solução não se dá apenas mediante decisões de âmbito hospitalar ou de assistência

médica. Seu enfrentamento necessita de ações de saúde coletiva, com ênfase na prevenção das doenças, no trabalho interdisciplinar e na ação intersetorial, que somente são possíveis com a participação social, incluindo o controle dos gastos públicos na implantação de ações geradoras de saúde. A saúde é fruto de condições básicas de vida e trabalho. A doença representa dupla ameaça, no sentido de afetar tanto a saúde como a capacidade produtiva. Tem razão Dallari (1998, p. 55) ao dizer que “uma sociedade só pode ser considerada justa se todas as pessoas, sem nenhuma exceção, tiverem efetivamente assegurado seu direito à saúde desde o primeiro instante de vida”. Ter longevidade é importante, mas é preciso antes ter qualidade de vida. Em termos amplos, a saúde significa uma vida longa, digna, prazerosa, em que seja possível a realização plena do ser humano. A dignidade de cada um de nós não é questão secundária. É direito e princípio invioláveis. É o que autentica uma administração pública. Pelo fruto se conhece a árvore (Mt 12,33).

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.
- _____. Ministério da Saúde. *Lei nº 8.080 de 19.09.90. Lei Orgânica da Saúde*. Brasília, 1990.
- _____. Ministério da Saúde. Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador. *Manual de gestão e gerenciamento*. São Paulo: Hemeroteca Sindical Brasileira, 2006.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CHAMPLIN, R. N. *Enfermidades na Bíblia*. In: _____. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2000. v. 6.
- DALLARI, D. de A. *Direitos humanos e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1998.
- DEJOURS, C. *A violência invisível*. Tradução de Ana Maria Ciccacio e Leda Leal Ferreira. *Caros Amigos*. São Paulo: Casa Amarela, nº 26, p. 16-17, 1999.
- LAURELL, A. C. *La salud-enfermedad como proceso social*. *Revista Latinoamericana de Salud*, México, v. 2, p. 7-25, 1982.
- MESTERS, C. *Os profetas e a saúde do povo*. Belo Horizonte: Cebi, 1986.
- PATRÍCIO, Z. M. *Ser saudável na felicidade-prazer*. Pelotas: Universitária (Universidade Federal de Pelotas), 1996.
- ROCHETTA, C. et al. *Dicionário interdisciplinar da pastoral da saúde*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Paulus, 2000.
- VENDRAME, C. *Doença e cura na Bíblia*. In: BEOZZO, J. O. (Org.). *Saúde: cuidar da vida e da integridade da criação*. São Paulo: Paulus, 2002. (Curso de Verão, 16.)

Caminho de iniciação à vida cristã Elementos fundamentais João Panazzolo



Esta publicação tem o objetivo de orientar as pessoas que ministram a catequese e a formação de lideranças nas comunidades-Igreja para uma catequese como iniciação à vida cristã, acolhendo iniciativas de formação cristã de jovens e adultos. Tem presente o estilo catecumenal da Igreja primitiva retomado pelo Concílio Vaticano II e atualizado pelo Documento de Aparecida.

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Páginas: 144

Cód.: 9788534932721

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



SAÚDE NO BRASIL – REALIDADES E PERSPECTIVAS

André Luiz de Oliveira*

1. Panorama atual da saúde no Brasil

Nas últimas décadas, o setor da saúde passou por impressionantes transformações em importantes aspectos: demográfico, epidemiológico, nutricional e tecnológico. A seguir, há uma exposição mais detalhada sobre essas mudanças.

Transição demográfica – Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2008, a esperança de vida dos brasileiros, ao nascer, chegou a 72 anos, 10 meses e 10 dias. A média atual entre os homens é de 69,11 anos e entre as mulheres, 76,71 anos (IBGE, 2008).

No Brasil, a melhoria das condições de vida em geral trouxe maior longevidade à população. O número de idosos aumentou 107%, entre 1980 e 2000, e já chega a 21 milhões. As projeções apontam para a duplicação desse contingente nos próximos 20 anos, chegando a 15% da população. Por outro lado, o percentual de crianças e jovens está em queda. Uma das explicações para esse fato é a diminuição do índice de fecundidade por casal, o qual, em 2008, caiu para 1,8 filho, o que aproxima o Brasil dos países com as menores taxas de fecundidade. Portanto, uma impactante transição demográfica está em curso no país.

Transição epidemiológica – Esta também se faz presente como fator interveniente na saúde. Em passado recente, doenças infectoparasitárias, com desfecho rápido, eram as principais causas de morte na população brasileira,

chegando a 26% do total de mortes (IBGE, 7 jun. 2011). Nas últimas décadas, porém, esse cenário modificou-se, e as doenças crônico-degenerativas (como diabetes, hipertensão, demências), os cânceres (neoplasias) e fatores externos (mortes violentas) assumiram o papel de principais causas de mortalidade. O tratamento e a reabilitação dos pacientes acometidos por essas doenças figuram entre os responsáveis pelos altos custos do sistema de saúde.

Transição tecnológica – Na medicina atual, a tecnologia assume papel cada vez mais significativo. A incorporação de novos artefatos é sempre bem-vinda, pois adiciona qualidade aos tratamentos curativos ou paliativos, porém levanta algumas discussões, por implicar altos custos e por trazer o perigo de relegar a plano secundário a necessária humanização no tratamento dos pacientes.

Transição nutricional – Proporcionou mudança no padrão físico do brasileiro. O excesso de peso ou sobrepeso e a obesidade (índice de massa corpórea entre 25 e 30 e acima de 30, respectivamente) explodiram. Segundo o IBGE, em 2009, o sobrepeso atingiu mais de 30% das crianças entre 5 e 9 anos de idade; cerca de 20% da população entre 10 e 19 anos; 48% das mulheres; 50,1% dos homens acima

* Médico, coordenador nacional da Pastoral da Saúde 2003-2011, membro da equipe de apoio à Pastoral da Saúde para América Latina e Caribe do Dejusol/Celam e representante da CNBB no Conselho Nacional de Saúde.

de 20 anos (IBGE, 7 jun. 2011). Segundo dados do Ministério da Saúde (Vigitel, 2011), 48,1% da população brasileira está acima do peso, 15% são obesos.

2. Grandes preocupações na saúde pública no Brasil

Conforme o contexto delineado, é possível extrair cinco temas preocupantes para a saúde atualmente: *doenças crônicas não transmissíveis ou doenças não transmissíveis* (doenças cardiovasculares, hipertensão, diabetes, cânceres, doenças renais crônicas e outras); *doenças transmissíveis* (aids, tuberculose, hanseníase, *influenza* ou gripe, dengue e outras); *fatores comportamentais de risco modificáveis* (tabagismo, dislipidemias por consumo excessivo de gorduras saturadas de origem animal, obesidade, ingestão insuficiente de frutas e hortaliças, inatividade física e sedentarismo); *dependência química* e uso crescente e disseminado de drogas lícitas e ilícitas (álcool, *crack*, *oxi* e outras); *causas externas* (acidentes e violências).

Doenças não transmissíveis (DNT) – Estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostram que as DNT são responsáveis por 58,5% das mortes ocorridas no mundo e por 45,9% das enfermidades que acometem as populações. Em 2007, as DNT respondiam por aproximadamente 67,3% das causas de óbitos no Brasil e representavam cerca de 75% dos gastos com a atenção à saúde. As doenças cardiovasculares correspondiam às principais causas, com 29,4%, de todos os óbitos declarados (Ministério da Saúde, 7 jun. 2011a).

Segundo o Ministério da Saúde, estima-se que a hipertensão atinja 23,3% dos brasileiros, ou seja, 44,7 milhões de pessoas. Deste montante, apenas 33 milhões têm ciência de seu diagnóstico ou de diagnóstico autorreferido. Apenas 19% têm a pressão sob controle entre aqueles que estão em tratamento. O diagnóstico de hipertensão arterial torna-se mais comum com o avanço da idade, atingindo em torno de 50% das pessoas acima de 55 anos (Machado, 2011).

Em relação ao diabetes, estimativas atuais apontam para 11 milhões de portadores; desses, somente 7,5 milhões têm ciência de sua condição e nem todos se tratam adequadamente (Vigitel, 2011).

Em 2008, segundo a Agência Internacional para Pesquisa em Câncer (Iarc) e a OMS, surgiram 12 milhões de novos casos de câncer em todo o mundo, com 7 milhões de óbitos por esse motivo (Oliveira, 6 jul. 2011). No Brasil, para o ano de 2011, as estimativas apontam para a ocorrência de 489.270 novos casos de câncer (Inca, 7 jun. 2011). Os tipos mais incidentes, excluindo o câncer de pele, não melanoma (113 mil novos casos), devem ser, nos homens, o câncer de próstata (52 mil), pulmão (18 mil), estômago (14 mil), cólon e reto (13 mil) e, nas mulheres, o câncer de mama (49 mil), colo de útero (18 mil), cólon e reto (15 mil), pulmão (10 mil) (Inca, 7 jun. 2011). Segundo o Ministério da Saúde (7 jun. 2011a), desde 2003, as neoplasias malignas constituem a segunda causa de morte na população.

Conforme dados da Sociedade Brasileira de Nefrologia (7 jun. 2011), quase 1 milhão de brasileiros têm problemas renais, no entanto 70% ainda não o sabem. A doença renal crônica caracteriza-se por um quadro de evolução lenta, progressiva, até a perda irreversível da função renal (quando os rins deixam de filtrar o sangue). As doenças renais matam pelo menos 15 mil brasileiros por ano. Dos 150 mil pacientes que deveriam estar em diálise, apenas 70 mil conseguem receber tal tratamento (Sociedade Brasileira de Nefrologia, 7 jun. 2011).

Doenças transmissíveis – Os números da aids (doença já manifesta) no Brasil, atualizados até junho de 2010, contabilizam 592.914 casos registrados desde 1980. A taxa de incidência oscila em torno de 20 casos de aids por 100 mil habitantes. Em 2009, foram notificados 38.538 novos casos da doença, e, em 87,5% deste montante, a transmissão ocorreu por via heterossexual.

Atualmente, ainda há mais casos da doença entre os homens do que entre as mulheres,

mas essa diferença vem diminuindo ao longo dos anos. Em 1989, a razão era de seis casos de aids nos homens para cada um caso em mulher. Em 2009, a proporção chegou a 1,6 (homem) para cada uma mulher infectada (Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 7 jun. 2011).

Com relação à tuberculose, o Brasil, entre 2008 e 2010, reduziu de 73.673 para 70.601 o número de novos casos, o que representa cerca de 3 mil novos casos a menos no período. Com a redução, a taxa de incidência (número de pacientes por 100 mil habitantes) baixou de 38,82 para 37,99 (Pastoral da Criança, 7 jun. 2011). Contudo, a tuberculose ainda é a terceira causa de óbitos por doenças infecciosas e a primeira entre pacientes com aids.

Segundo o Ministério da Saúde, no Brasil, cerca de 47 mil novos casos de hanseníase são detectados a cada ano, sendo 8% deles em menores de 15 anos (Ministério da Saúde, 7 jun. 2001b). A hanseníase apresenta tendência de estabilização dos coeficientes de detecção no país, mas eles ainda estão em patamares muito altos nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, com 17,5% da população brasileira concentrando 53,5% dos casos detectados (*Ibid.*).

É facilmente perceptível o temor às pandemias que rapidamente se espalham pelo mundo devido à globalização. Chega a ser curioso o homem se vangloriar de muitas conquistas e descobertas científicas, mas, ao mesmo tempo, ficar impotente ante a ação desconhecida e letal de um imperceptível e microscópico germe. Recentemente, enorme pânico assombrou o planeta, por causa do surto de uma gripe denominada gripe A ou sorotipo H1N1. O vírus da *influenza* acomete, anualmente, no Brasil, cerca de 400 a 500 mil pessoas e mata de 3 a 4 mil indivíduos, e 95% desses óbitos são de idosos (OMS, 7 jun. 2011b).

A OMS estima que entre 50 milhões e 100 milhões de pessoas se infectam anualmente com as doenças tropicais em mais de cem países (Ministério da Saúde, 10 jul. 2011), exceto os da Europa. No Brasil, somente nos primeiros nove meses do ano de 2010, 936 mil casos de dengue foram notificados ao

Ministério da Saúde, dos quais 14,3 mil eram graves, tendo ocorrido 592 mortes pela doença no período (OMS, 7 jun. 2011a).

Do mesmo modo, não se pode descuidar da doença de Chagas. Em algumas regiões do Brasil, ainda há grande número de infectados. Não obstante o Brasil ter recebido, em 2006, da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) a Certificação Internacional de Eliminação da Transmissão dessa doença, a erradicação definitiva da transmissão requer a manutenção contínua de ações de controle e vigilância.

Fatores de risco modificáveis – O tabagismo é a principal causa evitável de morte no mundo. É incontestável a associação entre o cigarro, com suas mais de 4 mil substâncias tóxicas, e os vários tipos de câncer (de pulmão, boca, lábio, língua, laringe, garganta, esôfago, pâncreas, estômago, intestino delgado, bexiga, rins, colo de útero etc.) e diversas moléstias, entre as quais, por exemplo, derrame cerebral, ataque cardíaco, doenças pulmonares crônicas, problemas de circulação, úlceras, diabetes, infertilidade, bebês abaixo do peso, osteoporose, infecções no ouvido. Segundo a Opas (IBGE, 23 set. 2011), 90% dos casos de câncer de pulmão estão associados ao tabagismo.

O percentual de fumantes no país teve redução nas últimas décadas. Em 1989, representava um terço da população (Vigitel, 2011) e, em 2010, foi reduzido para 15,1% da população adulta (Inca, 7 jun. 2011). A OMS afirma que o tabagismo (dependência física e psicológica do cigarro), no Brasil, ainda mata cerca de 200 mil pessoas por ano. Segundo o Instituto Nacional de Câncer (Inca), pelo menos 2,7 mil não fumantes morrem no Brasil, por ano, devido a doenças provocadas pelo tabagismo passivo (Vigitel, 2011).

A prática regular de exercícios físicos está longe de fazer parte da rotina dos brasileiros. Em 2008, somente 10,2% da população com 14 anos ou mais tinha uma atividade física regular (Vigitel, 2011). E 14,2% da população adulta não pratica nenhuma atividade física, nem durante o tempo de lazer nem para ir ao trabalho.

O crescimento, em curto período de tempo, do número de pessoas com sobrepeso e obesas é uma tendência e constitui um desafio mundial a ser enfrentado. A OMS projetou que, em 2005, o mundo tinha 1,6 bilhão de pessoas acima de 15 anos com excesso de peso e 400 milhões de obesos (IMC acima ou igual a 30). A projeção para 2015 é ainda mais pessimista: 2,3 bilhões de pessoas com excesso de peso e 700 milhões de obesos, indicando aumento de 75% nos casos de obesidade em dez anos (Vigitel, 2011). No Brasil há 48,1% de pessoas com excesso de peso, sendo 15% de obesos. Além das dificuldades naturais causadas pelo excesso de peso, a obesidade pode, ao longo do tempo, acarretar problemas à saúde, como hipertensão arterial e diabetes.

Dependência química – As Nações Unidas contra Drogas e Crimes (Unodc, em inglês United Nations Office on Drugs and Crime), no Relatório Mundial sobre Drogas (Ministério da Saúde, 7 jun. 2011a) de 2008, mostra que cerca de 5% da população mundial (208 milhões de pessoas) já fez uso de drogas ao menos uma vez. Essa pesquisa aponta que o Brasil é o segundo maior mercado de cocaína das Américas, com cerca de 870 mil usuários adultos (entre 15 e 64 anos), atrás apenas dos Estados Unidos, que têm cerca de 6 milhões de consumidores da droga.

O Brasil é o responsável pela maior quantidade de maconha apreendida na América do Sul, tendo apreendido 167 toneladas em 2008. O consumo da maconha e do haxixe no Brasil aumentou duas vezes e meia: em 2001, 1% dos brasileiros consumia a droga. Em 2005, o número chegou a 2,6% da população. Segundo o Ministério da Saúde, o *crack* poderá tirar a vida de pelo menos 25 mil jovens por ano no Brasil. A estimativa é que mais de 1,2 milhão de pessoas sejam usuárias de *crack* no país e cerca de 600 mil pessoas façam uso frequente de droga. A média de idade do início do uso é 13 anos (*Ibid.*).

Ultimamente, há notícias que indicam a rápida difusão de nova e devastadora droga, apreendida em todas as regiões do país. Trata-se do

Revista Família Cristã

Para aprofundar a fé e compreender melhor a vida.



Conheça alguns dos nossos colunistas:

- Pe. Zezinho, na coluna *Paz inquietada*
- Frei Luiz Turra, sobre *Formação litúrgica*
- FC Cáritas, Dom Demétrio Valentini
- *Comportamento e psicologia*, com a terapeuta familiar Maria Helena Brito Izzo
- Léo Pessini, na seção *Bioética*
- *Cidadania*, com o promotor público e professor de Direito Vidal Serrano Júnior

E ainda as seções: **Política, Educação, Família, Juventude e fé, Espiritualidade, Saúde, Economia, Culinária.**

E um Encarte especial sobre Namoro!



Assinatura anual: R\$ 108,00 - 12 edições
À vista: desconto de R\$ 18,00 = R\$ 90,00
Em 2 vezes: desconto de R\$ 8,00 = R\$ 100,00

Para assinar ligue: **0800 70 100 81.**

Se preferir, acesse www.fc.org.br ou na Rede Paulinas de Livrarias de todo o Brasil.

oxi, uma droga mais barata e de consequências ainda mais danosas para os usuários que o temível *crack*. O *oxi* é produzido pela mistura de cocaína, combustível, cal virgem, cimento, acetona, ácido sulfúrico, soda cáustica e amônia. Pesquisas iniciais do Ministério da Saúde apontam que cerca de um terço dos usuários de *oxi* morrem no primeiro ano (Vigitel, 2011).

A dependência do álcool é um dos graves problemas de saúde pública brasileira. De acordo com o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid), atualmente 18% da população adulta consome álcool em excesso, em contraposição a 16,2% em 2006. A população masculina ainda é a maioria entre os que bebem em excesso – 26,8% em 2010. O uso do álcool, além de causar sérios e irreversíveis danos a vários órgãos do corpo, está também relacionado a 60% dos acidentes de trânsito e 70% das mortes violentas. Seu consumo vem crescendo em todos os setores da sociedade, independentemente de cor, raça, religião e condições financeiras de seus usuários, tanto em grandes centros urbanos como nas mais distantes áreas rurais.

Causas externas (acidentes e violências) – No Brasil, as mortes por causas externas (mortes violentas) já ocupam o terceiro lugar entre os óbitos da população em geral, só perdendo para as mortes por doenças cardiovasculares e neoplasias (cânceres), e detêm o primeiro lugar na faixa etária de 15 a 39 anos. Segundo um estudo sobre saúde no Brasil, houve no país, em 2007, 47.707 homicídios (36,4%) e 38.419 óbitos (29,3%) relacionados ao trânsito, constituindo juntos 67% do total de 131.032 óbitos por causas externas.

É assustador o alto número de acidentes de trânsito que acontecem no país, ceifando milhares de vidas. Eles também deixam inúmeros sobreviventes, entre os quais muitos jovens, com sequelas irreversíveis, que passam a depender muito do sistema de saúde e da família devido ao constante cuidado de que precisam.

É igualmente preocupante a escalada dos números de vítimas da violência doméstica. Mesmo com a existência da Lei Maria da Pe-

nha (Lei n. 11.340/2006), só em 2010 foram feitos 734.416 registros, sendo 108.026 com relatos de violência e 63.831 especificamente referentes à violência física (Guia da Previdência Social, n. 422).

Afora esses cinco fatores de grande preocupação para a saúde no Brasil, atualmente existe a problemática do financiamento da saúde no país. O Sistema Único de Saúde (SUS) teve de disputar recursos financeiros com outros ramos da seguridade social (assistência social e previdência social) desde o primeiro momento, quando as formas de sua implementação ainda estavam sendo elaboradas. Na época, foi garantido no Ato das Disposições Transitórias que, enquanto não fosse regulamentada a lei de custeio da seguridade social, pelo menos 30% do total de seus recursos deveria ser destinado para a saúde. Os anos que se seguiram à Constituição de 1988 são caracterizados pela tensão permanente entre dois princípios: a construção da universalidade e a contenção de gastos na saúde.

Desde 1999, há no Congresso Nacional uma proposta de regulamentação desses repasses por meio da Emenda Constitucional n. 29 (EC 29). Além de definir um repasse mínimo do governo federal (corrigido pelo PIB), dos governos estaduais (de 12%) e dos municípios (de 15%), a EC 29 define ações e serviços em saúde, caracterizando o que realmente pode ser gasto em saúde, e propõe medidas de sanção ou punição aos gestores que descumprirem esses investimentos mínimos. É preocupante o não cumprimento sistemático, por muitos governantes, do mínimo de investimento na saúde, ocasionando arriscado e perigoso subfinanciamento na saúde pública.

3. Avanços no SUS

O Programa Saúde da Família atinge atualmente cem milhões de brasileiros, segundo o Ministério da Saúde. O país reduziu em mais de 70% a mortalidade infantil nos últimos 30 anos, ampliou o número de consultas de pré-natal, diminuiu a desnutrição, alcançou uma das maiores coberturas de vacinação para crianças, gestantes e idosos do mundo. Segundo o Ministério da Saúde, a transmissão do cólera foi

interrompida em 2005. Eliminou-se a paralisia infantil e o sarampo em 2007 e a rubéola em 2009. Mortes por doenças transmissíveis, como tuberculose, hanseníase, malária e aids, foram reduzidas (Ministério da Saúde, 7 jun. 2011a).

Os dados do Datasus (7 jun. 2011) mostram que no SUS, em 2010, foram disponibilizados 634 milhões de medicamentos e realizados 535 milhões de ações de prevenção e promoção, 495 milhões de exames, 239 milhões de atendimentos de saúde bucal, 40 milhões de fisioterapias, 11,1 milhões de internações. Todos os anos, registram-se 3,5 milhões de órteses e próteses e mais de 20 mil transplantes.

3.1. Desafios do SUS

O SUS tem desafios de curto, médio e longo prazo, sobretudo por precisar de mais recursos e da otimização do uso do dinheiro público. Hoje é investido muito mais recursos na doença (internações, cirurgias, transplantes) do que nas ações básicas de saúde (vacinas e consultas) que previnem a doença. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), os problemas mais frequentes são a falta de médicos (58,1%), a demora para atendimento em postos, centros de saúde ou hospitais (35,4%) e a demora para conseguir uma consulta com especialistas (33,8%).

Com base em relatos, divulgações nos meios de comunicação e situações vivenciadas pelos usuários do SUS, alguns desafios ou oportunidades de melhora na prestação de serviços, que ajudam a compor a difícil realidade da saúde brasileira, podem ser agrupados em quatro áreas críticas, a saber: acesso, gestão, fatores externos e financiamento.

3.2. Perspectivas do SUS

Contudo, como qualquer outro processo de relevância social, o SUS necessita de constante monitoramento por parte do cidadão, missionário da boa vontade, e de um empenho prioritário das autoridades governamentais, lembrando que os direitos de acesso a qualquer garantia social devem ser sempre respeitados e que o senso crítico e responsável de todos, na mesma proporção, deve ser estimulado.

A preocupação com a informação em saúde e com o bem-estar de todos também deve ser lembrada, reforçando o conceito de educação em saúde e práticas saudáveis de vida. Enfim, a luta por políticas públicas de saúde responsáveis e isentas de interesses colaterais e o resgate à prática da solidariedade e da humanização no mundo da saúde significam manifestações responsáveis e cristãs de verdadeira fraternidade com todos os nossos irmãos, em busca de um mundo mais justo, fraterno, solidário e, por que não, saudável.

Saúde e paz!

BIBLIOGRAFIA

- DEPARTAMENTO DE DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS. *Dados e pesquisas*. Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: <www.aids.gov.br>. Acesso em: 7 jun. 2011.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Diretoria de Pesquisa. Coordenação de População e Indicadores Sociais. *Projeção da população do Brasil por sexo e idade 1980-2050 – Revisão 2008*. _____ . *Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), 2009*. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 7 jun. 2011.
- INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). *Introdução, Estimativa 2010. Relatório da Agência Internacional para Pesquisa em Câncer (IARC)/OMS (World Cancer Report, 2008)*. Disponível em: <www.inca.gov.br>. Acesso em: 7 jun. 2011.
- MACHADO, C. A. *O custo social das doenças cardiovasculares*. Sociedade Brasileira de Cardiologia, 2011.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010. Disponível em: <www.portal.saude.gov.br>. Acesso em: 7 jun. 2011a.
- _____. *Programa Nacional de Controle da Dengue, 2010*. Disponível em: <www.portal.saude.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2011.
- _____. *Vigilância em saúde: situação epidemiológica da hanseníase no Brasil, 2008*. Disponível em: <www.portal.saude.gov.br/portal/arquivos>. Acesso em: 7 jun. 2011b.
- OLIVEIRA, C. *Médicos elogiam remédio gratuito, mas defendem melhor atendimento e prevenção*. Rede Brasil Atual. Disponível em: <www.redebrasilatual.com.br/temas/saude/2011>. Acesso em: 6 jul. 2011.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *O mundo e as doenças tropicais*. Disponível em: <www.who.int>. Acesso em: 7 jun. 2011a.
- _____. *Causa de morte evitável*. Disponível em: <www.who.int>. Acesso em: 7 jun. 2011b.
- PASTORAL DA CRIANÇA. *Situação da hanseníase no Brasil*. Disponível em: <www.pastoraldacrianca.org.br>. Acesso em: 7 jun. 2011.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEFROLOGIA. *Campanha de prevenção de doenças renais, 2010*. Disponível em: <www.sbn.org.br>. Acesso em: 7 jun. 2011.
- VIGITEL BRASIL 2010. *Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Ministério da Saúde, 2011.

O URGENTE RESGATE DO DIREITO À SAÚDE!

Pe. Christian de Paul de Barchifontaine, mi*

Introdução

Os grandes problemas da humanidade nos dias de hoje, em grande parte com soluções científicas e técnicas disponíveis, embora, infelizmente, não para todos, só poderão ser solucionados por meio da reconstrução da comunhão humana. Esta deverá permear todos os níveis com base na solidariedade, entendida como a determinação firme e perseverante no empenho pelo bem comum e também para que cada um seja verdadeiramente responsável pelo outro. O que se preconiza como valor fundamental é a pessoa humana, considerada em sua globalidade física, psíquica, social e espiritual. Eis um grande desafio para o exercício da cidadania.

Nossa reflexão tem o intuito de apresentar rápida radiografia do contexto socioeconômico e social, apresentando alguns elementos mais importantes constitutivos da pós-modernidade, tais como a globalização econômica excludente em curso, a primazia do econômico sobre o social, algumas raízes históricas da injustiça no Brasil, a necessidade de educação cidadã e o resgate do direito à saúde para todos.

1. Alguns dados importantes do nosso contexto socioeconômico e social

1.1. Rápida radiografia da pós-modernidade

Vivemos em tempos de pós-modernidade, em que se reverenciam estilos de vida e de filosofia, com base nos quais se constrói uma ideia

tida como arquiessinistra: o niilismo, o nada, o vazio, a ausência de valores e de sentido para a vida. Mortos Deus e os grandes ideais do passado, a arte, a história e o desenvolvimento, passou-se a valorizar a condição individual e a sua própria salvação intramundana. O pensamento pós-moderno carrega consigo a proposta de que, para as pessoas, não há sentido no processo de busca do entendimento dos movimentos da história, para assim se entregarem ao presente, ao prazer momentâneo, ao consumo e ao individualismo.

Como parte do movimento da pós-modernidade incluem-se as novas tecnologias, como a informática, a cibernética e a telemática, e o descartável, entre outros fatores que repercutem fortemente no processo de transformação da organização social. Na esfera psicológica, concebem-se as regras morais, valores sociais e religiosos como aprisionamento. Preconiza-se junto às pessoas do tempo pós-moderno maior importância à sua sensibilidade do que à sua inteligência, de forma que se desenvolvam sensações e emoções sem limites, com o mínimo de dor.

Atrelado à condição pós-moderna está o cultivo de uma mentalidade imediatista, em

* Camiliano, enfermeiro, mestre em Administração Hospitalar e da Saúde, doutorando em Enfermagem na Universidade Católica Portuguesa (UCP). Docente no mestrado em Bioética do Centro Universitário São Camilo. Pesquisador do Núcleo de Bioética do Centro Universitário São Camilo. Atualmente, reitor do Centro Universitário São Camilo – São Paulo, Brasil (cpb@saocamillo-sp.br).

que tudo é relativo e ilusório, sem ideologia e ideais verdadeiros, enfatizando o libertar dos instintos reprimidos e deixando-se levar pela sensibilidade, de modo que se aproveite ao máximo do presente e não haja preocupação com o futuro, pondo de lado até mesmo questões ligadas à morte. A pessoa dos tempos pós-modernos é induzida a viver um “pacifismo consensual”, representado ideologicamente pela expressão “Paz e Amor”: a paz num nivelamento em que ninguém diz o que é certo, em que não existem normas de conduta nem valores a serem seguidos, muito menos uma moral transcendente; o amor situa-se numa liberalização sem limites, sem fidelidade, sem compromisso, sem duração. Nessa mesma linha de pensamento pode-se inserir questões relacionadas à apatia política e à valorização da imagem.

1.2. O crescimento da globalização econômica excludente

O capitalismo, teoria que se fortaleceu no século XIX, pode ser o grande responsável por esse progresso desenfreado, atingindo, sobretudo na década de 1980, o acirramento das desigualdades sociais, a ponto de ser denominado de “capitalismo selvagem”. O termo “selvagem” parece refletir com propriedade o sentimento hobbesiano de que “o homem é lobo para o próprio homem”.

Nesse contexto de luta pela sobrevivência e adaptação necessária ao sistema, perderam-se de vista os ideais nobres, como respeito e dignidade pela vida e pelo outro, permitindo que cada um seja, por esse princípio, adversário comum dos outros.

A crise do paradigma ético encontra-se igualmente atrelada a todo esse movimento desenfreado de busca “por um lugar ao sol”. O individualismo ocupa lugar de destaque em todo esse cenário social. Diante disso, a questão central remete-nos à busca de um conjunto explicativo dos possíveis caminhos a serem percorridos pela humanidade. Um dos pontos de compreensão desse quadro encontra-se no movimento instaurado no final do século XX, a globalização.

A questão que se apresenta é: Como podemos construir um mundo mais justo, com menos desigualdade social? Precisamos pensar que a economia deve estar a serviço do bem-estar social. Para isso, não podemos deixar que “os filhos das trevas sejam mais espertos que os filhos da luz”; tampouco se deve permitir que a dignidade das pessoas seja ultrajada e violentada pela ganância de um segmento. O bem-estar de poucos não deve ser custeado pela maioria excluída; uma maioria que não desejou ser excluída, mas muitas vezes se acostumou com o assistencialismo social que a pôs à margem de qualquer tentativa de inclusão.

Se a voz da maioria configura o sistema democrático, elege seus governantes, constitui o estado de direito, por que não ouvir essa mesma maioria que vive à margem da sociedade? É hora de consumirmos esse “artigo de luxo” que é o pensar, pois afinal não somos máquinas, somos seres humanos! A cidadania expressa um conjunto de direitos e deveres que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo. Quem não exerce sua cidadania fica marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões. O calar tem sido um dos caminhos historicamente seguidos por parcela da sociedade que tende a não levar a sério a coisa pública, considerando que os direitos seriam privilégios de uma minoria e a desigualdade social “algo natural”.

A cidadania não nos é dada, mas construída e conquistada com base na capacidade de organização, participação e intervenção social.

1.3. A primazia do “fator econômico” em detrimento do “fator social”

O pensamento econômico do capitalismo selvagem considera ser prejudicial à eficiência econômica a “intromissão” da moral e de valores sociais. Assim, torna-se difícil equacionar eficiência social como condição significativa para a eficiência econômica. São os economistas da atualidade os defensores dos “sacrifícios” necessários para a salvação do mercado. Nessa concepção, fora do mercado não há salvação. Insiste-se no fato de que só o mercado pode produzir eficazmente

quantidades ilimitadas de bens de consumo para satisfazer os desejos ilimitados de todos, para que se possa assim instalar o “paraíso” na terra.

No sistema de mercado, toda produção é voltada para atender os desejos dos consumidores, daqueles que não são excluídos porque podem e têm condições de consumir. O desejo é muito mais poderoso que a realidade. Desejar estar no mercado substitui o estar efetivamente nele. O desejo é internalizado, não há necessidade de maiores pressões: o desejo aderiu ao projeto. E são necessários os sacrifícios humanos para a satisfação dos desejos dos mais aptos, dos eleitos, daqueles que conseguem trilhar o estreito caminho da competição e da eficácia.

O “mercado”, na atualidade, tende a consolidar uma forma de idolatria, qual seja, “a religião da mercadoria”, “a espiritualidade do mercado”. O dogma central dessa postura é que “o dinheiro tudo pode, move o céu e a terra”. A espiritualidade apresenta a tese de que a humanização se dá no e pelo consumo. Simbolicamente, os templos dessa “idolatria” são os bancos, com seus sacerdotes, os banqueiros e os financistas, que prestam o maior culto ao dinheiro; os bancos também têm os seus sacrários: os cofres-fortes. Arelada a essa concepção, consolida-se a procura compulsiva de espaços representativos do “poder consumista”, como *shoppings* e cidades de consumo. O que na realidade se exige é fé irrestrita e confiança ilimitada no caráter benéfico da lógica econômica.

Algumas concepções do sistema econômico não propõem mais a inclusão de todos no mercado, e sim reciclagem e diversificação da produção, para provocar o consumo dos que estão no mercado. Os outros, “os que sobram”, são mantidos a distância. Dá-se o desmanche social para enfraquecer os movimentos populares nas suas reivindicações políticas, econômicas e sociais.

Se o “mercado” não tem compromisso com o povo, com as pessoas, então será preciso resgatar o mercado como realidade humana. As relações de mercado são relações sociais

que regem a produção, a distribuição e o consumo de bens e serviços. Tratando-se de relações sociais, o social, e não o individual, é que deveria ocupar a centralidade do mercado. Portanto, é preciso compreender que uma visão mais alargada de mercado pressupõe o atendimento das metas sociais, incluindo o das necessidades básicas do ser humano, entre as quais uma fundamental, a saúde.

2. As raízes do Brasil injusto que negam o direito à vida e à saúde

A seguir, algumas causas da injustiça social no Brasil, a qual dificulta o exercício da cidadania.

2.1. A herança escravocrata

Esta gerou uma mentalidade de indiferença em relação à desigualdade, à violência e à exclusão. É como se fosse “natural” que a opulência convivesse com a pobreza ou que as regalias de poucos coexistissem com a supressão dos direitos da maioria. Temos uma cultura que aceitou conviver com a violência – a mais cruel: a exclusão – e acreditou ser possível conciliar ideais libertários e democráticos com uma estrutura social absolutamente injusta. Os escravos, depois da abolição, deixaram de ser sustentáculo da economia e passaram a ser excluídos, marginalizados. Essa foi a primeira massa de excluídos. O aspecto dramático foi que os escravos foram substituídos por aqueles que a Europa expulsara.

2.2. A relação perversa entre os planos econômicos e as políticas sociais

É como se coubesse à política social reparar as desigualdades que a economia gera ou aprofunda. No passado, tinha-se a visão de que a economia deveria crescer primeiro, para depois se cuidar dos aspectos sociais. Decorre daí que, com base em uma herança escravocrata, se acumularam os fatores de desagregação. Com a aceleração do processo inflacionário, agravou-se a concentração da renda.

2.3. A ineficiência de nossas políticas sociais

Existem hoje, no país, condições para equacionar nossos problemas sociais. A de-

mocracia trouxe a participação, o debate e a indignação diante da injustiça. A sociedade vem cobrando dos governantes medidas corajosas e eficientes e está pronta para dar a sua contribuição.

O governo tem, portanto, a responsabilidade de adotar as políticas adequadas, indicar os rumos e mobilizar esse desejo de mudança. Mas o combate à injustiça social do Brasil é tarefa que transcende a ação exclusiva do Executivo. Requer uma ação conjunta da sociedade. Se não houver mobilização de todos, principalmente dos mais necessitados, as camadas mais influentes da sociedade farão pressão para que a situação permaneça como está, de modo que não percam os privilégios, o que significa, resumidamente, manter a desigualdade social.

A igualdade de oportunidades é um dos fundamentos da democracia e pressupõe acesso universal à educação e à saúde. Se mantida a assimetria social, serviços como saúde e educação beneficiarão apenas os que têm condições de decisão, que já têm poder e recursos; daí a importância da educação para o exercício da cidadania.

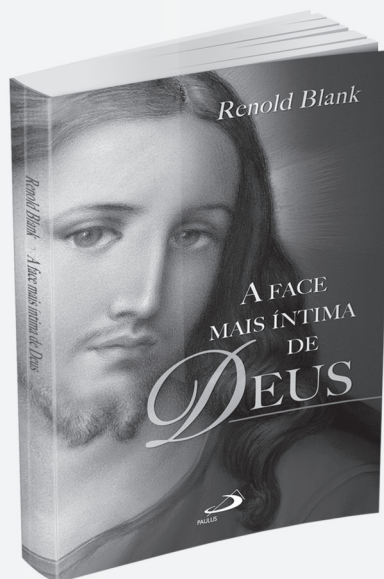
3. Entendendo o que significa cidadania

Vejamos rapidamente o conceito de Estado, sociedade civil e mercado para, então, definirmos o que entendemos por cidadania nesse contexto. O Estado é o resultado da correlação de forças políticas, econômicas, sociais e culturais; é o conjunto de organizações e leis que regulamentam e permitem a vida de um país por meio de três poderes: o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. O Estado tem por finalidade promover o bem comum. A sociedade civil é a sociedade organizada, que defende os interesses e os direitos dos cidadãos, vigilante para que o Estado cumpra seu dever de atender às necessidades básicas da população. O mercado é basicamente a organização da economia, envolvendo produção, troca e venda dos bens.

A cidadania é compreendida como o exercício da plenitude dos direitos, como garantia da existência física e cultural e reco-

A face mais íntima de Deus

Renold Blank



Para os cristãos deste século, marcado por crescente globalização cultural, surge uma nova e muito urgente indagação: Onde se encontra aquilo que é especificamente novo na concepção bíblica de Deus? A partir de novas perspectivas, esta obra nos chama para voltar às fontes que nos falam de Deus, para que cada vez mais e mais pessoas sintam-se tocadas pela Sua verdadeira face mais íntima.

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 208
Cód.: 9788534932837

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



nhecimento das pessoas como atores sociais, manifestando-se concretamente pelo exercício do voto e pela participação nos conselhos municipais ou estaduais de saúde, de educação e de idosos, entre outros. A realização individual e comunitária de cada pessoa é sempre considerada um valor acima do Estado e do mercado. No centro de todo processo político tem de estar o cidadão. Mas quem é o cidadão? O cidadão é uma pessoa revestida de plenos direitos civis, políticos e sociais que, como uma de suas obrigações, trabalha pela proteção vigilante do Estado, no usufruto dos direitos. Para atingirmos essa realidade, necessitamos ser educados.

4. O grande desafio da educação para a cidadania

Educar, no fundo, é preparar cada pessoa para esse papel social. Nas sociedades complexas atuais, a participação em projetos comuns ultrapassa em muito a ordem da política em sentido estrito. É na sua atividade profissional, cultural, associativa, de consumidor que cada membro da coletividade deve assumir as suas responsabilidades perante os outros. Há, pois, que preparar cada pessoa para essa participação, conscientizando-a dos seus direitos e deveres, mas também desenvolvendo as suas competências sociais e estimulando o trabalho em equipe na escola.

Assim, educar é moldar o caráter das pessoas para que possam alcançar a condição de cidadãs cooperativas na construção da sociedade solidária. A formação do cidadão é o cultivo da liberdade, da solidariedade, da tolerância, da convivência democrática, da luta contra a discriminação e a desigualdade social. Os valores da educação para a cidadania se baseiam no modelo dialógico – a capacidade de estabelecer diálogo racional com todos. E os valores-guia são: diálogo, respeito, tolerância, empatia, compreensão, solidariedade, dignidade da vida humana, igualdade, liberdade, entre outros.

De qualquer forma, é certo que o processo de avanço das garantias dos direitos da cidadania depende, fundamentalmente,

muito mais dos fatores reais de poder que integram a constituição do Estado do que das formas e modelos jurídicos. Decorre daí a importância das reivindicações da sociedade civil, organizada em movimentos sociais, em comunidades de base, ONGs etc., uma vez que, por meio delas, a cidadania e a democracia (conceitos indissociáveis) serão efetivamente conquistadas.

O conceito de cidadania está na ordem do dia, porque ela significa exatamente o avanço da própria democracia substancial, ou seja, aquela que caminha para a igualdade social e econômica. Assim, a base verdadeira dessa transformação está na educação política (em sentido amplo) do povo, envolvendo tanto a participação na vida coletiva quanto a educação para a ética na política. A educação é, na verdade, condição para o exercício da cidadania. Além de ser um direito social básico e elementar, é o caminho – ou a condição necessária – que permite o exercício concreto da conquista dos direitos da cidadania, entre os quais o direito fundamental à saúde.

5. Em torno da necessária conquista do direito à saúde na prática!

A saúde é direito humano fundamental e, conforme a Carta Magna de nosso país (1988), deve ser garantido a todo brasileiro. A saúde não pode ser definida apenas como a ausência de doenças. É, antes de tudo, o resultado das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, lazer, liberdade e acesso a serviços de saúde.

Promover a saúde significa intervir socialmente na garantia dos direitos e nas estruturas econômicas que perpetuam as desigualdades na distribuição de bens e serviços. As políticas de saúde existem para implementar estratégias governamentais que visam corrigir os desequilíbrios sociais e propiciar a redução das desigualdades sociais.

Ao examinarmos a situação da saúde brasileira, encontramos uma série de problemas que são consequência das condições de vida da população e refletem desigualdades de

várias ordens. São desigualdades provenientes de uma distribuição não equitativa de riquezas, recursos e oportunidades. Poucos têm muitos direitos, e muitos têm quase nenhum. Garantido na lei, negado na prática. O mesmo ocorre com a distribuição de renda e os recursos públicos.

A saúde do povo brasileiro não vai bem. A mortalidade infantil no país ainda é alta em comparação com outros países. A mídia faz festa diariamente com o “caos” na assistência médico-hospitalar pública brasileira. Hospitais lotados, filas de espera enormes, planos de saúde que excluem literalmente os idosos no momento em que mais precisam de cuidados, quase nada é coberto pelo convênio. Greves constantes de trabalhadores de saúde por melhores salários e condições dignas de trabalho. Aumento de casos novos de doenças como a dengue, a tuberculose etc.

É preciso que a ação de cidadania se exerça via controle social, com participação ativa e crítica nas instâncias oficiais, em que se decide sobre as políticas e recursos de saúde. Isso tem de ocorrer em âmbito federal (Conselho Nacional de Saúde), estadual (Conselho Estadual de Saúde) e municipal (Conselho Municipal de Saúde). É a sociedade organizada vigilante e controlando o Estado.

A saúde é um bem primário, porquanto corresponde à exigência fundamental da pessoa e constitui o pressuposto para a obtenção de outros bens. As diversas legislações de países avançados socialmente definem o conteúdo desse direito, sublinhando a responsabilidade das instituições públicas no que diz respeito à promoção, prevenção e cuidado para com as necessidades da saúde.

No caso do Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) é um sistema fundado na justiça e na solidariedade, ótima concepção filosófica. Infelizmente, resta muito ainda para fazê-lo funcionar a contento, e, após 20 anos de sua criação, urge resgatá-lo da teoria e torná-lo funcional e operacional na prática, pois a vida de 150 milhões de brasileiros depende exclusivamente dele!

BIBLIOGRAFIA

- BARCHIFONTAINE, C. P. *Bioética e início da vida: alguns desafios*. Aparecida: Ideias e Letras; São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2004.
- _____. *Saúde e cidadania*. Aparecida: Santuário, 2003.
- _____. *Saúde pública, bioética e Bíblia: sejamos profetas!* São Paulo: Paulus, 2006.
- BERLINGUER, G. *Bioética cotidiana*. Tradução de Lavinia Bozzo Aguilar Porciúncula. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.
- GEMEREK, B. *Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura europeia 1400/1700*. Tradução de Henryk Siewierski. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- OLIVEIRA, F. *Bioética, uma face da cidadania*. São Paulo: Moderna, 1997. (Coleção Polêmica.)
- PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE C. P. *Problemas atuais de bioética*. 9. ed. São Paulo: Loyola: Centro Universitário São Camilo, 2010.
- SIQUEIRA, J. E.; ZOBOLI, E.; KIPPER, D. J. (Org.). *Bioética clínica*. São Paulo: Gaia, 2008.
- SOUSA SANTOS, B. Ciência. In: CARRILHO, M. M. (Ed.). *Dicionário do pensamento contemporâneo*. Lisboa: D. Quixote, 1991.

LITURGIA DIÁRIA DAS HORAS

Apresenta as orações da manhã, tarde e noite



“A pedagogia da Igreja deve saber ‘ousar’. É importante introduzir os fiéis na celebração da Liturgia das Horas, que ‘enquanto oração pública da Igreja, é fonte de piedade e alimentação da oração pessoal’” (Da Carta Apostólica SPIRITUS ET SPONSA, do papa João Paulo II, no 40º Aniversário da Constituição SACROSANCTUM CONCILIIUM, do Concílio Vaticano II).

Assine já a Liturgia Diária das Horas

Tel.: 11 3789-4000 (São Paulo e Gde. S. Paulo)

Para outras localidades, ligue 0800 164011

ou envie um e-mail para assinaturas@paulus.com.br

UM GRITO ÉTICO POR JUSTIÇA E EQUIDADE NO MUNDO DA SAÚDE!

Pe. Leo Pessini, mi*

*Temos de ser iguais quando a diferença nos inferioriza,
mas temos de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.*

Boaventura de Sousa Santos

Introdução

A saúde é um dos valores mais básicos do coração humano, juntamente com o desejo de amar e ser amado e a busca de ter longa vida ou mesmo de querer viver para sempre! É uma questão vital em termos de construção de um futuro para a humanidade com qualidade de vida, que vá além do nível da mera sobrevivência sofrida, para as novas e próximas gerações. O mundo da saúde se transformou hoje numa questão de salvação (possibilidade de viver mais e com qualidade de vida) ou condenação (morte prematura) para milhões de pessoas no mundo.

Para além da clássica definição da Organização Mundial da Saúde – OMS (1946): “completo bem-estar físico, mental e social e não somente a ausência de enfermidades (...)”, a saúde é composta de alguns ingredientes muito simples da nossa realidade, tais como educação, recursos econômicos, ocupação/trabalho, terra para cultivar, um ambiente saudável, ar e água puros, entre outros. A saúde é o pré-requisito para o desenvolvimento pessoal e comunitário e articula-se com nutrição, educação, emprego, remuneração, promoção da mulher, crianças, ecologia, meio ambiente e outros.

É necessário agir para promover e proteger a vida humana e a saúde, não somente cuidando das necessidades individuais imediatas, das comunidades e relações interpessoais, mas também apoiando a construção de políticas

públicas e projetos de desenvolvimento de abrangência nacional, regional e local, dentro de uma estrutura marcada pelos valores e referenciais éticos de solidariedade, justiça e equidade. Essa concepção socioecológica da saúde nos ajuda a entender não somente as causas físicas, mentais e espirituais de doenças, mas também as causas político-sociais que provocam, além das doenças, injustiça nessa área. Os mais necessitados de cuidados com a saúde são simplesmente excluídos. Essa realidade iníqua não deixa de ser uma injustiça que clama aos céus!

A área da saúde transformou-se em gigante complexo industrial e tecnológico, com investimentos astronômicos de recursos para pesquisas, equipamentos e treinamentos de profissionais especializados. Os protagonistas nessa área de investimentos almejam ganhar dinheiro e aumentar seu capital, mais do que ser uma presença motivada por valores humanos de cuidado da saúde dos mais vulneráveis da sociedade. É muito preocupante a hegemonia dos “valores” de mercado, sem nenhuma referência a valores éticos de saúde, qualidade de vida e bem-estar social.

Os sistemas de saúde das nações mais desenvolvidas do mundo estão em crise. Os

* Camiliano, professor doutor de Teologia Moral/Bioética no mestrado em Bioética do Centro Universitário São Camilo – SP. Membro da Comissão Nacional de Revisão do Código de Ética Médica do Conselho Federal de Medicina (CFM). Autor de numerosas obras na área de bioética.

recursos econômicos não são suficientes para suprir todas as necessidades relacionadas à saúde das pessoas, somando-se a isso a chamada “medicina dos desejos” (cirurgias estéticas...)! Ultimamente estamos presenciando áspersos debates políticos em busca de uma saída para esse impasse estrutural-governamental relacionado aos sistemas de saúde. Foi o que vimos recentemente nos Estados Unidos com o governo Obama, que incluiu no sistema 30 milhões de americanos que estavam à margem de qualquer direito a cuidados de saúde, sem falar do problema dos chamados imigrantes ilegais. É importante registrar que o último relatório da OMS sobre a saúde no mundo toca justamente na questão econômica dos sistemas de saúde (“Financiamento dos sistemas de saúde: o caminho para a cobertura universal”).

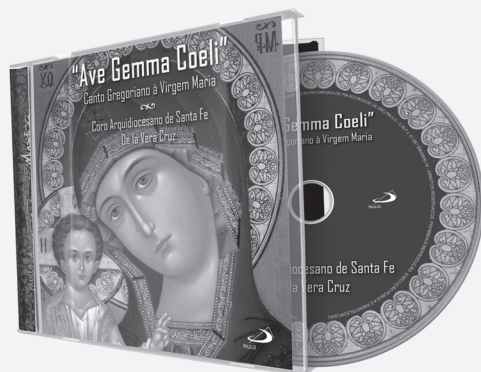
O mundo da saúde é hoje um campo de grandes injustiças, desigualdades e iniquidades! Atualmente, no Brasil, oito em cada dez habitantes dependem do Sistema Único de Saúde (SUS). Dos 196 milhões de brasileiros, pouco mais de 40 milhões têm planos de saúde; portanto, 150 milhões de brasileiros dependem única e exclusivamente do SUS. Assim, temos de lutar para que ele se aperfeiçoe e corrija erros, incompetências administrativas, falta de investimento e desvio dos já parcos recursos. Se estivermos juntos dos mais vulneráveis da sociedade brasileira, temos de trabalhar para que o SUS funcione bem e atenda às necessidades básicas de saúde, como está prescrito na nossa Constituição. O sistema público de saúde brasileiro tem uma concepção filosófica humanista-comunitária maravilhosa; é perfeita na teoria, mas na prática deixa muito a desejar, revelando-se um caos em termos de funcionamento.

Esta é a hora da esperança ética na busca por justiça e equidade. Sem melodrama ou mentalidade apocalíptica, lembramos que o século XXI, ou será o século que porá a ética no centro de tudo como prioridade, ou simplesmente será o século em que deixaremos de existir! Tendo presente esse contexto, refletiremos eticamente sobre a questão da justiça

CD Ave Gemma Coeli

Canto gregoriano à Virgem Maria

Coro Arquidiocesano de Santa Fe De la Vera Cruz



A presente compilação inclui 20 faixas dedicadas a Virgem Maria, todas de altíssima qualidade vocal e sonora. O diferencial deste CD é que as letras dos cantos vêm escritas em latim seguidas pela tradução, frase por frase, em português. O recurso permite que o ouvinte compreenda o que está escutando, incentivando-o a cantar com o coro. No encarte há um breve histórico do coral argentino que interpreta as canções, fundado em 1991.

Faixas: 20
Cód.: 7891210011176

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



e da equidade no mundo da saúde em terras brasileiras.

1. Igualdade e equidade no sistema de saúde

Entendemos por sistema de saúde o resultado das condições econômicas e sociais do país, bem como da ideologia e dos valores éticos prevalentes na sociedade, cujo objetivo é proporcionar ótimo nível de saúde às pessoas, nivelar equitativamente a saúde, proteger as pessoas dos riscos de adoecer e satisfazer as necessidades de saúde individuais. A Organização Pan-Americana de Saúde (2002) definiu saúde pública como “o esforço organizado da sociedade, principalmente através de suas instituições de caráter público, para melhorar, promover, proteger e restaurar a saúde das populações por meio de atuações de alcance coletivo”.

Nesse contexto, a equidade se refere a questões de distribuição dos cuidados de saúde e de acesso a eles. No nível mais concreto, é o modo pelo qual os pacientes são tratados nas instituições de saúde. A medicina científica de alta tecnologia está mais preparada do que nunca para curar e prevenir doenças, mas a maioria das pessoas autônomas, as indústrias e até mesmo o governo não podem arcar com os custos crescentes. Pacientes ricos podem experimentar o êxtase de se recuperar de uma doença que traz risco de morte, mas um número cada vez maior de pacientes menos afortunados sente raiva e frustração por não ser tratado quando necessita de cuidados e por ser deixado à margem das benesses do dito progresso. A perspectiva cristã fornece sólida fundamentação para a construção de um sistema de saúde baseado na solidariedade, na fraternidade, na igualdade e na justiça social; um sistema de saúde que abarca a todos: os doentes e os sãos. Sempre que a equidade e a justiça são violadas, a vida do ser humano corre risco e falar em saúde é mera utopia.

A equidade exige que bens e serviços essenciais, fornecidos somente a algumas pessoas da sociedade, estejam disponíveis para outras, que têm necessidades similares e compartilham a mesma dignidade. O cuidado essencial com a

saúde não deve estar disponível somente para alguns. Se mesmo bens e serviços essenciais são tão escassos ou tão caros que não podem ser oferecidos a todos, então, de acordo com a teoria, eles devem ser disponibilizados na forma de sorteio. O valor igual de cada pessoa é reivindicado, então deveria ser protegido.

A lógica de tal conceitualização é admirável. Contudo, oferecer bens e serviços para o atendimento igualitário das necessidades humanas essenciais é algo tão complexo, que a lógica não funciona na prática. A lógica é simples, mas as diferentes realidades são complexas. A equidade impõe obrigações, mas por si só não resolve os problemas da distribuição dos cuidados de saúde. Esquemas extremamente simples como o mencionado para viabilizar a equidade simplesmente não ajudam. Para a equidade funcionar na prática, a economia e a política também devem funcionar, e muitos outros princípios e referenciais éticos devem ser praticados. A autonomia, por exemplo, não pode ser ignorada, bem como a dignidade do ser humano. Sem compaixão, a equidade não pode nem determinar a necessidade do cuidado de saúde nem oferecer os serviços necessários.

2. Sobre o conceito de equidade e se é possível mensurá-la

A equidade e a justiça estão estreitamente vinculadas. A justiça estabelece os padrões para a distribuição dos bens, e a equidade é um dos padrões. A justiça distributiva se refere à alocação de bens e serviços limitados. A distribuição dos bens e serviços para todos na mesma base é um dos significados tanto para a justiça quanto para a equidade. Idealmente, a justiça se esforçaria para tornar, na realidade concreta da vida de cada um, todos os seres humanos iguais, quanto fosse possível. É o filósofo norte-americano John Rawls, em sua magistral obra *Teoria da justiça*, publicada no início da década de 1970, que trabalha o conceito de justiça como equidade (*justice as fairness*), aplicada à distribuição dos bens sociais. Para esse autor, a justiça “consiste em realizar uma sociedade como sistema equitativo entre cidadãos livres e iguais”. As

perguntas centrais da ética são estas: O que é uma sociedade justa? Como construí-la? A justiça é a virtude da cidadania.

A igualdade é a consequência buscada pela equidade. A igualdade já não é o ponto de partida ideológico que tendenciosamente buscava anular as diferenças. É reconhecendo as diferenças e as necessidades diversas dos sujeitos sociais que podemos alcançar a igualdade. Esse é o ponto de chegada da justiça social, referencial dos direitos humanos abrindo caminho para o reconhecimento da cidadania. A equidade deve ser o referencial ético fundamental a guiar o processo decisório de priorização da alocação de recursos escassos. Associando a equidade com os valores éticos da responsabilidade (individual e pública) e da justiça, garante-se o valor do direito à saúde. A equidade, ao reconhecer as diferentes necessidades de sujeitos também diferentes, atinge direitos iguais que são o caminho ético para garantir concretamente os direitos humanos universais, entre os quais o direito à vida, efetivado na possibilidade de acesso aos cuidados necessários de saúde.

Qual é a eficácia de um sistema de saúde que deve fornecer bens e serviços básicos a todos? A resposta a essa pergunta depende de como os bens e serviços básicos são identificados e mensurados e do entendimento das pessoas que estão operando esse instrumento. Cada sociedade organiza, financia e fornece serviços de saúde de maneira diferente. As organizações de saúde tentam fornecer esse benefício dentro dos limites dos recursos disponíveis e das perspectivas políticas predominantes. Comparar um sistema de saúde com outro é difícil, pois a própria definição de cuidados de saúde pode diferir consideravelmente de uma cultura para outra. Cuidados de saúde, em algumas culturas como a nossa, pode ser sinônimo de curar doenças específicas e, em outras culturas, pode significar prevenir doenças em vez de simplesmente curar as enfermidades. O julgamento sobre o que seja equidade e iniquidade não pode ser separado de todas as metáforas de base e das crenças socioculturais reinantes nessa área.

As pessoas em geral concordam que o referencial ético da equidade é importante e que a equidade deve ser buscada e implementada. Mas também é verdade que elas têm outras crenças a respeito dessa questão. Muitos norte-americanos, por exemplo, acreditam no mercado livre e não no governo como fornecedor e distribuidor de bens, benefícios e serviços de saúde. Em outros países, as pessoas acreditam que o sistema de saúde é responsabilidade do governo. Dadas as diferentes crenças, a variedade de sistemas de saúde, a diversidade de valores culturais, os diferentes sistemas econômicos e os diferentes níveis de cuidados, a equidade se torna valor difícil de ser mensurado e mais ainda de ser implantado.

3. Equidade, igualdade e o conceito de direitos humanos

Na história da evolução da proteção do “bem saúde”, o seguro-saúde foi inserido como forma de proteger trabalhadores assalariados, que se tornavam vulneráveis ao adoecerem. Os trabalhadores com uma apólice de plano de saúde básico conseguiam certo grau de igualdade em serviço de saúde. Mais tarde, os governos interferiram para expandir a cobertura básica para outros grupos mais vulneráveis, entre os quais idosos e pobres. O sistema de saúde amplamente estendido deu vida à ideia de equidade no sistema como um direito básico. O conceito de direitos humanos motivou os industriais e os governantes a implantar programas de cuidados da saúde para os necessitados.

O conceito dos direitos humanos está conectado com equidade no sistema de saúde, tanto histórica quanto filosoficamente. A equidade, embora seja um conceito antigo, somente no final do século XX e início deste foi proposta como direito humano universal. Ela está ligada às necessidades básicas para uma vida humana decente, como libertação da escravidão, da tortura e da prisão arbitrária. Está no mesmo nível da liberdade de expressão, reunião e religião. A equidade no sistema de saúde está inclusa no conceito geral

do direito a tratamento igual perante a lei. A inclusão do referencial ético da equidade entre os direitos humanos mais básicos certamente coloca em terra firme a nossa busca contínua pela igualdade no sistema de saúde.

4. Enfrentando as ameaças à equidade como um direito humano básico

O problema é que não importa o tamanho do esforço e quão limitados são os recursos e investimentos para estender os cuidados de saúde a todos: esse ideal está ainda longe de ser alcançado. Em consequência, alguns simplesmente desistiram e substituíram autonomia por equidade. Autonomia individual, aliada ao capitalismo do mercado livre, cria uma visão que faz que os cuidados de saúde sejam algo que cada pessoa pague do seu próprio bolso. No entanto, ninguém deve pagar por outra pessoa nessa visão. Se a equidade, no sentido de que cada pessoa tem o direito à proteção e aos cuidados de saúde, não pode ser alcançada, o resultado é que qualquer tentativa de se aproximar do ideal está perdida. Aqui está um exemplo clássico de um bebê sendo jogado fora junto com a água da banheira.

Paradoxalmente, o mesmo conceito de direitos, que já ajudou a propulsar iniciativas de equidade de cuidados com a saúde, desafia os avanços conseguidos com muito custo. As pessoas se preocupam com direitos, mas o conceito de direitos ampliou-se. Para além de pacientes reivindicando um direito de acesso aos cuidados de saúde, temos os médicos que também reivindicam o direito de decidir de quem vão tratar. As empresas de planos de saúde e instituições de saúde também reivindicam o direito de satisfazer os interesses financeiros de seus acionistas. Industriais e empresários reivindicam o direito de competir mundo afora e não ficarem em desvantagem por terem de pagar por benefícios de saúde para seus funcionários. As empresas farmacêuticas reivindicam o direito de lucrar nos produtos de sua pesquisa e assim cobrar valores exorbitantes por sua medicação. Todas essas reivindicações estão no sentido contrário

de viabilizar o direito ao acesso igual à saúde básica para todos.

A máxima “a cada pessoa conforme suas necessidades”, partindo do princípio da igualdade como uma interpretação de justiça, exige que a sociedade organizada e o Estado forneçam meios para garantir as necessidades individuais (cada pessoa sendo única e com diferentes necessidades). Essa ideia foi implementada na criação do National Health Service (Serviço Nacional de Saúde), após a Segunda Guerra Mundial, na Inglaterra e posteriormente em países como a Noruega, a Suécia, a Finlândia, a Austrália, a Nova Zelândia, bem como nos antigos países socialistas e em Cuba. O problema é dar conta das necessidades de todas as pessoas. Essas necessidades, de ordem física, psíquica e social, modificam-se, sofisticam-se e, mesmo em países avançados com situação econômica privilegiada, contrapõem-se à inexistência de recursos suficientes destinados a atender sua totalidade. E há outras necessidades que reivindicam os mesmos recursos limitados: alimento, educação, proteção, transporte, segurança, prevenção contra as drogas, suprimento de água etc. Esses elementos não são considerados necessidades de saúde, mas têm importante impacto na saúde. Aqui surge a necessidade imperiosa de *estabelecer prioridades* na distribuição dos recursos. É por isso que muitos bioeticistas reformulam a máxima “a cada pessoa conforme suas necessidades” para “a cada pessoa conforme suas necessidades até o limite que permitam os bens disponíveis” (Diego Grácia).

Recursos escassos tornam os cuidados com a saúde um desafio que nunca pode ser superado completamente. Mas um desafio pode ser enfrentado permanentemente ao gerar iniciativas novas e criativas e ao trazer melhorias graduais significativas na correção das iniquidades no sistema de saúde.

5. Desafios específicos para a equidade na área da saúde

Falamos anteriormente da equidade como um ideal a ser perseguido, mesmo se os cui-

dados de saúde forem restritos aos cuidados primários e preventivos. É possível imaginar que uma comunidade chegue a um consenso sobre cuidados primários, preventivos e agudos com a saúde? Se esse consenso for alcançado, o que mais os cuidados essenciais, básicos ou adequados cobrem? A que mais todas as pessoas deveriam ter acesso: plano odontológico, serviços de reabilitação para vício do álcool e drogas, cuidados em casa por enfermeira, pré-natal, serviços de planejamento familiar e medicamentos? Responder a essas interrogações depende basicamente da existência ou não de recursos.

Tornar os cuidados básicos, adequados ou essenciais iguais e acessíveis a todos não é impossível, mas requer um esforço contínuo. A equidade deve, porém, manter um objetivo moral que impulse os esforços para mudança. Vejamos, a seguir, algumas circunstâncias que criam desafios para a equidade no sistema de saúde e devem ser enfrentadas.

1. Manter cobertura básica universal para todos, em face dos crescimentos estáveis em populações imigrantes. Muitos grupos humanos migram apenas por motivos de saúde.
2. O problema de custos administrativos (burocráticos) que podem consumir rapidamente os poucos recursos destinados à saúde.
3. Microgerenciamento das decisões médicas, vistas como uma necessidade para os gestores e uma intrusão pelos médicos.
4. Despesas astronômicas relacionadas às práticas ilícitas e, em consequência, práticas médicas defensivas e devastadoras.
5. Política de saúde orçamentária limitadora dos recursos necessários à saúde diante de custos crescentes.
6. O tratamento de pacientes de alto risco.
7. Pressão econômica dos fornecedores de equipamentos médicos e produtos farmacêuticos.
8. Expansão das categorias de doença mental e pagamento por um sistema de saúde, sem diminuir a necessidade e a

importância do cuidado com os que estão mentalmente doentes.

9. Combate à fraude e à corrupção no âmbito da saúde.
10. Eliminar, em nosso país, a distância entre a teoria, ou seja, o que é constitucional e garantido por lei em termos de SUS (que não deixa de ser grande conquista da Constituição de 1988), e a dramática realidade da vida concreta do povo, um verdadeiro caos, com recorrentes tragédias humanas que poderiam ser perfeitamente evitáveis.

A responsabilidade pública pela saúde, principalmente dos menos favorecidos, leva-nos a pensar que, quanto mais uma sociedade for baseada nos valores da justiça e equidade, mais deve rejeitar desigualdades sociais injustas e evitáveis. Uma sociedade justa e igualitária deve continuamente estimular a solidariedade coletiva, que tem como objetivo promover o bem-estar de todos, sem distinção de origem, raça, sexo, cor, idade e outras formas de discriminação.

6. Olhando para o futuro: alguns desafios

Precisamos nutrir a “utopia”, ou seja, construir em meio a esse contexto social injusto e desigual, em que a doença e a pobreza falam mais alto do que o bem saúde, um horizonte de significado (o conceito evangélico de “reino de Deus”). Em nossas terras, o SUS tem de funcionar muito bem e devemos colaborar nessa direção. Essa é a grande utopia a ser concretizada. Tal horizonte deve ser o guia para todas as nossas ações, escolhas, investimentos, buscas e pesquisas, pensamentos e sonhos nessa área em busca do “reino da saúde”. É preciso ousar profeticamente para a implementação de políticas sociais orientadas pelos referenciais éticos da justiça, equidade e solidariedade. Nosso grande objetivo é *construir uma sociedade justa e igualitária*, que permanentemente estimule a solidariedade coletiva voltada para a proteção do bem para todos sem preconceitos de nenhum tipo, seja de origem, raça, gênero, cor, religião, idade ou nacionalidade.

Mudança no conceito de saúde: de “caridade” para “direito”. Hoje em dia, esse direito está sendo *transformado num* “negócio”, num mercado livre sem coração! A necessidade de “empoderamento” dos pobres em termos de reivindicação (cidadania) e para fazer algo concreto e forçar o direito básico à saúde – garantida pela Constituição de muitos países (controle social do Estado pela sociedade civil) – ainda é um *direito teórico e meramente virtual* na maioria dos países da América Latina e Caribe. Em teoria, tudo é perfeito! Mas tudo é perfeito em retórica legal, já que, na realidade, as coisas são injustas. A mudança que todos esperamos e estamos buscando não vem de cima para baixo, mas da conscientização e da educação para a cidadania e o controle social.

Aqui o papel da pastoral da saúde é vital! Ela tem de fazer diferença pela sua presença e ser “o sal e a luz” neste contexto marcado pela escuridão de doenças e mortes evitáveis. Além de cuidar dos doentes (dimensão samaritana), deve trabalhar para mudar estruturas político-sociais desiguais (dimensão político-institucional). Outro desafio é preservar a identidade cristã das instituições de saúde mantidas pela Igreja e pelas congregações religiosas cujo carisma as insere no mundo da saúde a serviço dos pobres e doentes. Além disso, zelar pelos valores humanos e cristãos na formação dos futuros e atuais profissionais da área da saúde.

Na visão cristã, a saúde é vista como um “dom que Deus” confiou à responsabilidade humana. Essa responsabilidade se traduz no cuidado da própria saúde e da saúde dos mais vulneráveis, com competência tecnocientífica e humano-ética. Esse cuidado competente é um imperativo ético que se traduz, na prática, numa prioridade de ação para os discípulos missionários no mundo da saúde. O que foi prioritário para Jesus há de ser também para os seus seguidores. A ação de Jesus, sua proximidade e solidariedade com os pobres e doentes, liberta-os de toda espécie de sofrimento e enfermida-

de, devolvendo-lhes a sua saúde integral. O ser humano, neste início de século XXI, ao buscar saúde, está diante da busca pela salvação integral!

Nesse âmbito da saúde, faz-se necessário desenvolver a chamada bioética dos “quatro pês”: *promoção* da saúde, *prevenção* de doenças, *proteção* dos vulneráveis, presas fáceis de manipulação, e *precaução* ante o desenvolvimento biotecnológico, protegendo a população dos possíveis riscos de danos moralmente inaceitáveis – quer sejam uma ameaça à saúde ou à vida humana, quer sejam ameaças graves e irreversíveis – e injustos para com as gerações presentes e futuras. A responsabilidade pública pela saúde nos move a agir e refletir que, se uma sociedade se funda cada vez mais em valores da justiça, equidade e solidariedade, não deve aceitar as injustas e evitáveis desigualdades sociais, principalmente no âmbito da saúde. É mais do que hora de garantir a todos os brasileiros “o acesso universal, integral e equânime” aos cuidados necessários de saúde.

BIBLIOGRAFIA

- CALAHAN, D. Equity, quality and patients rights: can they be reconciled? In: STEPKE, F. L.; AGAR, L. (Ed.). *Interfaces between bioethics and empirical social sciences*. Santiago: World Health Organization: American Health Organization, 1992.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Discípulos e missionários no mundo da saúde: guia da Pastoral da Saúde para a América Latina e o Caribe*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2010.
- DRANE, J. PESSINI, L. *Bioética, medicina e tecnologia: desafios éticos na fronteira do conhecimento humano*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2005.
- FORTES, P. A. C. Bioética, equidade e políticas públicas. *O mundo da saúde*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 143-147, 2002.
- _____; ZOBOLI, E. L. C. P. Z. (Org.). *Bioética e saúde pública*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2003.
- GOSTIN, L. O. Public health ethics: traditions, professions and values. *Acta Bioethica*, v. 9, n. 2, p. 177-188, 2003.
- ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE SALUD. *La salud pública en las Américas*. Washington: OPS, 2002.
- PEGORARO, O. A. *Ética é justiça*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. *Problemas atuais de bioética*. 9. ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2010.
- RAWLS, J. *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Disponível em: <www.who.int>.

PASTORAL DA SAÚDE: OUSADIA PROFÉTICA NO ANÚNCIO DA VIDA E COMPROMISSO COM OS POBRES E DOENTES

Pe. Alexandre Andrade Martins, mi*

Neste ano de 2012, a Igreja convida-nos a refletir sobre a questão da saúde pública no Brasil. Essa reflexão acontece especialmente no tempo da Quaresma, com o tema da Campanha da Fraternidade: Fraternidade e Saúde Pública. Questões referentes à saúde pública no Brasil vêm de longa data. O povo brasileiro com sua luta e com a atuação profética da Igreja, especialmente das pastorais sociais, nas décadas de 1970 e 1980, obteve como vitória a criação de um sistema de saúde mantido pelo Estado e tendo como princípios a *universalidade*, a *integridade* e a *equidade*. Temos, assim, a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), voltado para todos os brasileiros e para aqueles que aqui vivem. O SUS busca democratizar o atendimento à saúde e atende mais de 75% do nosso povo. Se, de um lado, muitas vitórias foram alcançadas com o SUS, de outro, ainda temos muitas deficiências, e passos importantes precisam ser dados. Levando em consideração as deficiências existentes e almejando colaborar no avanço e na melhoria do SUS, a Igreja convida toda a sociedade, das autoridades aos mais humildes cidadãos, a refletir sobre a questão da saúde pública e agir em prol de um sistema amplo e de qualidade.

A Pastoral da Saúde tem agido de maneira profética no campo da saúde. Primeiro, por meio da sua coordenação nacional, ela organizou um abaixo-assinado a fim de sensibilizar as autoridades eclesiais, isto é, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB),

sobre a importância de uma Campanha da Fraternidade (CF) com o tema saúde pública. O resultado foi positivo, e aqui estamos refletindo sobre essa questão. Segundo, a Pastoral da Saúde, com seus mais de 90 mil agentes, tem atuado de forma significativa em defesa da vida, do nascer ao morrer com dignidade. Por fim, essa pastoral precisa dar passos largos junto com a CF-2012, sendo profética durante a campanha e sempre, não deixando morrer a semente que está sendo plantada nesta Quaresma. A Pastoral da Saúde é a Igreja ao lado dos enfermos e dos pobres, para que todos tenham vida e a tenham em abundância (cf. Jo 10,10). Ela encarna, na prática, o mandado evangélico de ir por todo o mundo, anunciar a boa-nova aos pobres e curar os enfermos (cf. Lc 9,1-6). Conscientes dessa missão pastoral, apresentamos a Pastoral da Saúde e sua ousadia profética no mundo da saúde com os objetivos de expor resumidamente essa pastoral e apresentar as suas dimensões de atuação. Com isso pretendemos oferecer elementos capazes de fundamentar e motivar a atuação da comunidade no mundo da saúde, no compromisso com os pobres e os doentes, promovendo e defendendo a vida.

O caminho que seguiremos está dividido em quatro pontos:

* Camiliano, mestre em Ciências da Religião e especialista em Bioética e Pastoral da Saúde. É diretor do Instituto Camiliano de Pastoral da Saúde (Icaps), capelão do Hospital das Clínicas da FMU-SP e professor no curso de Filosofia do Centro Universitário São Camilo.

1. a Pastoral da Saúde: definição e missão profética;
 2. as dimensões da Pastoral da Saúde;
 3. os Camilianos e a Pastoral da Saúde;
 4. anúncio de vida e compromisso com os pobres e doentes.
1. A Pastoral da Saúde: definição e missão profética

Pastoral vem de pastor, termo amplamente usado no universo da Igreja e inspirado no próprio Jesus, o Bom Pastor; a partir do pastoreio de Jesus, a Igreja procura viver pastoralmente. Saúde refere-se ao amplo contexto que envolve tudo ligado ao cuidado com a vida, do seu nascer ao morrer. Dessa forma, Pastoral da Saúde é a atuação do Povo de Deus no cuidado com o ser humano, a fim de promover saúde e vida com dignidade. A concepção do que é realmente a Pastoral da Saúde e o seu objetivo, ou melhor, a sua missão no mundo da saúde (realidade marcada por paradoxos e contradições, pois a saúde e a doença, a alegria e o sofrimento, a vida e a morte caminham lado a lado), vem do pastoreio de Jesus Cristo, que sempre esteve ao lado dos mais necessitados, de modo especial dos pobres e dos doentes. No Brasil, a saúde do nosso povo não anda muito bem, há muitas contradições e desigualdades, conseqüentemente, injustiças e sofrimento. Numa realidade como a nossa, como a Pastoral da Saúde pode contribuir com base na inspiração evangélica? A resposta, se bem que difícil de ser dada, precisa ser construída e sempre renovada pela ação dinamizadora do Espírito. Antes de tentarmos construir respostas, vejamos o que nossa Igreja, especialmente a Igreja presente na América Latina, entende por Pastoral da Saúde e sua missão.

Depois de muitos debates, reflexão e estudos, num processo que se iniciou em 1989, o Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), por meio do atualmente chamado Departamento de Justiça e Solidariedade, elaborou um guia da Pastoral da Saúde para o nosso continente. Esse guia, lançado pela primeira vez na década de 1990, foi totalmen-

te revisto e reelaborado e, a partir de 2006, esse trabalho foi feito à luz do *Documento de Aparecida*, resultado da V Conferência do Celam. A conclusão foi a publicação do guia com o título de *Discípulos e missionários no mundo da saúde: guia da Pastoral da Saúde para a América Latina e o Caribe* (em português, editado pelo Centro Universitário São Camilo).

Esse guia é um texto lúcido que nos apresenta elementos para a prática pastoral e seus fundamentos bíblico-teológicos e bioéticos, sempre iluminados pelo evangelho de Cristo. Nesse texto, encontramos bela definição do que seja Pastoral da Saúde e a sua missão, pois é uma definição que resgata a concepção de Igreja como Povo de Deus em ação evangelizadora, para o alívio do sofrimento e a libertação:

Por Pastoral da Saúde entendemos: a ação evangelizadora de todo o Povo de Deus, comprometido em promover, cuidar, defender e celebrar a vida, tornando presente a missão libertadora e salvífica de Jesus no mundo da Saúde. O Documento de Aparecida complementa: “a Pastoral da Saúde é a resposta às grandes interrogações da vida, como o sofrimento e a morte, à luz da morte e ressurreição de Jesus” (n. 89).

Essa concepção mostra que a ação da Pastoral da Saúde vai do promover a saúde, passa pelo defender e celebrar a vida até chegar ao morrer com dignidade. Dessa forma, o objetivo geral da pastoral passa pela justiça e pela solidariedade na opção preferencial pelos pobres e pelos enfermos. “Evangelizar com renovado espírito missionário o mundo da saúde, numa opção preferencial pelos pobres e enfermos, participando da construção de uma sociedade justa e solidária a serviço da vida” (n. 90).

Estar a serviço de Jesus Cristo como seu discípulo missionário, no carisma do amor aos doentes e sofredores, é estar a serviço da justiça e da solidariedade, a fim de promover, cuidar, defender e celebrar a vida, especialmente a dos mais pobres e abandonados.

2. As dimensões da Pastoral da Saúde

A definição que apresentamos de Pastoral da Saúde resgata a concepção de Igreja como Povo de Deus, e é esse povo que tem a missão de conduzir a pastoral por meio de uma ação evangelizadora no mundo da saúde, comprometida com o promover, o cuidar, o defender e o celebrar a vida. Esse ministério pastoral precisa ser realizado a partir do encontro com Jesus Cristo, numa opção preferencial pelos pobres e pelos enfermos, para, dessa forma, contribuir na construção de uma sociedade mais solidária e justa. Para exercer a sua missão no mundo da saúde, a Pastoral da Saúde foi estruturada em três dimensões, as quais mais adiante retomaremos.

Durante muito tempo, a ação pastoral da Igreja no Brasil no mundo da saúde esteve totalmente voltada para os enfermos e sua doença, isto é, dava-se apenas com a visita a enfermos de forma solidária e com a ministração dos sacramentos. Não existia uma preocupação em ter uma ação para promover saúde e lutar publicamente para obter medidas políticas e sociais para melhorar o atendimento aos doentes. Em outras palavras, não existia por parte da Igreja uma preocupação com a saúde pública em termos político-sociais, mas apenas no aspecto solidário, como falamos, ou por ações caritativas de instituições de saúde que atendiam os pobres. Acentuava-se o aspecto solidário de visitar o doente e nada mais. Essa pastoral ficou conhecida como pastoral dos enfermos. Também é verdade que por parte das ciências da saúde não existia uma preocupação com a prevenção como existe hoje; o foco era quase que unicamente voltado para o aspecto curativo.

Os tempos passaram e a Igreja foi percebendo que a ação pastoral no mundo da saúde não poderia ficar apenas restrita ao aspecto solidário da visita aos enfermos, mas deveria se expandir para os aspectos de prevenção e de lutas por políticas públicas capazes de oferecer um sistema público de saúde que atendesse o povo brasileiro com dignidade, equidade, integridade e de forma universal. Assim, na década de 1980, a Pastoral dos Enfermos deixa de existir e passa a integrar a nova pastoral social que surge, a

CD Liberte-se da ansiedade e da impaciência

Víctor Manuel Fernández
narrado por Érika Fernandes Barbosa



Há pessoas que realizam suas atividades sem se angustiarem se alguma coisa não sai como planejaram e procuram estar sempre com o coração despidido de incertezas e inquietações. Em contrapartida, outras antecipam problemas e põem-se à mercê da ansiedade e da impaciência. Este CD nos ensina a apaziguar os medos do dia a dia a partir da locução de Érika Fernandes Barbosa, que já participou de vários projetos gravados pela PAULUS.

Imagens meramente ilustrativas.

Faixas: 11
Cód.: 7891210011190

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Pastoral da Saúde. Em 1986, foi criada pela CNBB a Coordenação Nacional da Pastoral da Saúde, uma pastoral renovada e revigorada pelo dinamismo do Espírito Santo, que mostrava, por meio dos sinais dos tempos, interpretados à luz do evangelho, que a ação da Igreja no mundo da saúde precisava ir além da visita aos enfermos. Ela deveria ser uma pastoral que também promovesse a saúde e defendesse a vida.

Dentro dessa configuração de Pastoral da Saúde, começou-se a discutir como sua ação poderia ser estruturada. O resultado foi a elaboração de três dimensões: *dimensão solidária*, *dimensão comunitária* e *dimensão político-institucional*. Essas divisões, que não são estanques, mas dinâmicas e inter-relacionadas, mostram de forma clara o alcance da ação pastoral do Povo de Deus no mundo da saúde. Uma ação que vai da visita solidária àqueles que sofrem até a atuação política em prol de um atendimento digno para todos no sistema público. Uma ação que vai da solidariedade ao profetismo.

A organização pastoral em dimensões é uma inovação da Igreja no Brasil que pouco a pouco está se expandindo para outros países, especialmente para os países da América Latina. Nossa representatividade eclesial continental assumiu oficialmente essa organização tridimensional da Pastoral da Saúde como modelo de ação pastoral para toda a América Latina e o Caribe. Vejamos no que consistem essas dimensões, de acordo com o guia da Pastoral da Saúde.

Dimensão solidária. Objetivo: “ser presença de Jesus, Bom Samaritano, ao lado dos doentes e dos que sofrem no ambiente familiar, nas comunidades e nas instituições da saúde”. Nessa dimensão, a Pastoral da Saúde coloca-se ao lado dos necessitados, a exemplo do Bom Samaritano (cf. Lc 10,25-37), a fim de promover mais dignidade no viver, mesmo na dor e no sofrimento. Com isso, defende os direitos dos enfermos a um tratamento mais humano e responsável. Na solidariedade, a Igreja faz-se presente por meio do agente de pastoral, que vai ao encontro do outro ferido e faz o possível para confortá-lo no seu sofrimento e socorrê-lo na sua dor. Nas visitas aos enfer-

mos, o agente mostra com seu testemunho que é possível uma relação além da técnica com o doente, pois o ser humano enfermo no leito é visto como um ser integral, com dimensões físicas, psíquicas, sociais e espirituais.

Dimensão comunitária. Objetivo: “favorecer a promoção e a educação em saúde com ênfase na saúde pública e no saneamento básico, agindo de maneira preferencial no campo da prevenção das enfermidades e da promoção de estilos de vida saudáveis”. Nessa dimensão, organizam-se encontros com profissionais da saúde para esclarecer dúvidas. Promovem-se campanhas preventivas (como a prevenção da dengue durante todo o ano, e não apenas no verão) e mutirões de saúde. Investe-se profundamente na prevenção, começando pelos membros da comunidade cristã e abrindo-se a toda a comunidade social local para que todos adotem hábitos de vida saudáveis, a fim de viverem com mais qualidade de vida, mostrando que o primeiro a se comprometer com a saúde é a própria pessoa, para viver de forma saudável. Promove a formação de líderes comunitários para atuarem nos conselhos de saúde em defesa dos interesses coletivos e na divulgação de informações e conhecimentos importantes para toda a comunidade. Nessa dimensão comunitária, também se valoriza o conhecimento, a religiosidade e a sabedoria popular em relação à saúde.

Dimensão político-institucional. Objetivo: “zelar para que os organismos e instituições públicas e privadas que prestam serviços de saúde e formam profissionais nessa área tenham presente sua missão social, política, ética, bioética e comunitária”. Essa dimensão tem uma atuação mais política e social na luta para que todos tenham acesso a um atendimento de saúde com qualidade e o respeito à sua devida dignidade. Exige que os programas do governo aconteçam e cheguem aos mais pobres e necessitados, atuando, sobretudo, no controle social. Zela para que haja entre os profissionais de saúde uma reflexão bioética e que a humanização esteja na base do atendimento comprometido com o bem do outro.

As dimensões se entrecruzam e são como um tripé da ação pastoral: se um não vai bem, limita todo testemunho e profetismo; isto é,

caso uma dimensão deixe de existir, a defesa da vida não estará acontecendo em todos os seus aspectos. É importante lembrar que essas dimensões vão se adaptando de acordo com a realidade concreta de cada contexto específico e as suas necessidades e desafios. Atualmente, a maior parte dos agentes atua na dimensão solidária. No passado, a atuação foi muito grande na político-institucional, mas tornou-se cada vez mais urgente uma atuação na dimensão comunitária, pois nela é possível promover vida com mais saúde e qualidade. A dimensão comunitária exige ações ligadas ao âmbito político-institucional, por exemplo, para que as autoridades públicas deem mais atenção aos determinantes sociais de saúde, como o saneamento básico, e invistam efetivamente na educação para a saúde e na chamada atenção básica. Com tudo isso acontecendo, a dimensão solidária não perderá o seu valor, pois ainda existirão doentes e pessoas morrendo que precisarão de uma visita amorosa capaz de lhes proporcionar, em sua dor, uma abertura para a transcendência que dê sentido à sua vida, mesmo em meio ao sofrimento.

Em todas essas dimensões, a Pastoral da Saúde age a partir do encontro com Cristo, no qual está o seu alicerce e fundamento. Dessa forma, a pastoral é marcada por um agir evangélico sob a assistência do Espírito na promoção da saúde e em defesa da vida digna. A divisão em dimensões é apenas organizacional, pois elas se entrelaçam na cultura de vida e na promoção da saúde.

3. Os Camilianos e a Pastoral da Saúde

Ao falar de Pastoral da Saúde, não poderíamos deixar de dizer algo sobre os Camilianos e sua relação com essa pastoral. Os Camilianos constituem uma ordem religiosa fundada por São Camilo de Lellis no final do século XVI. Camilo foi um homem que teve sua vida marcada pela doença, pois carregava consigo misteriosa chaga que o fazia ir e vir várias vezes ao hospital em busca de tratamento. Nunca encontrou cura para essa sua chaga, mas a cura de uma vida sem sentido para uma vida voltada para quem sofre, sim. Em um hospital, no coração de Roma, Camilo iniciou uma obra que espalharia

por todo o mundo, servindo os enfermos. Testemunhar o amor de Cristo para com os doentes é a missão de toda a comunidade camiliana. Uma missão confiada por Deus, que escolheu Camilo de Lellis para reunir um grupo de “homens de bens” e fundar uma “nova escola de caridade” a serviço dos enfermos e dos pobres abandonados. Camilo assumiu essa missão a partir do seu encontro com Cristo em meio ao próprio sofrimento físico e espiritual e imerso em uma falta de sentido. O encontro pessoal com Jesus Cristo colocou Camilo no chão, derrubou-o do seu pedestal de arrogância, de agressividade, de intolerância e de medo de voltar-se para si mesmo – assim como o filho pródigo, quando volta para casa, é acolhido pelo pai, que não quer saber dos seus erros, mas apenas amar (cf. Lc 15,11-32). O abraço da misericórdia de Deus fez Camilo sentir a ternura e o aconchego do Pai. Essa experiência o fez voltar-se para si mesmo e para a escuta da palavra de Deus contida no evangelho. Encontrou no seu sofrimento inspiração divina para cuidar dos sofredores e a certeza de que essa era a missão que Deus o chamava a exercer, nas palavras do evangelho: “estive enfermo e me visitastes (...). Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,36-40). Esse encontro mudou totalmente a vida de Camilo, que se tornou um gigante da caridade.

Os Camilianos têm a missão de dar continuidade à obra iniciada por Camilo, qual seja, testemunhar o amor de Cristo no mundo da saúde. Eles vivem em tempos e lugares bem diferentes dos de Camilo, mas, assim como ele em sua época, têm hoje muitos desafios a serem enfrentados, pois a pobreza e o sofrimento ainda persistem no mundo contemporâneo. Doentes sempre existiram e doentes sempre poderemos ficar, pois faz parte da nossa vida de seres frágeis e mortais. Contudo, a questão não é essa; a questão é sobre a dignidade dos doentes e a possibilidade de uma vida mais saudável e com qualidade. O mundo da saúde de hoje é muito complexo e tem exigências próprias desta época. Assim, o camiliano e todos os que estão comprometidos a ajudar os mais necessitados devem estar, como diz a *Gaudium et Spes*, sempre atentos aos sinais dos

tempos e se deixar guiar pelo Espírito Santo para poderem responder aos desafios de forma criativa e atual, mas sem deixarem de beber na inspiração que Camilo bebeu, o evangelho.

4. Anúncio de vida e compromisso com os pobres e doentes

Para finalizar este artigo, depois de falarmos do que é a Pastoral da Saúde, de sua missão, de sua organização em dimensões e da atuação dos Camilianos, vamos reforçar a questão do profetismo no anúncio da vida e no compromisso com os pobres e os doentes. E, para isso, lembramos o profetismo de Jesus Cristo.

Em muitas passagens dos evangelhos, encontramos Jesus, por meio do seu ensino e ação, realizando maravilhas, com as quais mostra que outro mundo é possível, um mundo pautado na dignidade intrínseca a todo ser humano, na justiça, na solidariedade e no amor; basta acompanharmos os textos dos evangelhos lidos nos domingos da Quaresma, como o encontro de Jesus com a samaritana (Jo 4,1-41), a cura do cego de nascença (Jo 9,1-41) e a ressurreição de Lázaro (Jo 11,17-44), textos que mostram Jesus sendo profeta e anunciando a vida aos pobres, aos doentes e aos marginalizados. Em Lucas 4,16-19, encontramos Jesus assumindo a sua missão de enviado do Pai para proclamar a boa-nova aos pobres, libertar os cativos, recuperar a visão dos cegos, pôr em liberdade os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor. Essa foi a missão de Jesus, levada até o fim por amor ao ser humano frágil. Dessa forma, foi um profeta, sem medo de repressão alguma e sem ficar preso a qualquer interesse egocêntrico. Seu único interesse era mostrar ao ser humano o caminho da libertação e da vida.

Não foi fácil para Jesus conseguir levar sua missão até o fim, sendo fiel à vontade do Pai e ao seu compromisso com os pequeninos. Não é fácil para todos os agentes de pastoral da saúde serem fiéis ao seu compromisso de promotores da saúde e defensores da vida, tampouco ainda serem profetas no mundo da saúde por meio da solidariedade e na luta por justiça. Mas ser discípulo missionário de Jesus na Pastoral da Saúde é assumir essas dificuldades como de-

safios a serem enfrentados de modo profético, unidos ao Pai e no Espírito Santo, e é aqui que está o segredo de Jesus. Ele conseguiu levar sua missão até o fim porque agia no Espírito. O texto de Lucas apresenta-nos isso quando Jesus leu Isaías: “O Espírito de Senhor está sobre mim” e depois disse: “Hoje se cumpriu essa passagem da Escritura”.

No Espírito, Jesus fez o reino de Deus se tornar presente no meio de nós, morreu por fidelidade ao Pai e no compromisso em promover a vida dos “sem-vida”; ressuscitou e, antes de voltar para a direita de Deus Pai, enviou o seu Espírito para que, nele, pudéssemos dar continuidade à sua missão e trabalhar na construção do reino de Deus aqui na terra. Dessa forma, a Pastoral da Saúde deve deixar-se guiar pelo Espírito Santo e, nele, agir profeticamente no mundo da saúde, no anúncio da vida e no compromisso com os pobres e os doentes, colaborando para a construção do reino, que será sempre imperfeito enquanto na terra estivermos, mas tornará a vida mais digna possível para todos; onde ela acontecer, teremos um sinal de esperança.

Com a CF-2012, a Pastoral da Saúde tem a oportunidade de assumir, com renovado vigor, o seu profetismo no mundo da saúde, ao lado dos mais pobres e necessitados, em defesa de um sistema de saúde público amplo e de qualidade, para que a saúde se difunda sobre o nosso país e alcance todo o amado povo brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Discípulos e missionários no mundo da saúde: guia da Pastoral da Saúde para a América Latina e o Caribe*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2010.
- COORDENAÇÃO NACIONAL DA PASTORAL DA SAÚDE. *A Pastoral da Saúde e o controle social no SUS no Brasil*. Uberlândia: Pastoral da Saúde Nacional, 2010.
- INSTITUTO CAMILIANO DE PASTORAL DA SAÚDE. *Boletim São Camilo Pastoral da Saúde*. São Paulo: Província Camiliana Brasileira. (Periodicidade mensal; ver as edições de agosto de 2010 a junho de 2011.)
- MARTINS, A. *É importante a espiritualidade no mundo da saúde?* São Paulo: Paulus, 2009.
- _____. *Pastoral da Saúde em defesa da vida e do morrer com dignidade: fundamentos e prática*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2010.
- ROCHETTA, C. et al. *Dicionário interdisciplinar da Pastoral da Saúde*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Paulus, 2000.

SUGESTÕES PARA A LITURGIA

Ir. Veronice Fernandes, pddm*

MARÇO

4 de março – 2º domingo da Quaresma

1. *O Mistério que celebramos*

Hoje caminhamos com Jesus rumo a Jerusalém, local onde Jesus vai ser entregue e condenado, morto e ressuscitado. Neste caminho, subimos a montanha com Jesus, Pedro, Tiago e João, para fazermos a experiência da intimidade com o próprio Jesus, participarmos de sua glorificação e recebermos o mandamento de escutá-lo sempre.

2. *Sugestões para a celebração*

- Continuar destacando a cruz.
- Após a saudação inicial, fazer a recordação da vida, lembrando as realidades que precisam ser transfiguradas.
- “(...) Com efeito, a Sagrada Escritura, especialmente na proclamação litúrgica, é fonte de vida e de força espiritual. O evangelho, diz o apóstolo Paulo, é a força de Deus para a salvação de todo o que crê; portanto, o amor às Escrituras promove o vigor e a renovação de todo o povo de Deus. Portanto, é muito conveniente que todos os fiéis estejam sempre dispostos a escutar com alegria a palavra de Deus. Esta, de fato, quando é anunciada pela Igreja e levada à prática, ilumina os fiéis pela ação do Espírito Santo e os impele a viver na totalidade o Mistério do Senhor. A palavra de Deus, se fielmente acolhida, suscita nos corações propósitos

de conversão e leva a uma vida resplandecente de fé, pessoal e comunitária, porque a palavra de Deus é o alimento da vida cristã e fonte da oração de toda a Igreja” (Elenco das Leituras da Missa, nº 47).

- Neste dia, em que de uma maneira particular somos chamados a ouvir o que o Senhor diz, é importante valorizar o silêncio (antes e depois das leituras, após a comunhão) como momento forte para a escuta de Jesus, o Filho amado do Pai.
- Os cantos e as músicas devem conduzir-nos ao coração do Mistério celebrado.

11 de março – 3º domingo da Quaresma

1. *O Mistério que celebramos*

Neste domingo, reunimo-nos em nome do Senhor, o Templo vivo e verdadeiro de Deus. Ele nos pede coerência entre o celebrar e o agir, ou seja, atitudes perfeitas e agradáveis a Deus.

A liturgia realizada por Jesus sempre foi expressão daquilo que ele viveu e que moveu o seu coração, isto é, o amor pelo Pai e por seus irmãos e irmãs.

Como povo sacerdotal, participamos do memorial de sua entrega. Caminhamos, cada dia, na busca de fazer de nossa vida uma oferta agradável a Deus.

* Pia discípula do Divino Mestre, mestra em Teologia, com especialização em Liturgia. Atual provincial é membro do Centro de Liturgia, da Equipe de Reflexão da Pastoral Litúrgica da CNBB e trabalha como assessora nos cursos de formação litúrgica.

2. Sugestões para a celebração

- A comunidade pode iniciar a celebração cantando a meia-voz o refrão: “Misericordioso é Deus, sempre, sempre o cantarei!”
- No ato penitencial, os fiéis podem ajoelhar-se, expressão de um coração penitente e do desejo de conversão.
- Rezar a 1ª oração eucarística sobre Reconciliação.
- Os cantos e as músicas devem conduzir-nos ao coração do Mistério celebrado.

18 de março – 4º domingo da Quaresma

1. O Mistério que celebramos

Neste quarto domingo da Quaresma, somos conduzidos pelo Espírito Santo para o encontro com Jesus, como aconteceu com Nicodemos.

Lá no deserto, a serpente foi um sinal de libertação para o povo. Para a comunidade cristã, este sinal é Jesus, crucificado e glorificado. Banhados pela misericórdia infinita de Deus, cheios de fervor e exultando de fé, celebramos a entrega de Jesus, luz que arranca as trevas da idolatria, da infidelidade e do medo.

2. Sugestões para a celebração

- Valorizar a cruz, incensando-a e colocando-a em lugar de destaque, ladeada com velas acesas.
- Durante a proclamação do Evangelho, erguer a cruz diante da comunidade.
- Fazer a profissão de fé diante da cruz erguida.
- Rezar a 2ª oração eucarística sobre Reconciliação.
- Os cantos e as músicas devem conduzir-nos ao coração do Mistério celebrado.

25 de março – 5º domingo da Quaresma

1. O Mistério que celebramos

Neste último domingo da Quaresma, recebemos de Jesus o anúncio de que sua hora está chegando e de que sua glória passa pela experiência do grão que cai na terra para produzir frutos.

O sentido do grão de trigo, que morre para produzir muitos frutos, anuncia a proximidade da Páscoa: a celebração da morte e ressurreição

de Cristo. Como afirma a carta aos Hebreus, “mesmo sendo Filho, aprendeu o que significa a obediência a Deus por aquilo que ele sofreu. Mas, na consumação de sua vida, tornou-se causa de salvação eterna para todos os que lhe obedecem” (5,8-9). Este é o caminho. Cabe-nos fazer nossa opção: morrer para dar a vida.

2. Sugestões para a celebração

- Na homilia, lembrar pessoas que são como o grão de trigo, capazes de morrer para dar frutos.
- Rezar a 2ª oração eucarística sobre Reconciliação.
- Os cantos e as músicas devem conduzir-nos ao coração do Mistério celebrado.

ABRIL

1º de abril – domingo de Ramos

1. O Mistério que celebramos

Iniciamos hoje a “grande semana”. A monição inicial nos insere no sentido desta celebração: “Meus irmãos e minhas irmãs, durante cinco semanas da Quaresma, preparamos os nossos corações pela oração, pela penitência e pela caridade. Hoje, aqui nos reunimos e vamos iniciar, com toda a Igreja, a celebração da Páscoa de nosso Senhor. Para realizar o mistério de sua morte e ressurreição, Cristo entrou em Jerusalém, sua cidade. Celebrando com fé e piedade a memória desta entrada, sigamos os passos de nosso Salvador para que, associados pela graça à sua cruz, participemos também de sua ressurreição e de sua vida”.

2. Sugestões para a celebração

- A cor usada é o vermelho.
- O Missal Romano apresenta três formas para a procissão com os ramos: 1) a solene, com a procissão fora da igreja; 2) a entrada solene no interior da igreja; 3) entrada simples.
- Valorizar a proclamação do Evangelho da Paixão. É importante prepará-la bem. Pode ser proclamado ou encenado.
- Proclamar bem as leituras. Cantar com unção o salmo.
- Os cantos e as músicas devem conduzir-nos ao coração do Mistério celebrado.

5 de abril – Quinta-feira Santa (missa da Ceia do Senhor)

1. O Mistério que celebramos

Iniciamos o Tríduo Pascal. Celebramos a Páscoa da Ceia, na qual o Senhor se entrega por nós. “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1). Jesus sabia que seria entregue às autoridades que o estavam procurando havia muito tempo.

Esta noite, nós também sentamos à mesa com o Senhor, onde ele estabelece uma aliança conosco e nos ensina o verdadeiro sentido do amor: dar a vida pelos outros, numa atitude constante de serviço humilde e despojado.

2. Sugestões para a celebração

Preparar bem o local da celebração que assume um tom festivo, com flores, velas etc.

A cor utilizada é a branca.

Se for conveniente, a comunidade pode fazer o rito do lava-pés na proclamação do Evangelho.

Distribuir a comunhão sob as duas espécies. “A comunhão realiza mais plenamente o seu aspecto de sinal quando sob as duas espécies. Sob esta forma se manifesta mais perfeitamente o sinal do banquete eucarístico e se exprime de modo mais claro a vontade divina de realizar a nova e eterna Aliança no Sangue do Senhor, assim como a relação entre o banquete eucarístico e o banquete escatológico no reino do Pai” (IGMR 281).

Os cantos devem ser preparados com antecedência, prevendo ensaios. O Hinário Litúrgico da CNBB possui ótimas sugestões. As melodias estão gravadas no CD *Tríduo Pascal – I*.

6 de abril – Sexta-feira Santa

1. O Mistério que celebramos

Neste dia em que Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado, a Igreja, comunidade de fé, contempla a paixão do Senhor Jesus, adora a cruz e comemora o seu próprio nascimento do lado de Cristo.

O Senhor Jesus se entrega nas mãos do Pai. Num ato supremo de amor, inclinando a cabeça, entrega o Espírito.

Em profundo silêncio, escutamos os relatos da entrega do Senhor, que, pela morte de cruz, se tornou causa de salvação para todos; contemplamos a cruz, o lenho que trouxe a salvação a todos, e comungamos do seu Corpo doado para a vida do mundo.

2. Sugestões para a celebração

- Favorecer um clima de silêncio, recolhimento e contemplação.
- A celebração começa com a comunidade toda ficando de joelhos. Aqueles que coordenam podem se ajoelhar ou se prostrar no chão. Nesse caso, é bom prever o espaço.
- No subsídio *Dia do Senhor: guia para as celebrações das comunidades, ciclo Pascal ABC*, encontra-se uma Narrativa da Paixão em cinco cenas. Conferir páginas 192-201.
- A cruz é entronizada como sinal de vitória. Beijando e aclamando a cruz, o povo aclama e adora o Cristo que deu sua vida por nós na cruz para dar-nos a vida.
- Uma única cruz é usada para a adoração, tal com requer a verdade do sinal.
- Os cantos devem ser preparados com antecedência, prevendo ensaios. O Hinário Litúrgico da CNBB possui ótimas sugestões. As melodias estão gravadas no CD *Tríduo Pascal – I*.
- Recordem aos fiéis que o sábado é dia de meditar sobre a sepultura de Jesus, contemplando a sua paixão e morte, a sua descida aos infernos, e de esperar na oração e no silêncio a sua ressurreição. A celebração do ofício da leitura e das laudes é recomendada.¹ A Liturgia das Horas e o Ofício Divino das Comunidades oferecem indicações preciosas para esses momentos.

7 de abril – Vigília Pascal

1. O Mistério que celebramos

Na exortação inicial se diz: “Meus irmãos e minhas irmãs. Nesta noite santa, em que nosso Senhor Jesus Cristo passou da morte à vida, a Igreja convida os seus filhos dispersos por toda

a terra a se reunirem em vigília e oração. Se comemorarmos a Páscoa do Senhor ouvindo sua palavra e celebrando seus mistérios, podemos ter a firme esperança de participar do seu triunfo sobre a morte e de sua vida em Deus”.

Iniciamos com a liturgia da luz, na qual anunciamos a “luz do Cristo ressuscitado que resplandece, dissipando as trevas do coração e da mente”; escutamos as narrativas das ações salvíficas de Deus na história humana, desde a primeira criação até a nova criação em Cristo; passamos pelas águas do batismo, batizando novos filhos e renovando nossas promessas batismais; e, por fim, celebramos o ápice de sua Páscoa, dele que é o verdadeiro Cordeiro que tira o pecado do mundo e se entrega a nós nos sinais do pão e do vinho.

De fato, esta é a noite de alegria verdadeira, pois o Cristo, ressurgindo, nos trouxe a luz.

2. Sugestões para a celebração

- A Vigília Pascal é a principal celebração do ano; por isso, é necessário preparar tudo com antecedência.
- Não antecipar o horário da celebração, para não perder o seu caráter de vigília. “Toda Vigília Pascal seja celebrada durante a noite, de modo que não comece antes do anoitecer e sempre termine antes da aurora de domingo.”²
- Cantar o Precônio Pascal (*Exultet*).
- As leituras da Sagrada Escritura narram acontecimentos culminantes da história da salvação, então é bom proclamar todas as leituras. No Evangelho, é anunciada a ressurreição do Senhor, como ápice da liturgia da Palavra.³
- É importante preparar bem os leitores e salmistas para que a comunidade possa usufruir da riqueza dessa história salvífica.
- O canto do aleluia precisa ser vibrante, alegre, entusiasta.
- Proclamar bem o Evangelho, ponto culminante da liturgia da Palavra.
- É bom que seja realizado o batismo.
- Valorizar a mesa eucarística.
- Os cantos devem ser preparados com antecedência, prevendo ensaios. O Hinário Litúrgico da CNBB possui ótimas sugestões. As melodias estão gravadas no CD *Tríduo Pascal – II*.

8 de abril – domingo da Páscoa

1. O Mistério que celebramos

Este é o dia que o Senhor fez para nós! É o grande dia! A vida reinou! Com toda a criação que desperta para a vida nova, celebramos com alegria e júbilo a festa da vida!

No centro da ação eucarística, proclamamos o Mistério da nossa fé: anunciamos a morte do Senhor, proclamamos sua ressurreição e aguardamos sua vinda definitiva.

Ele está vivo no meio de nós, reparte para nós o pão de sua palavra e do Corpo e Sangue e nos convoca a ser sinais de sua Páscoa na nossa realidade.

Celebrando hoje a ressurreição do Senhor, ressuscitemos para a vida nova.

2. Sugestões para a celebração

- Preparar o espaço de forma festiva, destacando o círio pascal e a pia batismal.
- Podem fazer parte da procissão de entrada as pessoas que foram batizadas na Vigília Pascal.
- O círio pascal é aceso solenemente. Uma proposta: a pessoa que carrega o círio, ao chegar ao presbitério, volta-se para a assembleia e reza: “Bendito sejas, Deus da vida, pela ressurreição de Jesus Cristo e por esta luz radiante!” Esta oração pode ser feita por outra pessoa. Alguém incensa o círio ou queima ervas aromáticas, enquanto todos cantam: “Bendito seja Cristo Senhor, que é do Pai imortal esplendor!” Em seguida, coloca-se o círio no seu devido lugar.
- Fazer o rito de aspersão com a água abençoada na Vigília Pascal.
- Se possível, a sequência pascal pode ser encenada.
- Valorizar a mesa eucarística. Distribuir a comunhão sob as duas espécies.
- Os cantos e as músicas devem conduzir-nos ao coração do Mistério celebrado.

15 de abril – 2º domingo da Páscoa

1. O Mistério que celebramos

Nesta celebração, experimentamos a presença do Senhor ressuscitado, que traz no corpo as marcas da paixão. Ele se revela na comunidade

reunida. Os relatos da aparição do Senhor ressuscitado mostram sempre que ele aparece na comunidade reunida (cf. Lc 24,13-33; 24,36-42; Jo 20,19-29; 21,1ss). Quem não está na reunião não vê o Ressuscitado (cf. Jo 20,24).

Sua palavra de vida e de verdade nos comunica o Espírito que nos impulsiona para a missão, não obstante nossa fragilidade e nossas incredulidades.

A comunidade reunida é sacramento vivo do Senhor ressuscitado.

2. Sugestões para a celebração

- Dar destaque ao círio pascal e à fonte batismal.
- Introduzir a bandeira da paz na procissão de entrada.
- Fazer o rito de aspersão com a água abençoada na Vigília Pascal.
- O abraço da paz poderá ser feito após o Evangelho.
- Usar a bênção final própria para o tempo pascal.
- Os cantos e as músicas devem conduzir-nos ao coração do Mistério celebrado.

22 de abril – 3º domingo da Páscoa

1. O Mistério que celebramos

Neste terceiro domingo, a comunidade continua fazendo a experiência do Senhor ressuscitado. Ele se manifesta como o Senhor da paz. Ele foi glorificado pelo Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, o Deus dos nossos antepassados. Embora tenham matado o autor da vida, Deus não o abandonou, ressuscitando-o de entre os mortos.

Hoje, primeiro dia da semana, dia da vitória da vida, sejamos verdadeiras testemunhas deste grande mistério da nossa fé.

2. Sugestões para a celebração

- Introduzir a bandeira da paz na procissão de entrada.
- Valorizar o acendimento do círio pascal.
- A aspersão com água batismal, acompanhada de um canto apropriado (*Eu vi, eu vi, vi foi água a manar... / Banhados em Cristo, somos uma nova criatura...*), substitui o ato penitencial e ajuda a

comunidade a retomar o batismo como mergulho na Páscoa do Senhor.

- O abraço da paz poderá ser feito após o Evangelho.
- Os cantos e as músicas devem conduzir-nos ao coração do Mistério celebrado.

29 de abril – 4º domingo da Páscoa

1. O Mistério que celebramos

Hoje o Senhor ressuscitado se revela como o Bom Pastor que, com ternura, cuida do seu povo, particularmente dos mais pobres e necessitados. Diferentemente do mercenário, o Bom Pastor se importa com as ovelhas. Dá a vida por elas.

Ouçamos a voz do Pastor que nos conhece pelo nome. Ao redor da mesa eucarística, damos graças sobre o pão e o vinho, sinais sacramentais de sua vida, oferta agradável a Deus.

2. Sugestões para a celebração

- Cuidar do espaço para que seja expressão da Páscoa do Senhor, destacando o círio pascal, a fonte batismal, a mesa da Palavra e a mesa eucarística.
- Se possível, na procissão de entrada, levar um ícone ou imagem do Bom Pastor.
- Na recordação da vida, que pode ser feita após a saudação inicial, lembrar pessoas que são pastores e pastoras pondo a vida a serviço dos irmãos e irmãs.
- Após a homilia, quem preside se dirige à fonte batismal e pronuncia a oração de bênção da água. Em seguida, convida a comunidade a ficar de pé e fazer a renovação do batismo, em que cada pessoa é chamada e reconhecida pelo nome pelo Bom Pastor. Logo após, asperge todos, enquanto se entoia um canto apropriado.
- Fazer a bênção final própria para o tempo pascal.
- Os cantos e as músicas devem conduzir-nos ao coração do Mistério celebrado.

Notas:

1. Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Paschalis Sollemnitatis: preparação e celebração das festas pascais*, n. 73. (Documentos Pontifícios, 224.)
2. Ibid., n. 78.
3. Cf. Ibid., n. 85-87.

ROTEIROS HOMILÉTICOS

(Também na internet: www.paulus.com.br)

Pe. José Luiz Gonzaga do Prado*

2º DOMINGO DA QUARESMA
(4 de março)

CAMINHO DA CRUZ E DA VITÓRIA

I. INTRODUÇÃO GERAL

No segundo domingo da Quaresma, temos, todos os anos, o episódio da transfiguração. No início da caminhada, é sempre importante olhar para a chegada. Para os que se preparam para o batismo, ou para nós que nos preparamos para renovar os compromissos do nosso batismo a fim de vivê-los melhor, será bom ver o que o episódio nos ensina.

Aos discípulos que mais de perto o acompanham, Jesus quer mostrar que ele é o Messias sofredor, que o caminho da vitória e da glória é a cruz. Isso ele já vinha dizendo e voltará a dizer, mas essa verdade é tão distante da mentalidade geral, que os discípulos nem sequer querem ouvi-la. Hoje também.

A voz do céu lembra os poemas ou cânticos do Servo Sofredor do Segundo Isaías (“o meu amado”) e recomenda aos discípulos: “Ouvi-o, escutai o que ele está dizendo!” Hoje também.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Gn 22,1-2.9a.10-13.15-18)

A narrativa do sacrifício de Isaac, na hipótese das fontes do Pentateuco, vem da fonte eloísta. Essa fonte ou tradição relata com frequência alguma tentação ou provação, refletindo o que acontecia no reino do norte, especialmente na época de Elias. A provação de Abraão reflete algumas dessas tentações.

A primeira dessas tentações é o sacrifício de crianças. O rei de Moab, na época, considerada

a redação eloísta, sacrificou o próprio filho e sucessor em cima da muralha (2Rs 3,27). Esse costume chegou a entrar em Israel e Judá e é fortemente combatido pelos profetas.

A história pode vir também em reforço à obrigação de resgatar o primogênito. Segundo Ex 34,19-20, todo primogênito pertence a Deus. O dos animais domésticos deve ser sacrificado em honra de Javé, só o da jumenta pode ser resgatado pelo sacrifício de outro animal. O filho primogênito deve obrigatoriamente ser resgatado, como Isaac é substituído pelo carneiro.

Na leitura cristã, Isaac é comparado a Jesus morto-ressuscitado. Como ele subiu a montanha levando a lenha com que seria queimado em holocausto, Jesus subiu ao Calvário levando sua cruz. Como aquele voltou vivo e como esperança de grande descendência, assim Jesus se levanta da morte e torna-se o primeiro de muitos irmãos.

2. II leitura (Rm 8,31b-34)

Os cristãos judeus de Roma foram expulsos da cidade por Cláudio, por causa de agitações sociais provocadas por certo Crestos (Cristo, sem dúvida). Agora Nero permitiu a volta dos judeus e muitos estavam retornando.

Retornavam mais pobres do que tinham partido e também cheios de ardor nacionalista, mais apegados a suas tradições e influenciados pelas ideias de rebelião contra o império, as quais fervilhavam entre os judeus. Os irmãos de fé não judeus ficaram em Roma. Naturalmente ter-se-iam afastado sempre mais do que era simples tradição judaica e poderiam agora estar discriminando os judeus que voltavam.

* Mestre em Teologia pela Universidade Gregoriana e mestre em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Autor de diversos livros, entre os quais *A missa: da Última Ceia até hoje*.

Diante dessa situação, Paulo escreve a carta aos cristãos romanos, muitos dos quais gentios, para dizer-lhes que judeus e gentios são iguais em tudo e um não tem direito de julgar o outro. São iguais no pecado e na graça. A fé, independentemente da circuncisão ou da Lei, iguala-os. São iguais na morte que veio por Adão e na vida que vem por Cristo. São iguais na nova Lei que é o Espírito e solidários com todo o universo criado.

Paulo encerra essa parte da carta com um hino cujos primeiros versos constituem a 2ª leitura de hoje. Ele havia começado o capítulo 8 dizendo que, para todos os que estão no Cristo Jesus, não existe condenação.

No trecho da carta lido hoje, Paulo dá a razão para tanto: Se Deus é por nós, se entregou seu Filho por todos, judeus e gentios, não vai condenar ninguém. Jesus, que por todos morreu, ressuscitou e intercede por nós, também não o fará.

3. Evangelho (Mc 9,2-10)

Vejam os em que contexto está inserido o episódio da transfiguração. O Evangelho de Marcos consta claramente de três partes: a primeira, na Galileia, com a formação dos discípulos; a segunda, o caminho para Jerusalém; a terceira, em Jerusalém, com o confronto final, quando os inimigos matam Jesus, mas Deus o ressuscita e manda que os discípulos voltem a se encontrar com ele na Galileia.

O episódio da transfiguração está no início da segunda parte, a caminhada para Jerusalém, para a cruz, para a ressurreição.

No trecho (8,27 a 9,37) em que tem início a caminhada para a cruz-ressurreição, Marcos serve-se do paralelismo entre partes que se correspondem em ordem inversa, de modo semelhante a um sanduíche. Aqui “o sanduíche” teria duas fatias de *pão* (A e A’), duas de *queijo* (B e B’) duas folhas de *alface* ou rodelas de *tomate* (C e C’) e no miolo a *carne*. O episódio da transfiguração, inserido no centro das duas sequências paralelas ao inverso, é o miolo do “sanduíche”, o que mostra a sua importância.

Podemos ver isso esquematicamente da seguinte forma:

<i>Pão</i>	A. Com os <i>discípulos</i> , Jesus pergunta: “Quem sou eu?” (8,27-30)
<i>Queijo</i>	B. Anúncio da <i>paixão</i> . Pedro discorda e é chamado de satanás (8,31-33)
<i>Alface</i>	C. Com a <i>multidão</i> . “Quem quiser seguir-me, pegue sua cruz” (8,34-9,1)
<i>Carne</i>	D. A <i>transfiguração</i> (9,2-13)

<i>Alface</i>	C’. Com a <i>multidão</i> . “Esse demônio, só se vence pela oração (...)” (9,14-29)
<i>queijo</i>	B’. Anúncio da <i>paixão</i> . Não entendem, mas não perguntam (9,30-32)
<i>pão</i>	A’. Com os <i>discípulos</i> , eles perguntam: “Quem é o maior?” (9,33-37)

O contexto mostrou-nos com clareza que o objetivo da transfiguração é levar os discípulos a acreditar no fracasso da cruz como caminho da vitória, da vida, da ressurreição.

O evangelista não pretende falar da dificuldade dos discípulos de então em aceitar a ideia da morte humilhante de Jesus, fala da consequência principal: ser discípulo, em qualquer tempo, é pegar a cruz e seguir o Mestre! No ambiente de quando o evangelho é escrito certamente já surgia o carreirismo e a disputa pelo poder.

O evangelista não tem a intenção de acusar a incompreensão de Pedro e companheiros, quer falar aos dirigentes e fiéis da Igreja de então, quando o evangelho é escrito. Como diz o pessoal da roça, “está batendo na cangalha para o burro entender!” E queira Deus o burro entenda!

Jesus leva Pedro, Tiago e João. Pedro é aquele que, logo depois de professar a fé em Jesus como Messias, não admite que seja um Messias sofredor, humilhado pelos poderosos. Tiago e João (Mc 10,35-38) pedem a Jesus os primeiros lugares para quando ele chegar à sua glória (o poder?) e, assim, provocam discussões pelo poder entre os doze. “Ah! Espelho meu!” diriam os dirigentes da Igreja quando esse evangelho foi escrito...

Os três precisam de uma boa lição, por isso são levados à montanha, sozinhos, à parte. Já tinham visto Jesus ressuscitar a filha de 12 anos do chefe da sinagoga e serão levados também para acompanhar a oração de Jesus no horto das Oliveiras.

A roupa de Jesus toma um branco excepcional. Veste branca tinha o mesmo significado que tem hoje faixa de campeão ou medalha de ouro: era um distintivo dos vitoriosos nas competições esportivas. Apesar do fracasso aparente, Jesus é o vitorioso!

O Primeiro Testamento, aqui representado por Elias e Moisés, fala de um Messias sofredor, especialmente em quatro poemas do livro de Isaías (1º Is 42,1-7; 2º 49,1-7; 3º 50,4-9; 4º 52,13-53,12). Essa é a conversa de Jesus com a Lei e os profetas, o que aos discípulos parece interessar pouco.

A nuvem, a sombra e também o temor lembram a presença de Deus na manifestação

do Sinai. Agora devem ouvir a Jesus, a voz da nova aliança. Eles não estavam suportando ouvi-lo anunciar a própria morte. Nem entendem como se possa falar em ressurreição dos mortos.

No primeiro anúncio da paixão (8,31-33), Pedro quer impedir Jesus de tocar no assunto. No terceiro anúncio (10,35-38), Tiago e João o interrompem para discutir a divisão do poder... Ah! O espelho! “Escutai-o! Escutai-o! Escutai-o!”, diz a voz de Deus.

Pedro, dizendo que ali estava bom, propõe fazer uma cabana para cada um, como faziam os participantes da festa das Tendas. Mas fala por falar, sem saber o que diz.

Depois de os discípulos ouvirem a voz de Deus, Jesus se encontra só; sozinho ele resume toda a Escritura. Os discípulos estão com ele, e mesmo assim parece que continua só.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

– Jesus sozinho resume toda a Escritura, o Primeiro e o Segundo Testamento. Isso não pode ser afirmação gratuita ou mera teoria. Ele resume todas as esperanças do Primeiro Testamento e antecipa a realização do Novo. Escutai-o! Ele só fala de cruz, o que não é tão fácil de entender e pôr em prática. “Nem que a gente vivesse mais duzentos anos acabaria de entender o significado da morte de Jesus”, ouvi de uma pessoa do povo. É preciso todo dia buscar praticar e entender melhor, sabendo que nunca se vai entender completamente. Só a prática melhora o verdadeiro entendimento.

Com os discípulos que só pensam em poder e cargos cada vez mais importantes, ele está sozinho, continua só. Jesus perguntou: “Quem sou eu?”; enquanto isso, os discípulos estão se perguntando: “Quem de nós é o maior?”. Por isso ele continua sozinho.

Ele se transfigura e conversa com a Lei e os profetas para dar segurança aos discípulos na hora da paixão, mas parece que eles não entenderam que a vitória, a ressurreição, devia passar pela morte. Esse caminho é diferente demais, difícil de achar, incompreensível até. Como é que a vitória poderá ser encontrada no último lugar?

– “Rabi, está bom ficarmos aqui!” Contemplando a vitória, não será preciso procurar o caminho. É preciso que venha a voz de Deus para dizer: “Ele é o servo sofredor, escutai-o!” É preciso escutá-lo todos os dias, a todo o momento, senão a gente perde o caminho.

3º DOMINGO DA QUARESMA (11 de março)

O VERDADEIRO TEMPLO DE DEUS

I. INTRODUÇÃO GERAL

O episódio da expulsão dos vendilhões do templo de Jerusalém no Evangelho segundo João não deveria ser chamado de purificação, mas de substituição. Jesus não pretende corrigir algo de errado que encontrou no Templo, mas substituir esse templo por um lugar de encontro com Deus.

No templo de Jerusalém, em vez de oração e busca de Deus, Jesus encontrou comércio. É a tendência normal das instituições humanas. “Destruam este templo e em três dias eu o levantarei” (...). “Ele falava do Templo que é a sua pessoa”. Ele é o novo lugar de encontro com Deus, o outro templo pode ser destruído. Só depois da ressurreição os discípulos entendem.

Ainda estamos à procura, buscando entender Jesus cada vez melhor. À medida que fazemos isso, enquanto tentamos assimilar que um pobre galileu, pregador popular, condenado pelas autoridades políticas e religiosas à mais humilhante das mortes, é a revelação, o rosto de Deus, estamos indo ao encontro de Deus no seu verdadeiro Templo.

Quando a fé se torna objeto de mercado, de *marketing*, quando a “pastoral do dízimo” é a mais importante de todas, quando se usam os símbolos religiosos, seja dos santos, seja de Maria, seja até mesmo do Pai, para interesses outros, mais visíveis, mais rentáveis, não estamos construindo aquele Templo que pode ser destruído para ser substituído?

A eucaristia nos ajuda a encontrar Deus em Jesus, que se entrega à mais humilhante das mortes. A morte que exclui da cidadania e da própria religião é a principal revelação de Deus. “Quando tiverdes elevado o Filho do homem, sabereis que ‘Eu Sou!’”

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 20,1-17)

A leitura nos traz os dez mandamentos, a Lei de Deus que nos ensina a viver como verdadeiros irmãos. A lei do dinheiro é outra, é cobiçar, é cada um para si, o mais “competente” se expande e o mais fraco que se dane.

Ter um único Deus é o básico. Deus, que tudo pode e para quem tudo converge, não sou eu, não é o dinheiro, não é o prestígio, a fama, o

brilho diante das câmeras. Deus deve ser um só e Pai de todos. Não há deuses fortes e deuses fracos.

As imagens de outros deuses dão autoridade aos que querem seguir outro caminho que não o de Deus. Por isso não fabricar outros deuses nem obrigar outros a adorá-los.

Os que se sentem autorizados a usar o nome de Deus devem cuidar para não usá-lo para seus motivos fúteis e mesquinhos.

Todos têm direito ao descanso, até os animais. Pai e mãe certamente são os da tribo, não tanto os da família nuclear. Talvez isso signifique o respeito ao sistema do reinado do povo, em que quem mandava não era um, mas os mais velhos das tribos, a liderança natural, o verdadeiro reinado de Deus.

Paulo resume os mandamentos em uma palavra: “Não cobiçarás” (Rm 7,7) e está certo, porque a morte é sócia da cobiça e, de fato, todo pecado se resume a esse.

2. II leitura (1Cor 1,22-25)

Alguns em Corinto olhavam os pregadores do evangelho em termos de competição. Quem é melhor orador? Quem demonstra maior conhecimento ou maior autoridade para falar de Jesus? Paulo diz que isso não combina com a mensagem evangélica, que é a cruz.

O trecho que ouvimos hoje desenvolve este pensamento: a boa notícia de um Messias crucificado não satisfaz nem a judeus nem a gregos. Ao contrário, para os judeus é um absurdo pensar que um crucificado, um maldito, possa ter alguma coisa a ver com Deus. Para os gregos, inchados de filosofia, isso é a mais deslavada tolice.

Mas é essa a mensagem que trazemos. Se o judeu exige milagres, sinais de poder e força, a força que anunciamos é a do Crucificado. Se o grego quer filosofar, tente entender essa sabedoria de Deus.

Entre os cristãos, que devem entender e viver a sabedoria do último lugar e a força do mais fraco, não há lugar para espírito de competição nem de comparação entre uns e outros. Isso, sim, seria o maior absurdo e a maior tolice.

3. Evangelho (Jo 2,13-25)

O Quarto Evangelho parece centralizado na paixão de Jesus. O que nos sinóticos aconteceu na última semana de Jesus já aparece no início do Evangelho segundo João. Além disso, em João, Jesus participa de sete festas em Jerusalém, entre as quais três Páscoas, o que justificou a hipótese

de três anos de vida pública. Tudo, entretanto, parece mais criação literário-teológica para apresentar a figura de Jesus.

Nos sinóticos, o episódio que lemos hoje é tratado com sobriedade. Jesus expulsa, sem maiores detalhes, os que vendiam e compravam e, citando Isaías e Jeremias, diz que fizeram da casa de oração um esconderijo de ladrões. Jesus parece apenas corrigir o mau uso do Templo.

Aliás, além de ser o sustentáculo econômico da Judeia (18 mil funcionários, sacerdotes, levitas e outros, mais a promoção do turismo religioso), o Templo era o grande negócio do pequeno grupo de sumos sacerdotes, praticamente a família de Anás. Vendiam os animais a preço acima do mercado e, em seguida, os recebiam de graça para sacrificar e queimar parte deles em honra de Deus, enquanto o restante sempre lhes pertencia.

Páscoa, festa em que os judeus do mundo inteiro iam a Jerusalém comemorar a saída da escravidão do Egito. Jesus vai ao Templo, mas, em vez de oração, encontra lá o grande negócio. Ele reage com indignação. E João descreve o fato com detalhes significativos que não se encontram nos sinóticos.

Jesus faz um chicote de cordas. Toca os animais e os vendedores para fora do Templo. Mandando que os vendedores de pombas tirem aquilo dali. Elas serviriam para as oferendas dos pobres e era aí que se verificava a maior exploração, chegando o preço de um casal de pombos a ser cinco vezes maior do que nas aldeias.

Quanto aos cambistas ou banqueiros ali instalados, eles trocavam as moedas dos gentios, com imagens e inscrições indignas de ser colocadas nos cofres sagrados, por moedas do próprio Templo. Jesus revira suas mesas, espalhando tudo pelo chão e provocando a maior confusão.

Os discípulos pensaram que Jesus estava preocupado apenas com a pureza do Templo e lembraram a palavra do Salmo: “O zelo pela tua casa me consome”. Como frequentemente acontece no Quarto Evangelho, pensaram errado, o verdadeiro motivo não era esse.

O verdadeiro significado do gesto de Jesus aparece quando os dirigentes questionam sua autoridade para fazer aquilo. Ele responde: “Destruam este templo”. Esse templo pode e vai ser destruído (O Evangelho de João é escrito 20 anos depois da destruição). Mas “ele falava do Templo que é a sua pessoa” – ele agora é o verdadeiro Templo, o lugar de encontro com Deus.

O Templo não está apenas errado pelo mau uso que dele fazem, está superado. Já não existe um lugar exclusivo de encontro com Deus, que

possa ser controlado por uma pessoa ou por um grupo de pessoas. Jesus ressuscitado, vivo no meio de nós, é o Templo de Deus. E Paulo disse antes da destruição do Templo que o Templo santo de Deus é o povo, são as comunidades cristãs (1Cor 3,17).

No todo do evangelho, isso vai abrir caminho para a entrada dos samaritanos, que já não precisam discutir com os judeus onde é o lugar de adorar a Deus. Para nós significa que Deus não se deixa prender em um lugar e que prendê-lo a um lugar é manipulá-lo a serviço de outros interesses.

A consequência do que Jesus fez será a sua morte. Mas aí é que ele vai se tornar o verdadeiro Templo, o lugar de encontro com Deus. Na discussão de Jesus com os “judeus” há uma frase intrigante. “Quando puserdes no alto o Filho do homem, ficareis sabendo que EU SOU!” (Jo 8,28; cf. 13,19). “Eu Sou” é o nome de Deus, interpreta o nome Javé. Na cruz, Jesus se manifesta Deus. No crucificado vivo no meio de nós encontramos Deus.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

– “Destruam este templo!” Essa religião, simples fator econômico, vai acabar. Basta que as pessoas abram os olhos. A exploração da fé ingênua das pessoas termina à medida que essa fé deixa de ser tão ingênua. Destruam este templo!

– Jesus, o crucificado vivo, é o lugar de encontro com Deus. Isso não pode ficar só numa afirmação teórica, tem de ser buscado e posto em prática. Não é fácil entender a força e a sabedoria da cruz, muito mais difícil é vivê-las no dia a dia.

– O Deus que encontramos em Jesus não é o Deus dos sábios e filósofos, o Deus Primeiro Motor Imóvel ou Arquiteto do Universo; é o Deus dos pequenos, solidário, companheiro, capaz de amar sem ser amado, capaz de responder com amor gratuito ao ódio gratuito. Que ele nos livre de ser os “sabe-tudo”, de imaginar ter todas as respostas e, por um momento que seja, achar que nada temos a aprender; ensine-nos a sabedoria da cruz, a sabedoria do último lugar, que nos leve a encontrar nosso Deus crucificado entre os homens crucificados.

– Deus não está preso, não é privilégio de ninguém, não pode ser manipulado. É invisível, para não ser identificado com uma imagem que pode ser propriedade de alguém ou de algum grupo. É invisível porque não cabe na imaginação humana; é invisível para estar solto, não ser de ninguém, ser de todos. A morte de Jesus destrói os Templos que prendiam Deus

e o liberta para que todos possam alcançá-lo sem ter de pagar.

– A eucaristia tem sentido quando nos ajuda a encontrar Deus em Jesus, que se entrega à mais humilhante das mortes. A morte que exclui da cidadania (um cidadão romano não podia ser crucificado) e da própria religião (é maldito de Deus quem morre pendurado – Dt 21,23) é a principal revelação de Deus. “Quando tiverdes elevado o Filho do homem, sabereis que ‘Eu Sou!’” Aí está o grande desafio.

4º DOMINGO DA QUARESMA (18 de março)

EM BUSCA DA LUZ

I. INTRODUÇÃO GERAL

Damos mais um passo em nossa caminhada quaresmal na direção da vida nova, do novo nascimento do batismo, que é também iluminação. Olhamos para a cruz que clareia a nossa vida e nos revela o amor do Pai.

Esse amor nos salva de graça, inteiramente de graça, porque não somos capazes de fazer algo que mereça a morte de Jesus. Não é fácil entender esse amor, pois nosso pensamento, nossa prática, nosso modo de sentir são outros, bem outros. Nossa cabeça é feita mais pelo mundo em que vivemos.

Há pessoas que, quando ouvem alguma referência negativa ao mundo, discordam, dizendo: “Não! O mundo é bom, o povo é que é ruim!” Quanta coisa se pode entender pela palavra mundo! É a natureza, essa bela moradia que Deus nos deu e nós teimamos em destruir. É a humanidade inteira, mesmo perdida e desorientada. São as estruturas perversas que nos governam. É a corrupção de toda ordem, a busca desenfreada de poder, de prestígio e do prazer ou da satisfação momentânea.

A alguns desses mundos, não a todos, Jesus veio salvar; a outros ele condena ou eles próprios se condenam. Corremos o risco de, às vezes, confundir as coisas.

Deus amou o mundo, entregou seu Filho pelo mundo, o Crucificado é a luz que veio ao mundo, mas o mundo dos homens preferiu as trevas à luz.

A eucaristia celebra a salvação, a partilha de si que faz a fraternidade verdadeira. Comer deste pão exige deixar-se também partir em pedaços para que a salvação chegue a todos, para que o mundo se convença de que a cruz é o caminho,

enquanto a chegada, a vontade de Deus “assim na terra como no céu”, é a mesa comum.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Cr 36,14-16.19-23)

A leitura nos dá esta interpretação dos acontecimentos: os sofrimentos do povo são o castigo previsto pelos profetas, o momento bom também foi previsto pelos profetas. Em todos os momentos Deus está presente, conforme a palavra das profecias.

O trecho do segundo livro das Crônicas lido neste domingo dá uma explicação, do ponto de vista da tradição sacerdotal, sobre o que motivou finalmente o exílio da Babilônia. O erro não foi só dos dirigentes políticos, foi também dos sumos sacerdotes e do povo. Imitaram as outras nações e tornaram impuro o Templo.

Essa última razão reflete bem a mentalidade sacerdotal, que tem o culto como o sinal decisivo da fidelidade a Javé. Imitar as outras nações, “fazer como todo o mundo faz”, não ter o mínimo respeito pelas leis da aliança, que faziam a diferença de comportamento do povo de Deus, foi o grande pecado.

Além do mais, os profetas, que interpretavam os acontecimentos, os sinais dos tempos, mostrando ao povo o pensamento de Deus, foram desprezados e ridicularizados. Não havia mais recurso, veio a derrota com a destruição do Templo e o cativo da Babilônia.

2. II leitura (Ef 2,4-10)

Um pensamento forte da epístola aos Efésios, especialmente do trecho que vamos ouvir na segunda leitura, é a gratuidade da salvação. Por sua imensa misericórdia e seu grande amor, Deus nos tirou da morte de nossos tropeços e nos fez reviver com Cristo.

Cristo é o centro de tudo; nele e com ele, Deus gratuitamente nos faz reviver, ressuscita e nos estabelece no céu junto com ele. Assim, fica provada para o futuro a imensidão de sua gratuidade e bondade.

Pela fé – a adesão fiel a Jesus como Messias –, e não pela prática de um sem-número de atos ou devoções determinadas, somos salvos gratuitamente. Sem nós ele nos salva; ele preparou para nós as boas obras que praticamos. Tudo é graça.

3. Evangelho (Jo 3,14-21)

O evangelho faz parte da conversa de Jesus com Nicodemos, “o mestre de Israel”. O episó-

Antropologia filosófica contemporânea

Subjetividade e inversão teórica

Manfredo Araújo de Oliveira



A centralidade da subjetividade (intersubjetividade) e as novas concepções do ser humano são as duas questões básicas centrais que orientaram o professor Manfredo na elaboração deste trabalho, organizado em duas partes claras e muito bem escritas.

Imagens meramente ilustrativas.

Formato: 16 cm x 23 cm
Páginas: 228
Cód.: 9788534932769

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



dio reflete o debate entre os cristãos e os mestres fariseus da época em que foi escrito o evangelho. Veja o v. 11: “Falamos do que sabemos, testemunhamos o que vimos e vós não aceitais o nosso testemunho”. Há um grupo que fala, sabe e testemunha e há um grupo que não aceita esse testemunho.

Para os mestres fariseus que dominavam o judaísmo da época do evangelho, a cruz é maldição, a salvação é só para eles, não para a humanidade toda. Isso é viver no escuro. É o que significa Nicodemos procurar Jesus à noite. Procura Jesus por causa dos sinais, depende ainda de milagres, mas demonstra boa vontade, desejo de entender Jesus. Entretanto, está ainda no escuro; não entende, por exemplo, quando Jesus fala em nascer de novo.

Agora surge a luz. Jesus se compara à serpente de bronze que Moisés levantou no deserto e que livrou os hebreus do veneno das serpentes. Jesus também é levantado, não apenas pregado ou pendurado. A cruz no Evangelho segundo João é a sua exaltação, é a sua glória.

O Filho do homem precisa ser suspenso, levantado, exaltado na cruz. É preciso que isso aconteça, para se realizar a Escritura, para se realizar nele o projeto de Deus (Is 53,10).

O Filho do homem, pendurado à cruz, mostra que Deus amou de tal forma o mundo, que lhe deu seu Filho unigênito. O filho de Adão como nós é o Filho de Deus, que nos revela o amor do Pai. Quem crê nesse amor jamais será destruído, tem vida eterna.

Jesus se entrega à cruz não para condenar, mas para salvar, para livrar-nos do veneno mortal que é não crer nele, na força da cruz. Quem nele crê não é julgado nem condenado, quem não crê já está condenado.

Quem não crê nele vai crer em quê? Crê na força do dinheiro, no poder econômico, crê no prestígio, na fama, no poder da mídia, crê na rivalidade, na competição, na “competência”, na capacidade de usar os outros para seus objetivos.

Quem crê nele crê na cruz, crê no humilde serviço aos outros, crê na força transformadora de aceitar o último lugar, crê na doação de si como único antídoto contra o veneno da competição.

Nicodemos foi uma vez, à noite, a Jesus. A luz veio definitivamente ao mundo. E o critério para o julgamento é só este: há os que fogem e há os que procuram a luz. Este mundo governado pela arrogância odeia a luz e foge da luz e, com isso, está se condenando; há os que (como Nicodemos?) procuram a luz, porque praticam a verdade, agem em Deus.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

– A primeira leitura nos dá esta interpretação da história: os sofrimentos são o castigo previsto pelos profetas, o momento bom também foi previsto pelos profetas. No fundo, em todas as circunstâncias Deus está presente. Dificilmente vemos a presença de Deus nos grandes lances negativos ou positivos da história. E não é preciso aprender também a ver a Presença nos pequenos lances do cotidiano que tecem o pano de fundo da história?

– Um pensamento forte da epístola aos Efésios, especialmente do trecho de hoje, é a gratuidade da salvação. O Messias crucificado é o centro de tudo, nele Deus nos salva gratuitamente, sem levar em conta nossas práticas e devoções. Tanta gratuidade incomoda, parece exigir também um amor gratuito. Muitas vezes, enganosamente, se prefere ou se acha mais seguro, menos incômodo, cada um depender da própria competência, do próprio esforço.

– No evangelho, Jesus conversa com Nicodemos, o mestre de Israel. Ali está a comunidade que nos deu este evangelho conversando com os mestres fariseus da sua época. Para eles, a cruz é maldição. Não lhes entrava na cabeça o pensamento de uma salvação que viesse de um crucificado. Ainda hoje nos é difícil aceitar esse pensamento, crer que possa ser essa a proposta de Deus. Por outro lado, a salvação que muitos esperavam era só para a sua nação e se resumia a uma vida mais agradável. A salvação não tinha alcance mundial nem ia à raiz mesma dos problemas, o pecado, ou seja, a cobiça e a arrogância. Só o ser humano pendurado à cruz como uma maldição vai à raiz do pecado e, consequentemente, da morte.

O homem pendurado na cruz, como a serpente de bronze da tradição bíblica, tira o veneno da cobiça e do orgulho. Jesus veio salvar a humanidade capaz de acreditar no crucificado. O mundo que não aceita esse caminho já está condenado, preferiu a cobiça, a competição, a violência. O amor revelado na cruz condena tudo isso. É a transparência da luz. O mundo que prefere a obscuridade da corrupção já se condenou.

O Filho do homem precisa ser suspenso, levantado, exaltado, pendurado na cruz. As ideias se confundem, o que parecia maldição de Deus (Dt 21,23) agora é bênção, é salvação. E é assim mesmo, é preciso que aconteça para se realizar a Escritura, para se realizar nele o projeto de Deus (Is 53,10).

“Os meus pensamentos não são os vossos. Quanto dista o céu da terra, assim os meus pensamentos estão acima dos vossos” (Is 55,8-9).

ONDE ESTÁ A SALVAÇÃO?

I. INTRODUÇÃO GERAL

Estamos nos aproximando da Páscoa, a celebração da morte-ressurreição do Senhor. Qual o significado da morte de Jesus, a morte que traz a vida? Não é, sem dúvida, o da busca ou aceitação do sofrimento pelo sofrimento, numa atitude masoquista ou conformista (“Jesus sofreu, a gente também tem de sofrer”). Essa ideia, muito propícia aos dominadores, foi no passado imposta aos dominados, que interessava ficassem calados.

O que dá sentido à morte é a ressurreição, é a vida, a salvação. Embora uma expressão do texto de Hebreus a ser lido hoje possa dar a entender uma salvação apenas futura, para “a eternidade”, a salvação começa aqui e deve ser duradoura, eterna nesse sentido. Não podemos nos cansar de repetir a palavra de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em plenitude”. Vida na eternidade não pode ser consolo para falta de vida plena, vida para todos e cada vez melhor aqui.

Como tornar possível uma vida mais feliz para todos assim na terra como no céu? O comunismo ou o socialismo real pretendeu impor a igualdade. O povo, sem liberdade, acabou explorado pela burocracia governamental. Foi desfeito com a maior facilidade.

O capitalismo diz que é a cobiça e a competição que vão criar um mundo feliz para todos. Estamos vendo, o contrário é que acontece. As desigualdades só aumentam, a competição pelo dinheiro vira uma guerra desenfreada e a violência domina o mundo. Haverá outro caminho?

As leituras bíblicas de hoje vêm apontar esse caminho alternativo e não esperado. O caminho é a cruz, o assumir o último lugar e sacrificar-se totalmente pelos outros. Só isso pode salvar a humanidade.

Jeremias fala de uma nova aliança, uma nova Lei escrita não na pedra, mas no interior de cada pessoa. As palavras da instituição da eucaristia em Paulo e nos sinóticos já leem a morte de Cristo como inauguração dessa nova aliança.

No curto texto de Hebreus a ser lido hoje, aprendendo com o sofrimento o que é obedecer, Jesus se torna fonte de salvação para todos. E, no evangelho, ele se compara ao grão de trigo

que, para não ficar sozinho, tem de morrer a fim de produzir muitos frutos.

A cruz domina o horizonte do evangelho como glória e caminho de vida farta e salvação.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jr 31,31-34)

O povo estava numa situação muito dura e difícil. O reino do norte, Israel ou Efraim, estava destruído, grande parte da população tinha sido levada para o exílio. O reino do sul, Judá, estava prestes também a ser derrotado pelos babilônios. Tudo é visto como consequência da infidelidade à Aliança, à Lei de Moisés, com os inocentes pagando pelos pecadores.

A partir do versículo 20 deste texto, surge a esperança de restauração, de volta do exílio. Algo novo está sendo criado: a mulher cortejando o homem. É o povo, a esposa, buscando agradar a Javé, seu esposo. Lavradores e pastores como Caim e Abel estarão morando juntos. Israel e Judá se unirão para se tornar sementeiras, para crescer e se multiplicar.

No trecho escolhido para hoje, se a Aliança do Sinai não foi observada, o profeta anuncia uma nova aliança, escrita não na pedra, mas no interior de cada um. A Lei implantada no coração de cada um não desfaz ou invalida a primeira Aliança, ao contrário, coloca-a no coração – a gente diria hoje: na cabeça – de cada fiel. É um grande passo na reflexão dos profetas, que nos vai fazer entender melhor a expressão nova aliança.

No início, o texto fala em casa de Judá e casa de Israel, distinguindo as duas nações, depois apenas o nome Israel vai indicar todo o povo de Deus. Todo o Israel foi libertado da escravidão do Egito e o êxodo foi o fundamento da primeira Aliança: “Vejam o que fiz aos egípcios e como vos tirei de lá (...) e agora, se ouvirdes a minha voz, sereis para mim (...)” (Ex 19,4-5).

Mas essa aliança, mesmo escrita em pedras, foi violada. Agora, então, vem uma nova aliança escrita no coração de cada um; agora cada qual terá vontade de seguir a Lei do Senhor, e já ninguém terá a pretensão de ensinar ou guiar o seu irmão; todos estarão em busca do conhecimento de Javé, de serem fiéis à lei da solidariedade e do respeito aos mais fracos (Jr 22,16).

2. II leitura (Hb 5,7-9)

Será que, tendo sofrido morte tão humilhante, Jesus salvou mesmo a humanidade? Assim se perguntavam alguns cristãos judeus. No texto

da segunda leitura, encontramos a resposta. Na sua vida humana, Jesus clamou e chorou para que Deus o livrasse da morte. Ressuscitando-o, Deus o atendeu e fez dele a fonte da salvação duradoura.

“Salvação eterna”, no nosso vocabulário, nada tem que ver com o nosso mundo, a nossa realidade, é coisa exclusivamente para a outra vida, é atemporal. No conceito bíblico, porém, a palavra que se costuma traduzir por eterno, eternidade, significa apenas duradouro, duradoura, permanente. É algo que começa e vai durar.

Na sua paixão, Jesus aprendeu o que significa obedecer, ser coerente, responder com coragem e fidelidade aos apelos de Deus. Obediência vem do verbo ouvir, tem a ver com audiência, dar atenção. É responder ao apelo de Deus para o momento, é fazer o que nos pede, em cada circunstância, o mandamento do amor ao próximo.

3. Evangelho (Jo 12,20-33)

Os gregos que estão em Jerusalém para prestar culto a Javé também querem entrar em contato com Jesus, querem se aproximar dele, segui-lo. É o alcance do seu “queremos ver Jesus”.

Para chegar a Jesus, o caminho deles é Filipe, que tem nome grego, mas era da cidade dos irmãos André e Pedro, Betsaida da Galileia. Filipe foi um dos primeiros discípulos e o único que Jesus tomou a iniciativa de chamar (Jo 1,43-44). Ele chama o irmão de Pedro, André, seu conterrâneo, também de nome grego, e ambos vão a Jesus.

A resposta de Jesus parece nada ter que ver com o desejo dos gregos de se aproximarem dele. Ele responde dizendo, entretanto, que sua morte salva a humanidade toda e é isso que tem que ver com a busca dos gregos. Se também os gregos o procuram, é porque ele atrai todos a si (v. 33), o grão de trigo não fica sozinho, produz muito fruto (v. 24).

A glória dele é esta, mostrar que a vida nasce da morte, que a vitória vem do fracasso, que a salvação vem do sacrifício de si em favor dos outros. Essa proposta de Jesus desafia todas as outras tentativas de buscar uma saída para a humanidade. E não é fácil de entender e de assimilar, como disse uma pessoa de nossas comunidades: “Nem que a gente vivesse mais duzentos anos acabaria de entender todo o significado da morte de Jesus”.

Não é fácil segui-lo, colocar-se onde ele se coloca, não fazer conta da própria vida, do próprio bem-estar, mas deixar-se morrer como a semente, para não ficar sozinho e produzir muitos frutos.

O próprio Jesus é levado a dizer: “Pai, livra-me desta hora”, o que nos sinóticos está na oração no Getsêmani ou no horto das Oliveiras.

Ao entregar a própria vida, Jesus condena o mundo governado pela arrogância, pela concentração de poderes, pela imposição da vontade de um sobre todos, pela cobiça e pela competição. “É agora o julgamento deste mundo, agora o que manda neste mundo vai ser posto para fora”, diz ele hoje.

Na Paixão segundo João, parece que é Jesus, não Pilatos, que senta na cadeira de juiz, ao tribunal (Jo 19,3). Quando a coligação dos poderes romano e judaico pensa que o está condenando, é ele, Jesus, vestido, coroado e sentado como rei, que está condenando o que governa este mundo.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

– Salvação não é uma ilusão para consolar as vítimas de uma sociedade perversa, contrária ao projeto de Deus. Salvação é vida para todos e vida plena, cada dia melhor, assim na terra como no céu.

– O Crucificado é fonte de salvação. Não é fácil entender. Como pode a tristeza ser fonte de alegria? Como pode a dor ser fonte de plena satisfação? Como pode a lágrima ser fonte de riso? Como pode a humilhação ser fonte de glória? E é isso que é preciso entender. Entender e praticar.

– É agora o julgamento deste mundo. O que é que manda neste mundo? Pois os critérios da arrogância, do poder, da riqueza estão sendo postos para fora, estão sendo excluídos pelos critérios da humildade, do serviço ao outro, da doação de si.

– “Se quer me servir, siga-me!” Se não quiser cair na solidão que leva à depressão, esqueça o cuidado com a própria vida, deixe de lado seus interesses, deixe de pensar em si mesmo, doe-se, morra cada dia, como a semente que produz muito fruto.

– A salvação não é completa se alguns ficam de fora. Vida plena é vida para todos e cada vez melhor, mais completa, incluindo a capacidade de doação e serviço de uns para os outros. Só isso traz a alegria que ninguém pode tirar, vida duradoura, vida eterna.

– “Quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim.” Um pobre homem nu e pendurado numa cruz pode despertar algum interesse, pode ser atração para a humanidade inteira? Pode ser atração para mim? O mais profundo sentimento humano não é o competir, é o ser solidário. A cruz abre novos caminhos para a história.

A VITÓRIA PELA HUMILDADE
E RESISTÊNCIA

I. INTRODUÇÃO GERAL

A história da Paixão de Jesus segundo Marcos, lida no domingo de Ramos este ano, inspira-se visivelmente nos cânticos do Servo de Javé. Esses quatro poemas, situados em diferentes lugares do Segundo Isaías (Is 42,1-7; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12), falam de um justo sofredor que vence pela coerência, que resiste a todo tipo de insulto, tortura e perseguição.

Se é contrário à violência, ele não pratica nenhum tipo de violência, mesmo sendo massacrado por ela. Se é contrário à opressão, “não quebra o ramo já machucado nem apaga o pavio fraco de chama”. Sua coerência e resistência acabam vencendo. O quarto cântico traz em seus versos a voz de Javé, que diz ser este o seu plano, o seu caminho, e faz também os opressores reconhecerem que estavam errados e que eles é que mereceriam tudo o que sofreu o Servo.

O texto da primeira leitura de hoje é bem característico. O Servo está atento à palavra de Deus dia a dia e sabe que não será derrotado. É o aparentemente fracassado que vence.

A leitura de Filipenses faz-lhe eco. Atento à palavra do Senhor, Jesus se mantém coerente até a morte, e morte de cruz, considerada pelo judeu (Dt 21,23) uma maldição.

COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 50,4-7)

Os quatro cânticos do Servo de Javé são da época do exílio, cerca de 400 anos antes de Cristo. Leem-se, na missa da Paixão do domingo de Ramos, alguns versículos do terceiro cântico, que vão bem ao cerne da questão. Falam de alguém que vence a violência, dela sendo vítima e resistindo, sem praticar violência e sem se sentir derrotado.

Em quem estaria pensando o autor dos poemas quando os escreveu? Tentaram identificar, mas não convenceram. Seria um personagem coletivo, figura dos exilados ou dos mais fiéis e mais pobres deles? Seria Jeremias, que, como o Servo, também se diz chamado por Deus desde o ventre da mãe?

Para quem foi feita a roupa não se sabe, o que se sabe é que ela ficou muito grande e não há quem a possa ocupar inteiramente. Já no tempo

de Jesus havia expectativa de um Messias que correspondesse ao que dizem esses cânticos, um Messias sofredor. Para os evangelistas, a começar de Marcos, a roupa grande demais serviu bem para Jesus, ele realizou o Messias sofredor.

No trecho de hoje, o Servo é obediente, entendendo-se obediência como estar atento aos fatos para aí descobrir os apelos de Deus. Toda manhã ou todo dia, ele se põe como o mais atento discípulo para saber resistir e dar forças aos que são tentados a desanimar. Atento, ele se faz obediente até a morte, e morte de cruz, vai dizer Paulo.

Consciente de que esse é o caminho de Deus e de que Deus o defenderá, ele resiste a todo tipo de insultos e humilhações. O que é dito aqui brevemente se explicita nos outros cânticos, especialmente no último (Is 52,13-53,12).

As agressões e, do outro lado, o silêncio e a resistência que vão fazer os agressores reconhecerem seu erro e a vitória do Servo tornam-se inspiração para Marcos narrar a paixão de Jesus.

2. II leitura (Fl 2,6-11)

São Jerônimo, ao traduzir esse texto, sofreu influência dos debates de seu tempo sobre a divindade de Cristo. Onde o texto grego diz que Jesus não pensou que fosse usurpação “aquele ser igual a Deus” (*to einai isa Theo*), Jerônimo traduziu “ser ele igual a Deus” (*se esse aequalem Deo*). A igualdade com Deus seria a que Jesus já possuía. Isso complicou tremendamente as modernas traduções desse texto.

“Aquele ser igual a Deus” é o ser igual a Deus sugerido pela serpente aos primeiros pais. Paulo compara Jesus ao Adão primitivo, segundo os conceitos de seu tempo. Conforme escritos judaicos da época, o Adão primitivo era andrógino, tinha cem côvados (cerca de 50 metros) de altura e era a imagem ou forma de Deus. Pretendeu, porém, usurpar a igualdade plena com Deus, comendo a fruta do conhecimento do bem e do mal. Com esse pecado, deixou de ser a imagem ou forma de Deus.

Para Paulo, então, Jesus é o novo Adão, começo da nova humanidade. É forma ou imagem de Deus como o Adão primitivo, mas, ao contrário daquele, não pretendeu fazer da igualdade com Deus uma usurpação, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de escravo, apresentando-se como um ser humano comum.

Nas orientações à comunidade de Filipos (Fl 2,1-4), Paulo dizia que o que faltava para completar a sua alegria era que cada um se considerasse o último de todos e que não pensasse no seu

interesse, mas apenas no dos outros. Pouca coisa, mas quem é capaz de se esquecer totalmente de si e assumir o último lugar? A resposta é Jesus, o novo Adão, começo da nova humanidade.

Aqui estamos no texto de hoje. A tradução do Lecionário, como a esmagadora maioria das outras, não deixa entrever que se trata de um paralelo entre Jesus e Adão.

Ao contrário do Adão primitivo, que pretendeu adquirir a igualdade com Deus raptando o fruto proibido, Jesus assumiu ser o último de todos (a morte de cruz era o pior que poderia acontecer a um judeu – cf. Dt 21,23) e sacrificou a própria vida pela humanidade. Só assim ele reverte a lei do pecado, ou seja, cada qual pretender ser igual a Deus, absoluto e senhor de tudo.

Obedecer tem que ver com ouvir, estar atento aos fatos. Obedecer é estar atento ao livro da vida e responder a ele coerentemente, mesmo que isso pareça ir contra o livro da Escritura que diz que um crucificado é alguém maldito por Deus.

3. Evangelho (Mc 14,1-15,47)

O Evangelho de Marcos foi escrito muito próximo da chamada Guerra Judaica. Geograficamente próximo, na hipótese cada vez mais aceita de o evangelho refletir a vida dos cristãos da Galileia, de onde saíram os “bandidos”. Cronologicamente próximo, porque foi escrito exatamente entre a tomada de Jerusalém pelos “bandidos” e a destruição da cidade pelo exército romano.

Pequenos proprietários rurais da Galileia, que haviam perdido suas terras por causa dos altos impostos, da baixa fertilidade, do ano sabático (um ano sem plantar) e, especialmente, dos juros extorsivos cobrados pelos judeus ricos que lhes emprestavam dinheiro, passaram a viver de assaltos e a formar grupos de assaltantes. Refugiavam-se em grutas e gozavam da simpatia do povo, porque repartiam nas aldeias os alimentos tomados, por exemplo, de uma caravana romana que assaltavam. Eram chamados de “bandidos”.

No ano 66, eles se uniram e tomaram Jerusalém, onde estavam arquivados os documentos de suas dívidas e onde morava a maioria dos seus credores, os anciãos, membros do Sinédrio. Queimaram os documentos e mataram os anciãos e os sumos sacerdotes, colocando outros no lugar.

Jesus é preterido em favor de Barrabás e é morto entre dois bandidos, como se fosse mais um deles.

O evangelista tem também no pensamento os quatro poemas do livro de Isaías, os cânticos

do Servo do Senhor, que falam de um justo e inocente que sofre e é massacrado exatamente por ser justo. Ele, porém, resiste, fica firme, até que os perseguidores reconheçam o próprio erro. Ele vence pela firmeza e coerência diante das violências sofridas.

A morte de Jesus já estava decidida pelas autoridades. A intenção era apenas pegá-lo quando menos se esperasse. Por isso mesmo, Jesus só ficava em Jerusalém durante o dia, à noite ia dormir fora da cidade. Havia um traidor entre os doze. Na preparação para a Ceia, Marcos deixa bem visível o aspecto clandestino da ida de Jesus à noite a uma casa da cidade para celebrar a Páscoa.

Ele é preso num lugar chamado Getsêmani, que significa espremedor de azeitonas. “Sem ordem de prisão e sem sentença ele foi detido, e quem se preocupou com a vida dele?” (Is 53,8).

O misterioso jovem, vestido apenas com um lençol sobre o corpo nu, que deixa o lençol nas mãos dos que prendiam Jesus e foge nu, parece significar aquele que tenta seguir Jesus coberto apenas com uma capa de discípulo, mas, à primeira ameaça, foge nu e desarmado, como falava Amós em 2,16.

“Como cordeiro levado ao matadouro ou ovelha diante do tosquiador, ele ficou calado, sem abrir a boca” (Is 53,7). “Apresentei as costas aos que me queriam bater, ofereci o queixo aos que me queriam arrancar a barba nem desviei o rosto dos insultos e dos escarros. O Senhor Deus é o meu aliado, por isso jamais ficarei derrotado” (Is 50,6-7).

O Salmo 22(21), oração de um doente que, curado, agradece a Deus, também inspira o evangelista. Jesus recita na cruz: “Meu Deus, meu Deus por que me abandonaste?” Lucas e João, para evitar mal-entendidos, não colocam nos lábios de Jesus essas primeiras palavras do salmo.

O salmo, porém, já aponta para a ressurreição: “Quanto a mim, para ele viverei, a ele servirá a minha descendência. Do Senhor se falará à geração futura; anunciarão sua justiça” (Sl 22,30-32).

III. DICAS PARA REFLEXÃO

– A repetição anual, para não dizer semanal ou até diária, da celebração da Paixão do Senhor é necessária e indispensável para nos fazer entender o que significa a vitória do derrotado, o sucesso do fracassado, a glória da humilhação, a vida que nasce da morte. Nada melhor do que isso para derrotar a lei que impera sobre nós, a

qual dá força a quem é forte, promete vitória ao mais poderoso, exclui como sentimentalismo tolo qualquer preocupação com as dificuldades do outro. Nessa mentalidade, os considerados incompetentes que se danem, ai dos vencidos!

– Acreditar em Jesus como salvação da humanidade é acreditar na vitória do vencido. Aquele que sacrifica tudo em favor dos outros e se coloca em último lugar é o maior fracassado no mundo governado pelos que se consideram “competentes” e poderosos. No entanto, é ele que vence e dá novo rumo à história.

QUINTA-FEIRA SANTA: Ceia do Senhor (5 de abril)

ENTREGA, ENTREGA, ENTREGA

I. INTRODUÇÃO GERAL

Traditio é a palavra latina que resume os fatos celebrados nesta noite, como tentamos fazer com a palavra “entrega”.

Nessa noite, Jesus entrega a seus discípulos a tradição que o próprio Paulo diz ter recebido dele, a tradição de celebrar a Ceia do Senhor. É um primeiro significado da palavra *traditio*. Jesus nos entrega hoje o sacramento de seu corpo doado, de seu sangue derramado.

Nessa noite, Jesus é traído por Judas – este induzido por satanás, que pode ser Anás, quem na verdade controlava o poder religioso. Em seguida, o próprio Judas vai incorporar o inimigo ou satanás e levar os representantes do “braço secular”, um batalhão do exército romano, e o braço religioso, os funcionários dos sumos sacerdotes, para prender Jesus. Traição é o outro significado da palavra *traditio*.

Nessa noite, também, Jesus se entrega livremente à morte maldita, a fim de se tornar uma bênção para a humanidade, abrir-lhe o caminho do serviço, do amor e da doação de si, no lugar da exploração, e o caminho da pequenez e da humildade, em vez do prestígio, da fama e da arrogância. *Traditio* significa também o ato de se entregar.

Daí a entrega da eucaristia, a entrega de Jesus por Judas e a entrega de si mesmo que faz Jesus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 12,1-8.11-14)

A Páscoa dos judeus celebra a saída da escravidão do Egito, celebra o caminho da submissão

para a autonomia, da morte para a vida. Ainda hoje, nesta celebração, o filho mais novo das famílias judaicas pergunta ao pai: “Por que comemos hoje só ervas amargas?”, e recebe a resposta: “Para lembrar como os egípcios amarguraram a vida de nossos pais”. “Por que temperadas apenas com salmoura?”; “Para lembrar as lágrimas que nossos pais derramaram no Egito.”

A celebração, como vamos ouvir nesta leitura, inclui a morte de um cordeiro. O sangue do cordeiro nos portais das casas evitou que a epidemia, “o anjo exterminador”, entrasse naquela casa; enquanto os egípcios choravam os seus mortos, o povo escravo fugia para a liberdade.

Páscoa significa pulo, salto. A mesma palavra é usada para manco ou aleijado. Javé ou o anjo da morte saltou as casas dos hebreus por causa do sangue do cordeiro e foi isso que os libertou da escravidão. A Páscoa de Javé é esse salto, essa libertadora passagem por cima das casas dos hebreus.

A Páscoa cristã faz de Jesus o Cordeiro cujo sangue ou morte traz a libertação, a passagem definitiva e radical. Celebrar esses fatos faz-nos reviver o sonho e a esperança da libertação sem adjetivos.

2. II leitura (1Cor 11,23-26)

Em Corinto, os poucos ricos, sábios e importantes estavam usando a celebração da Ceia do Senhor para humilhar a maioria pobre, inculta e sem nome. Paulo disse que esse tipo de celebração já não era a Ceia do Senhor, pois, enquanto uns passavam fome, outros ficavam até embriagados (v. 21).

Isso está reproduzindo na própria celebração aquilo que a partilha do pão condena, as desigualdades do nosso mundo. Está sendo um menosprezo, na Igreja de Deus, à maioria pobre da comunidade, os que nada têm (v. 22). Mais adiante, Paulo vai dizer que dessa forma estão comendo a própria condenação (v. 29), estão se condenando com este mundo (v. 32).

O texto lido na missa de hoje é o mais antigo testemunho da instituição da eucaristia, do sacramento entregue por Jesus que celebra a entrega que ele faz de si mesmo à morte de cruz. A memória do que Jesus fez na Última Ceia, dispondo-se a aceitar a pior das mortes em favor dos discípulos e da humanidade inteira, mostra com clareza a incoerência daquilo que estava acontecendo em Corinto.

Paulo diz ter recebido do próprio Jesus a tradição que passou aos coríntios. Se foi por meio

de suas visões ou experiências místicas, ou se foi Pedro que lhe falou, quando passou com ele 15 dias (Gl 1,18), o que parece mais lógico, importa é que a tradição foi recebida como comunicação pessoal do Senhor ao apóstolo.

A celebração anuncia a morte do Senhor enquanto estamos neste mundo. É totalmente contraditório comungar desse sacrifício da própria vida em favor dos outros, servindo-se disso para humilhar os mais fracos. Como comungar do corpo entregue em partilha sem considerar, ao contrário, fazendo pouco caso do Corpo da comunidade pela qual Jesus dá a sua vida?

Cabe lembrar aqui a palavra de santo Agostinho: “Quando vocês dizem amém àquele que lhe entrega o pão dizendo que é o Corpo de Cristo, vocês estão dizendo amém ao sacramento que são vocês, pois Paulo diz: ‘Vocês são o Corpo de Cristo’”.

Enquanto estamos neste mundo, celebramos a Ceia, mas essa comunhão antecipa a plenitude da comunhão, sabendo que “toda a luta verá o seu dia nascer da escuridão” e aqui apenas “ensaíamos a festa e a alegria”.

3. Evangelho (Jo 13,1-15)

O Quarto Evangelho não traz o relato da instituição da eucaristia. Sua Última Ceia não é a Ceia pascal, pois o verdadeiro Cordeiro, o Cordeiro da nova Páscoa, ainda não foi imolado.

Pode-se pensar também que a comunidade que nos deu esse evangelho desconfiava da possibilidade de a celebração da Ceia, como memória da morte do Senhor com todas as suas consequências, cair na rotina e perder a sua força significativa e motivadora. Isso já havia acontecido em Corinto mais de 30 anos atrás.

De qualquer forma, aqui não é o gesto de partir o pão e repartir o vinho que vai significar a morte de Jesus, mas o gesto de, cingido de uma toalha como um avental, ajoelhar-se diante de cada um para lavar-lhe os pés sujos.

Tendo amado os seus, amou-os até o extremo. É isso que significa o seu gesto. Enquanto os discípulos permanecem reclinados (era assim que se colocavam à mesa), ele se levanta (os senhores reclinados e o servo de pé), tira o manto (o manto é tudo, é a própria vida – ele dá a sua vida), prende a toalha como um avental à cintura, põe água na bacia e passa a lavar os pés dos discípulos. Depois, sem retirar a toalha-avental (o serviço só vai se consumir na cruz), ele retoma o seu manto (“eu mesmo dou a minha vida e a retomo novamente”) e volta ao seu lugar.

Para o verdadeiro discípulo, tudo isso tem lógica: Jesus nos ama primeiro e o seu amor compromete o discípulo amado a amar como ele amou, até o extremo. Pedro não admite a quebra de hierarquia e representa os discípulos que têm cargos e estão preocupados com a própria carreira. Ele é o pano de fundo que destaca o discípulo que, a partir de então, passa a ser chamado de Discípulo Amado.

Pedro só aceitou que Jesus lhe lavasse os pés porque Jesus disse que, se não o fizesse, não teria parte com ele. Que significa ter parte com Jesus? Parte em quê? Em algum poder, ou no sacrifício em favor dos outros?

A resistência de Pedro mostra a dificuldade dos que se preocupam muito com cargos e autoridades para aceitar a quebra de hierarquia. Jesus é o superior, não pode se sujeitar à condição de súdito; é o Senhor, não pode se fazer escravo; é o Mestre, não pode lavar os pés sujos dos discípulos. Se fizer isso, que adianta a pessoa ter cargos e funções importantes?

Todavia, Jesus quebra a hierarquia, não numa atitude de humildade, que poderia ser falsa e apenas de momento, demagógica e oportunista. Ele quebra a ideia de hierarquia, de ordem, o conceito de superioridade de uns sobre os outros, ele vira ao avesso os critérios, o modelo, o paradigma.

Ele não foge de ser chamado de Mestre e Senhor, só que ser Mestre e Senhor agora não é usar e ser tentado a abusar de um poder, mas ajoelhar-se diante do outro para lavar-lhe os pés sujos. Literalmente: “Vocês me chamam de Mestre e Senhor e eu sou mesmo. Se eu, Mestre e Senhor, lhes lavei os pés, vocês também devem fazer isso uns aos outros!”

III. DICAS PARA REFLEXÃO

– O significado do Lava-pés não é simplesmente de humildade, muito menos de humildade demagógica. É o do amor capaz de, sinceramente, dar a vida em favor dos outros. É o da mudança completa de critérios: agora ser Mestre e Senhor é abaixar-se diante do outro, prestar-lhe o mais humilde dos serviços, sacrificar a própria vida por ele. Não é usar e ser tentado a abusar de um poder, mas ajoelhar-se diante do outro para lavar-lhe os pés sujos.

– Seguir Jesus como Mestre não é tentar impedi-lo de se entregar por nós, como faz Pedro (“Tu não me lavarás os pés nunca!”), mas deixar que ele faça isso por mim, para que, como discípulo amado, eu possa aprender a fazer o mesmo. Tê-lo como Senhor é depender

totalmente dele, é ser incapaz de viver sem ele e sem fazer o que ele manda: “façais a mesma coisa que eu fiz”.

– “Já não é a Ceia do Senhor”, porque a celebração está reproduzindo as desigualdades existentes neste mundo, as quais, em princípio, ela deveria condenar. Estão condenando a própria condenação, estão sendo condenados com este mundo. Isso acontecia apenas 20 anos depois de Jesus. Dois mil anos depois, será que ainda acontece?

– Duas perguntas: 1) Será que, fazendo do Cristo eucarístico um Senhor triunfante, não estaremos fazendo o mesmo que Simão Pedro (“Tu não me lavarás os pés nunca!”), que não admite um Cristo humilhado e servidor, por receio de precisar “ter parte com ele”? 2) Os que se preparam para o ministério presbital estarão tão ansiosos pela oportunidade de pôr-se a serviço do povo, ajoelhar-se a seus pés sujos a fim de lavá-los, do mesmo modo que anseiam pelo momento de assumir como poder o ministério ordenado?

SEXTA-FEIRA SANTA (6 de abril)

PARA ÓDIO GRATUITO, AMOR GRATUITO

I. INTRODUÇÃO GERAL

O Salmo 69(68) inspira no Quarto Evangelho o grito de Jesus: “Tenho sede!” e o detalhe do vinagre que, em resposta, lhe oferecem. “Para a minha sede deram vinagre” (v. 22) “os que me odeiam sem motivo” (v. 5). Para a sede de amor, de correspondência ao amor oferecido, a resposta é o vinagre do ódio gratuito. A gratuidade do ódio só faz completar a gratuidade do amor.

Na narração da Paixão no Evangelho de João, Jesus é sempre senhor da situação. Após a Ceia, vai com os discípulos para um jardim. Jardim lembra o Éden, e não sofrimento e dor. Ali ele não pede que o Pai afaste o cálice da dor, como acontece nos sinóticos.

Ele se entrega quando quer. Não se rebaixa diante de Anás e seus subalternos nem diante de Pilatos. De mãos atadas, como insiste em dizer o evangelista, está mais livre do que aqueles que o prenderam e seus subalternos.

Ele mesmo carrega sua cruz, e os dois crucificados com ele não são bandidos nem criminosos comuns, são apenas mais dois. Quanto mais senhor da situação, mais livremente ele está amando, mais gratuito é seu amor.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 52,13-53,12)

Temos como primeira leitura todo o quarto e último cântico do Servo de Javé. O poema parece desenvolver-se em forma de jogral, no qual se ouve a voz de Javé; há intervenções do autor; ouve-se a voz dos reis ou dos opressores do Servo e, finalmente, é mais uma vez Javé quem fala.

Javé começa anunciando o êxito que terá o seu Servo Sofredor. Logo em seguida não se percebe claramente se é Javé ou o autor do poema quem fala, destacando o contraste entre a situação desumana do Servo e o que vai acontecer. Será grande surpresa para as nações e para os reis da terra.

Falam, então, os reis da terra ou os opressores, que reconhecem nos sofrimentos do Servo o castigo que eles mesmos mereciam e veem aí uma saída para eles, que se reconheciam perdidos.

O autor parece retomar a palavra para destacar os sofrimentos e a atitude tranquila do Servo e afirmar que esse era de fato o plano de Javé, mas ele não fica sozinho, prolonga sua existência numa multidão de seguidores.

Javé intervém novamente, confirmando tudo isso: “Com a sua experiência o meu Servo, o justo, fará que a multidão se torne justa, pois ele mesmo estará carregando os pecados dela”.

É praticamente impossível definir em quem estaria pensando o poeta quando escreveu o poema. Os pesquisadores ainda se fazem a pergunta do eunuco da rainha da Etiópia: “De quem o profeta está dizendo isso, de si mesmo ou refere-se a algum outro?” (At 8,35).

Depois de Jesus, porém, não há como deixar de ver que aquilo que o poeta escreveu 400 anos atrás encontra seu mais completo entendimento na paixão e morte do Senhor.

2. II leitura (Hb 4,14-16; 5,7-9)

Alguns judeus cristãos queriam abandonar sua fé, com saudades do antigo Templo, das celebrações que ali ocorriam e dos sumos sacerdotes, que, no dia da expiação, entravam no santuário, local da presença de Deus. Jesus, o Filho de Deus, é o verdadeiro sumo sacerdote que entrou no céu. Não há por que desanimar.

Jesus, entretanto, chegou aí pela cruz, único caminho de salvação. No sofrimento aprendeu o que é obediência. Obediência tem que ver com ouvir, estar atento; não é o simples cumprimento de mandamentos ou ordens determinadas, como costumamos entender. Obediência significa atenção aos fatos, à rea-

lidade, para responder aos apelos de Deus que aí nos fala. O apelo dos fatos pode até se contrapor a palavras da Escritura como a de Dt 21,23: “Quem morre pendurado é um maldito de Deus”.

É assim que, atento aos apelos de Deus, Jesus chegou ao fim e tornou-se fonte de salvação para todos os que estão atentos a ele.

Ele só dá um mandamento que nada tem de novo, a não ser o modo de pô-lo em prática: “como ele fez”. Ele é Mestre muito mais pelo que faz do que pelo que diz. Não dá uma floresta de normas a serem cumpridas, mas merece toda atenção para que se faça como ele fez.

3. Evangelho (Jo 18,1-19,42)

Vários detalhes significativos da Paixão segundo João ficam esquecidos pela maioria das traduções. Certamente valerá a pena destacá-los para, com base neles, entendermos melhor o que o evangelista quer dizer.

Jesus vai com os discípulos para um jardim. O evangelho não fala em Getsêmani ou espremedor de azeite, como dizem Marcos e Mateus, nem em monte das Oliveiras, como Lucas. Jardim lembra o Éden, e ali Jesus costumava se reunir com os discípulos. Ali não há pedido para que o Pai lhe afaste aquele cálice.

Quando Judas, que agora é o Satanás, o Inimigo, chega comandando um batalhão ou coorte (em tese 600 soldados) das legiões romanas, além de funcionários do poder religioso (os sumos sacerdotes), Jesus sai, não apenas “adianta-se”, como se traduz frequentemente. No Jardim os inimigos não entram.

Judas não lhe dá o beijo. É Jesus que se apresenta e se entrega. O seu solene: “Sou eu!” ecoa como o nome de Deus “Eu Sou”, já que no grego é sempre *ego eimi*, e faz os inimigos recuarem e caírem. Ele se entrega quando quer, de maneira totalmente livre. Sob coação não há amor.

Os discípulos não fogem, Jesus é que lhes dá proteção. “Se é a mim que estão procurando, deixem esses aí irem-se embora!”

Simão Pedro tenta resolver pela violência, corta o lóbulo da orelha direita do servo do sumo sacerdote, ponto da unção sacerdotal (Ex 29,20). Só João traz esse detalhe, assim como o nome desse “servo do sumo sacerdote”, Malco, de *malk*, *mélek*, rei. O império, o braço secular, está a serviço do sumo sacerdote.

Os poderes romano e judaico prendem e amarram Jesus. Ele é levado primeiro a Anás – quem, na verdade, tinha nas mãos os fios da trama, pois a morte de Jesus já estava decidida

pelo Sinédrio quando Caifás disse que era preferível um só morrer pelo povo.

Pedro, o dirigente, e o outro, o discípulo, seguem Jesus. O discípulo é conhecido. “Nisso todos saberão (...)”. Ele entra com Jesus no recinto do sumo sacerdote, no recinto da morte por amor ao outro. Pedro, o dirigente, fica defronte à porta. Para o pastor, o porteiro abre a porta do recinto (a mesma palavra) das ovelhas. Mas, diante da porteira, Pedro nega ser discípulo. Gelado de medo, tem de se esquentar ao fogo ao lado dos inimigos de Jesus.

Jesus está atado, mas está mais livre do que Pedro, do que Anás e seus subalternos. Quando Anás o interroga sobre sua doutrina e seus discípulos, sobre os discípulos ele se cala – ele não vai dedurar os discípulos; sobre a doutrina, manda que pergunte a quem a ouviu – não é ele que deve se justificar ou se acusar. Ao subalterno que o esbofeteia, pergunta: Se errei, diga onde foi; se falei certo, por que me bate? Será para bajular o chefe?

Mais duas vezes Pedro nega ser discípulo, em contraposição à firmeza e à segurança de Jesus. E, como Jesus dissera, o galo canta em seguida. Ao contrário dos sinóticos, que falam aqui do arrependimento de Pedro, este evangelho apenas muda de cenário.

O tom agressivo do diálogo entre Pilatos e os judeus e mesmo de Pilatos com Jesus representa bem o clima de desconfiança mútua que havia entre Pilatos e o povo judeu. Para o evangelista, entretanto, a palavra “judeus” lembra mais o grupo de escribas fariseus que passou a dominar o judaísmo a partir de 85.

Esses “judeus” não entram na casa de Pilatos. A casa de um incircunciso contamina a pessoa, e eles queriam estar puros para poderem “comer a Páscoa”. Querem matar um inocente – isso não tem importância; o importante é não se contaminarem, entrando na casa de Pilatos.

Pilatos fica, então, para dentro e para fora, como um brinquedo nas mãos deles. Dentro ele conversa com Jesus e fora conversa com os “judeus”. No início, quando Pilatos os manda julgar segundo a sua Lei, eles respondem que não lhes é permitido matar ninguém: “Não matarás!” No final, “nós temos uma lei e, de acordo com essa lei, ele deve morrer”.

Dentro, Pilatos pergunta a Jesus se ele é o rei dos judeus. Para Pilatos, Jesus é apenas mais um maluco que pretende enfrentar o império fazendo-se rei da nação judaica. Mas o diálogo avança até Jesus se dizer rei sem subalternos, um rei de verdade e da Verdade. A pergunta de Pilatos fica para o leitor: Verdade, que é isso?

A flagelação ou tortura de Jesus em João não passa da tentativa de fazer dele um rei de palhaçada, com um velho manto vermelho às costas e uma coroa de ramos de espinhos. Mas é o poder de Pilatos que é questionado por Jesus: “Não terias nenhuma autoridade se não te tivesse sido dada de cima; quem me entregou a ti tem pecado maior”.

Literalmente (Jo 19,4-5): “Pilatos disse-lhes: ‘Vejam que eu o trago para fora para que vocês fiquem sabendo que não encontro nele nenhum indício’. Jesus saiu para fora portando a coroa de espinhos e o manto vermelho e disse: ‘Eis o homem!’” A maioria das traduções introduz aí Pilatos. Mas no texto grego parece ser Jesus, “rei de brincadeira”, quem diz: “Eis o homem!” Que significados isso teria?

Depois, o texto deixa entender também que é Jesus quem se senta ao tribunal, na cadeira do juiz. Pilatos o faz sentar-se aí para desmoralizar sua pretensão de ser “rei dos judeus” e para insultar os judeus: “Aí está o rei de vocês”. Jesus sentado ao tribunal, quando pensam que o estão condenando, é quem os condena: “É agora o julgamento deste mundo!” (Jo 12,31).

A resposta é: “Tira daí! Tira daí! Crucifica!” Ironicamente, como é costume de João, dizem a verdade: não é aí que ele reina, é na cruz. Lá ele vai atrair tudo a si (12,32), lá todos vão reconhecê-lo como “Eu Sou” (8,28).

“Não temos outro rei a não ser César” é a afirmação decisiva para condenar Jesus à morte. Os representantes atuais do judaísmo, quando o evangelho é escrito, tinham feito com o império um acordo que os isentava da obrigação de participar do culto imperial. Agora seu rei é César, já não querem o reinado de Deus, como era de sua mais antiga tradição.

Depois do meio-dia, Pilatos decide crucificar Jesus. O Cordeiro pascal deve ser morto na parte da tarde, depois do meio-dia. Os judeus entregaram Jesus a Pilatos, agora Pilatos lhes entrega Jesus para que seja crucificado.

Não há cireneu, Jesus sai carregando ele mesmo a cruz que será sua. O escrito sobre a cruz não é o motivo da condenação; é simplesmente o título, e título universal, na língua do país, na língua dos dominadores e na língua universal. É a nova escritura feita ironicamente por Pilatos.

É crucificado entre outros dois, testemunhas de sua entronização, e/ou simplesmente entre os outros crucificados.

A principal herança, o que de mais caro uma pessoa possuía, eram as roupas. Elas representavam a herança de Jesus. Os sinóticos simplesmente lembram o Salmo 22, João vai mais longe. A

insistência nos soldados confirma. Os soldados romanos eram recrutados dos quatro cantos do mundo. Eles levam a herança de Jesus para os quatro cantos. A unidade, porém, é preservada na túnica, que não é dividida.

A mãe de Jesus pode representar a origem judaica da comunidade que nos deu este evangelho, enquanto o Discípulo representa os não judeus que também aderiram a Jesus. No princípio dos sinais de Jesus, nas bodas de Caná, já lá estavam os dois, mas ainda não tinham muito a ver um com o outro; agora, sim, na hora de Jesus, os dois devem se acolher como mãe e filho.

Para completar, a sede de amor respondida com o vinagre do ódio gratuito faz que plenamente gratuito seja o amor-espírito que Jesus comunica logo que inclina a cabeça: “Inclinou a cabeça e comunicou o espírito” (19,30). Agora, sim, com o sangue de sua morte sai a água, nascente de rio interior a jorrar para a vida eterna (7,38-39). E Jesus é sepultado provisoriamente no Jardim.

VIGÍLIA PASCAL (7 de abril)

A NOITE DO NOSSO BATISMO

I. INTRODUÇÃO GERAL

Esta é a celebração das celebrações, o centro do ano litúrgico. O Lecionário oferece nove leituras para que, conforme a conveniência pastoral, se escolham pelo menos duas do Primeiro Testamento, sendo a do Êxodo obrigatória, e se leiam também as duas do Segundo Testamento: Romanos e o evangelho.

A exigência de que se leia a passagem do Êxodo faz a ligação da nossa noite de Páscoa com a Páscoa dos hebreus. Sem ela não se entende o Precônio Pascal (*Exultet*).

A noite da ressurreição do Cristo é a noite do nosso mergulho na morte do Senhor (o batismo), é a noite da saída dos hebreus da escravidão do Egito, é a noite da travessia do mar Vermelho, é a noite da liberdade plena adquirida. As diferentes figuras lembradas no Precônio mostram os vários lados da realidade de nosso batismo, mergulho na morte e ressurreição com Cristo.

Como as leituras são muitas e, dependendo das circunstâncias pastorais de cada assembleia, podem-se omitir algumas, apresentamos, além das leituras obrigatórias, apenas breve comentário de cada leitura. Os próprios comentários podem servir também como dicas para reflexão, a fim de não nos alongarmos demais.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Gn 1,1-2,2)

A primeira narrativa bíblica da criação vai nos lembrar de que a ressurreição de Cristo é o começo da nova criação, do novo mundo. Hoje é o primeiro dia novamente.

2. II leitura (Gn 22,1-18)

Isaac, filho único de Abraão, seria sacrificado sobre um altar, mas não o foi. Tornou-se, depois, bênção e pai de grande descendência. O episódio, para os cristãos, prefigura a morte e ressurreição de Jesus.

3. III leitura (Ex 14,15-15,1a)

A noite da Páscoa, hoje, lembra a noite da Páscoa dos hebreus. O cordeiro foi sacrificado, e eles se alimentaram com sua carne. O sangue do cordeiro nos portais de suas casas evitou que a morte ali entrasse. Em seguida, escaparam da escravidão.

O texto fala da travessia do mar Vermelho. Não nos interessam os fatos, interessam as versões. O relato vem de diferentes tradições, todas procurando exaltar a grandeza da intervenção de Javé em favor do seu povo. Estamos na experiência fundadora do povo de Deus.

Depois da Aliança – “Vistes o que fiz aos egípcios e como eu os trouxe até aqui como que em asas de águia” –, todos os sinais, por menores que sejam, da intervenção de Deus tornam-se espetaculares. No fundo, é uma luta entre os poderosos do Egito e Javé, o Deus dos fracos, dos escravos.

Vários detalhes do episódio são lembrados no Precônio Pascal, adquirindo aí outro e maior sentido. A coluna de nuvem, escura do lado egípcio e luminosa do lado dos hebreus, torna-se figura do círio pascal, da luz do Cristo ressuscitado a se multiplicar nos fiéis, sem perder o seu vigor.

A passagem pelo seco entre as águas do mar lembra a saída da escravidão do pecado para a vida nova com Cristo ressuscitado. A morte dos egípcios, o massacre do exército do faraó, lembra a vitória contra os vícios e pecados. Tudo lembra o batismo, primeira parte da celebração desta noite.

4. IV leitura (Is 54,5-14)

O livro de Isaías fala da esperança de restauração para a cidade de Jerusalém. Nós ouvimos esta leitura pensando na ressurreição de Cristo e na renovação das comunidades dos seus discípulos, a Igreja.

5. V leitura (Is 55,1-11)

O Segundo Isaías falava da esperança de um povo sofredor que se apoiava na palavra de Deus. Hoje, para nós, esta leitura lembra a esperança que renasce com a ressurreição de Cristo.

6. VI leitura (Br 3,9-15.32-4,4)

Esta meditação sobre o sofrimento do povo exilado, escravo e perdido serve também para pensarmos na ressurreição de Jesus e na esperança que nos deve animar, se nos apoiamos na palavra de Deus.

7. VII leitura (Ez 36,16-17a.18-28)

O povo sofria no cativeiro, longe de sua terra. A causa desse sofrimento é o pecado, as injustiças contra os irmãos e a idolatria – colocar outras coisas no lugar de Deus. Para acabar com o mal pela raiz, o profeta anuncia uma água para lavar e um coração de carne no lugar do coração de pedra. Hoje, pensamos na transformação a que deve levar o batismo e a vida batismal.

8. Carta (Rm 6,3-11)

Batizar significa mergulhar. Paulo lembra o significado do batismo como mergulho na morte de Cristo, a caminho da ressurreição. Como ouvi de uma menina: “Para viver em comunidade é preciso passar pela cruz”.

Mergulhados na morte com Cristo, com ele temos a vida nova da ressurreição, seja a força de sua vida nova agindo em nós, seja a vida nova de um novo comportamento, longe do domínio do pecado.

Mortos com Cristo, com ele ressuscitamos, com ele começamos de novo, na condição nossa do eterno recomeçar. A renovação dos compromissos batismais, seja no diálogo explícito, seja no símbolo da vela batismal reaccesa na luz do círio, reconduz à vida nova com Cristo.

9. Evangelho (Mc 16,1-7)

Começa a nova humanidade. Testemunho de mulher nada valia, agora elas são as testemunhas. Na manhã do domingo, bem cedo, o sol já nascido, as três mulheres vão prestar uma homenagem atrasada, perfumar o corpo de Jesus, o que não foi possível fazer na sexta-feira à tarde, já que entrava o sábado.

Conversavam sobre quem poderia rolar para elas a pedra que fechava a entrada do túmulo, quando viram que a pedra, muito grande, tinha sido totalmente removida. Entraram no túmulo pensando ainda achar o corpo.

Em vez do cadáver, foram surpreendidas ao ver um jovem sentado à direita e vestido de branco, a cor da vitória.

O Evangelho de Marcos termina abruptamente, à moda dos filmes surrealistas, tanto que lhe foram acrescentados os versículos 9 a 16, que são canônicos, mas não são originais. O jovem de branco sentado à direita diz-lhes que Jesus já não está no lugar dos mortos, está vivo, e manda que digam aos discípulos que devem ir para a Galileia, onde todos poderão vê-lo. As mulheres saem fugindo do sepulcro e, apavoradas, nada dizem a ninguém. Assim termina o evangelho. Só o leitor fica sabendo que, para ver Jesus, é preciso voltar à Galileia.

Que significa esse voltar para a Galileia? Será apenas reler o trecho do evangelho que fala de Jesus na Galileia, buscando enxergar aí Jesus vivo, ressuscitado? Na Galileia Jesus formou a comunidade de seus discípulos. É preciso buscar ver na própria comunidade a presença viva de Jesus.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

– A tradição do Êxodo está no centro da celebração da Páscoa, centro do ano litúrgico. Êxodo é saída da escravidão para a liberdade, é a partida de um grupo sem-terra que vai à procura de uma terra que seja sua. O sentimento de que Deus estava com eles foi o ponto de partida da formação do povo de Deus e da própria Bíblia. É a nossa origem, que não podemos negar.

– “Re-suscitar” com Cristo significa recomeçar com ele, reassumir com novo vigor a missão recebida de Deus, começar com Cristo uma vida nova.

– O batismo nos mergulha na morte de Cristo. Para viver em comunidade é preciso passar pela cruz. O mergulho importante do batismo não é na água de um rio, mas na morte de Jesus, na morte em favor dos outros, na morte humilhante de cruz. Morrer com Cristo é morrer para si mesmo, morrer para a própria vaidade, morrer para os próprios interesses e morrer, sacrificar-se, em favor dos outros, para ressuscitar, para que todos tenhamos mais vida, justiça, fraternidade, solidariedade. Essa morte e ressurreição são renovadas a cada ano na Páscoa, mas são vividas nas pequenas renúncias e realizações de cada dia.

– A ressurreição de Cristo não é um espetáculo teatral nem uma superprodução, é o túmulo vazio; o túmulo lembra o *sheol*, o lugar dos mortos. A “mansão dos mortos” está de portas escancaradas, quem ali estava não está mais. Ele agora tem as chaves da morte, do *sheol*.

– O jovem de branco diz que é para voltar à Galileia se quisermos ver o “re-suscitado”. É preciso reler a vida em comunidade para descobrir aí a presença do redivivo. É preciso refazer a vida em comunidade para descobrir aí a presença do redivivo.

DOMINGO DA PÁSCOA (8 de abril)

COMEÇA UM MUNDO NOVO!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Hoje é o primeiro dia, hoje começa novamente a história da criação; hoje a história se renova e se refaz; hoje muda tudo, hoje tudo recomeça de nova maneira e em outra perspectiva. A vida nova de Cristo é a vida nova da humanidade, a ressurreição do Senhor é a ressurreição do mundo. Jesus está vivo, o mudo tem salvação.

Testemunho de mulher nada valia, agora a Discípula é a primeira testemunha. Ela representa a comunidade que diz: “Não sabemos onde o puseram”. Ela dá a notícia ao Discípulo e ao dirigente. Começa uma história diferente.

Na ressurreição, Deus confirma o caminho de Jesus, que, apesar de todas as aparências em contrário, é o vitorioso, é o Senhor, é o Cristo, o Messias. A partir de agora, os critérios são outros. Os homens seguem um caminho, crucificam; Deus segue outro, ressuscita, torna a levantar, a suscitar, a promovê-lo de novo a uma missão.

Já não é possível estar apegados às antigas ideias e aos antigos costumes e normas, sejam dos judeus, sejam das religiões pagãs. Agora é preciso pensar mais alto.

Precisa haver verdadeira renovação, profunda mudança de costumes, jogar fora o velho fermento, como faziam os judeus na festa da Páscoa unida à dos pães sem fermento.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 10,34a.37-43)

Na fala de Pedro, em casa de Cornélio, está um resumo da pregação inicial do cristianismo. Evangelizar é noticiar um fato, um acontecimento, e mostrar a intervenção de Deus que dá novo sentido aos acontecimentos.

Aquilo que pareceu um fracasso, uma derrota, torna-se vitória. Aquele que foi morto e humilhado, Deus o ressuscitou e fez dele o juiz da humanidade e a esperança dos que nele creem.

Bem próprio dos Atos dos Apóstolos é a exclusividade dos apóstolos como testemunhas da ressurreição. Eles viram, tiveram a experiência viva de que Jesus estava ressuscitado, só eles são testemunhas. “Nós que comemos e bebemos com ele” sem dúvida faz alusão a Lc 24,41-43.

2. II leitura (Cl 3,1-4)

A uma comunidade cheia de superstições, tabus e preconceitos de sabor religioso, a palavra de Paulo convida a pensar mais alto, à luz da ressurreição e do batismo.

No trecho anterior (2,16-23), o autor da carta falava de uma mistura de dados: as normas alimentares dos judeus, suas festas e dias santificados, o culto dos anjos, a crença em visões celestes, coisas que só satisfazem a vaidade humana, “a carne”, e também os “elementos do cosmo”, ou a influência dos astros, conduzidos pelos anjos, que, segundo as religiões cósmicas, governam o mundo.

E tudo estava ligado a uma série de proibições que só fazem satisfazer a “carne”, a vaidade pessoal. Isso são coisas da terra. Ressuscitados com Cristo no batismo, temos de pensar mais alto.

3. Evangelho (Jo 20,1-9)

As narrativas pascaís, embora diferentes em cada evangelho, têm uma coisa em comum: as primeiras ou a primeira pessoa a descobrir que o sepulcro está aberto é uma mulher, uma discípula. Isso quer dizer que o mundo começa a mudar, pois testemunho de mulher não era aceito legalmente (o Evangelho de Lucas refere-se a isso frequentemente) e agora deve ser aceito como o testemunho fundamental, básico, do cristianismo. É o primeiro dia, começo da nova criação.

No Evangelho segundo João, lido hoje, essa mulher é Maria Madalena, a figura feminina da verdadeira Discípula, que corresponde à figura masculina do Discípulo Amado, com a qual algumas vezes chega a se confundir. Ela fala em nome da comunidade: “Não sabemos”.

Vai ao sepulcro de manhã (não de madrugada, como querem algumas traduções). Mas ainda há trevas, não físicas – o primeiro dia já amanheceu: há trevas na mente, na incerteza ainda do que terá acontecido. Vê que a sepultura está aberta, a pedra que a fechava foi retirada, a morte foi violada.

Corre e vai até Pedro, o Dirigente, e também até o Discípulo Amado, para dizer: “Tiraram o Senhor do sepulcro”. Quem tirou? Este “tiraram” não pode ser interpretado como o plural divino? “E não sabemos onde o colocaram” – ela

fala pela comunidade. Para a comunidade ainda está escuro, mas o leitor pode muito bem adivinhar quem tirou, não o cadáver, mas o Senhor, e onde o colocou.

Correm juntos o Dirigente e o Discípulo. O Discípulo, naturalmente, é mais rápido e chega primeiro. Vê os lençóis estendidos, mas não entra, espera o dirigente. Muitas traduções falam em “faixas de linho”; o evangelista parece, entretanto, falar em lençóis dispostos, estendidos, símbolos da vida.

Simão Pedro chega, entra e vê, além dos lençóis estendidos, algo muito curioso: o sudário ou lenço mortuário não junto com os lençóis, mas enrolado sobre um único lugar. O sudário enrolado, como estivera sobre a cabeça de Lázaro e sobre a cabeça de Jesus, significa a morte.

O símbolo da morte está apartado do símbolo da vida, os lençóis, e está enrolado sobre um lugar único. O evangelista utiliza o adjetivo numeral um, único, e não apenas a omissão do artigo definido ou o adjetivo “algum”, “um”, que poderia ser entendido como artigo indefinido. Que lugar único seria esse, agora envolvido pela morte?

O motivo pelo qual decidiram matar Jesus foi a ressurreição de Lázaro. Disseram: “Se deixamos Jesus vivo, todos vão acreditar nele, virão os romanos e destruirão o nosso Lugar e a nossa nação”. Esse Lugar era o Templo único, a grande fonte de renda dos sumos sacerdotes. Sobre “o lugar único” estava enrolado o lenço mortuário... Não esquecer que o evangelho é escrito 20 anos depois da destruição de Jerusalém e do Templo.

Pedro verificou como estavam em ordem as coisas no sepulcro, que aquilo não fora coisa de ladrões que houvessem roubado (para quê?) o cadáver. O Discípulo viu e acreditou, pois até então não haviam entendido a Escritura segundo a qual ele devia ressuscitar dos mortos.

O contraste entre Simão Pedro, que não queria que Jesus lhe lavasse os pés, e o Discípulo Amado, que não se opôs ao amor comprometedor de Jesus, fica evidente no episódio. O evangelho está dizendo que o importante não é ter uma função, um cargo, ser um dirigente da Igreja, o que interessa é ter fé, ser discípulo, seguidor.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

– A ressurreição mostra que Deus vai na contramão dos critérios humanos: aquilo que para nós parece derrota, para Deus é vitória; o que parece o fim de tudo é novo começo, cheio de força e vigor. Aquele que, crucificado, foi

feito o último dos homens agora é o Senhor, mais que César.

– A nova criação não está terminada, está apenas começando. A ressurreição do Senhor é apenas o primeiro dia; ela deve se completar com o nosso trabalho e esforço coerente. Ela começa valorizando aqueles que, aos olhos dos homens, não tinham nenhum valor.

– A nova criação está terminada, é agora irreversível. Na pessoa de Jesus, o Mundo Novo está completo; Jesus garante que nossa luta e nosso trabalho não serão em vão, não cairão no vazio, pois a intervenção final de Deus já acontece.

– A novidade da Páscoa não admite mistura com a antiga situação, tem de ser total, completa. Por isso, é preciso procurar atentamente, como fazem os meninos judeus, todo resquício do fermento velho. Tudo agora tem de ser novo, o passado tem de ser definitivamente passado.

– Depois do amanhecer do primeiro dia, mas ainda escuro, ainda obscuro, mesmo para os discípulos, qual o significado mais completo de tudo aquilo? O túmulo, o recinto da morte, está aberto, a pedra não lhe fecha mais a saída, aquele que ali estava é o Senhor, ele tem a chave da morte e do lugar dos mortos.

– O Discípulo corre mais rápido, chega primeiro, a atração que ele sente é maior. Ele, entretanto, respeita a posição do Dirigente, deixa-o entrar primeiro. O Dirigente vê, observa, verifica apenas. Cumpre a função burocrática. O Discípulo crê. Ser discípulo ou ter uma atribuição? Qual dos dois lados mais nos motiva? O mais visível é sempre o ter uma atribuição determinada, isso deixa mais claro quem somos na ordem das coisas. Será possível se motivar, até mesmo se encantar ou até se apaixonar por ser discípulo?

2º DOMINGO DA PÁSCOA (15 de abril)

ELE ESTÁ NO MEIO DE NÓS!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Nas nossas celebrações eucarísticas, mais de uma vez a assembleia responde à saudação: “O Senhor esteja convosco!”, dizendo: “Ele está no meio de nós!” É necessário que isso não fique apenas como uma fórmula ritual, mas seja expressão de um ato de fé na presença do Senhor ressuscitado na assembleia reunida.

O evangelho deste segundo domingo de Páscoa lembra isso vivamente: estando os discípulos

reunidos no primeiro dia da semana, mesmo com as portas trancadas, Jesus ressuscitado se pôe visível no meio deles. No domingo seguinte, o mesmo acontece e ainda de maneira visível. Depois a presença vai perder a visibilidade, mas não deixará de existir.

Tomé não acreditou nos outros discípulos, não acreditou na presença de Jesus na comunidade. Sua descrença vem valorizar a fé nessa presença invisível, mas plenamente viva, a fé que leva ao testemunho do Ressuscitado. “Felizes os que creem sem ter visto!”

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 4, 32-35)

Lemos, na primeira leitura de hoje, um retrato da primeira comunidade cristã. Destacam-se três características fundamentais: 1. Alimentar a fé; 2. Ser exemplo de partilha e solidariedade; 3. Ser força de transformação do mundo.

Esse retrato focaliza como a comunidade ideal vivia a partilha e a solidariedade. Todos alimentavam a fé na palavra de Deus e na oração e faziam o bem. Tudo pela força do Ressuscitado.

Um só coração e uma só alma. O coração, para o semita, é o pensamento, a mente, a cabeça, e a alma significa o desejo, o apetite, a gana. Todos se orientavam pela mesma mente e lutavam com a mesma gana, com a mesma disposição.

A partilha e a solidariedade chegavam ao extremo de eles não dizerem que eram suas as coisas que possuíam. Com isso, ninguém passava necessidade, pois tudo era partilhado. A importância da vida de partilha e da solidariedade é tal, que parecem ficar esquecidos os outros dois aspectos: o alimentar a fé e a influência fora da comunidade.

No entanto, não ficaram esquecidos, pois o “testemunho da ressurreição do Senhor”, dado pelos apóstolos, inclui esses dois aspectos. O testemunho dos apóstolos, segundo Lucas, além de significar a confirmação da fé dos discípulos, revestia-se também dos milagres realizados em favor dos de fora, o que vai ser destacado no retrato do capítulo 5.

2. II leitura (1Jo 5,1-6)

As cartas de João encaram um problema grave ocorrido na rede de comunidades do Quarto Evangelho ou Evangelho do Discípulo Amado: algumas comunidades dessa rede, apoiadas, sem dúvida, nas palavras do evangelho, chegavam a dizer que a humanidade ou a

“carne” de Jesus era só aparência; a força da divindade seria tal, que anularia praticamente a humanidade. É o que, de modo inconsciente, ocorre com muita frequência na cabeça de muitos cristãos de hoje.

Por isso mesmo, no trecho da primeira carta lido hoje, há duas frases, uma no início (v. 1) e a outra no final (v. 6), cujo sentido não é devidamente observado pela maioria dos tradutores: “O Messias é Jesus” e “o Filho de Deus é Jesus”, e não “Jesus é o Messias” e “Jesus é o Filho de Deus”. Como no prólogo do evangelho (Jo 1,2) praticamente já se chegou ao consenso de que, por causa do uso do artigo, se deve traduzir “a Palavra era Deus”, e não “Deus era a Palavra”, aqui também o sentido correto é o que dissemos.

O Messias, o Cristo, o Filho de Deus é o homem Jesus, e não, simplesmente, Jesus é o Cristo, Jesus é o Filho de Deus. E vence o mundo quem crê na humanidade, quem crê que o Filho de Deus é o homem Jesus. Gerado por Deus é quem crê que o Messias é o homem Jesus. E amar os gerados de Deus é amar os que têm essa fé.

O Cristo é Jesus, a morte verdadeira (sangue) é que revelou o grande amor e nos comunicou o espírito (água), a capacidade de amar como ele amou. Sem essa morte verdadeira não há amor, não há espírito (Jo 7,39).

3. Evangelho (Jo 20,19-31)

Nos dois primeiros domingos após a morte de Jesus, os discípulos estão reunidos e ele está visível no meio deles. Jesus lhes passa a missão que recebeu do Pai: livrar a humanidade do pecado. Felizes os que, hoje, sem ver, acreditam na presença do Senhor ressuscitado no meio dos seus.

“Por medo dos judeus” diz o evangelista ser o motivo pelo qual estavam fechadas as portas do lugar onde se reuniam os discípulos. A frase parece deslocada, dando a impressão até de que os discípulos estavam reunidos em um lugar por medo dos judeus.

Esse medo dos judeus não tem a menor razão de ser no domingo mesmo da ressurreição. Os primeiros discípulos eram um grupo inofensivo de judeus, então por que teriam medo dos judeus? De que judeus estariam com medo? Que ameaça esses discípulos, mesmo reagrupados, poderiam oferecer às autoridades judaicas, dois dias apenas após a morte de seu Mestre?

Quando o evangelho foi escrito, 60 anos após os acontecimentos, Jerusalém e o Templo destruídos havia já 20 anos, um grupo de fariseus que agora se atribuía o direito exclusivo de se

chamarem judeus e de gozarem dos privilégios dos judeus perante o império romano ameaçava, sim, os judeus que se tornassem cristãos, expulsando-os do judaísmo. Perdendo a identidade judaica, eles perdiam o privilégio de não precisar participar do culto imperial, além da convivência até com os familiares não cristãos.

Isso nos diz que o evangelista está falando em sentido figurado, para o seu tempo, nem um pouco preocupado com a historicidade dos fatos. Aos domingos (no primeiro, no segundo...), os discípulos de Jesus se reúnem para celebrá-lo. Mesmo que as portas do lugar estejam fechadas, para que os que se consideram os únicos judeus legítimos não identifiquem quem esteja ali, Jesus se põe no meio da comunidade reunida.

Esse é o testemunho da comunidade, mas Tomé, um dos doze, não acredita. Oito dias depois, no outro domingo, Tomé vê e crê. Mas quem recebe o elogio (“felizes...”) são os que hoje creem sem ter visto. Esse “hoje” é de quando o evangelho foi escrito, como é também o do nosso tempo.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

– Tomé não acreditou na comunidade, não acreditou em Jesus presente nos discípulos reunidos. Hoje, Jesus continua presente quando nos reunimos para celebrá-lo. Felizes os que, sem ver, acreditam e se comprometem com a missão de vencer o egoísmo que leva à morte e com a missão de trazer vida para todos.

– Durante a celebração eucarística, mais de uma vez dizemos: “Ele está no meio de nós”. Não o vemos, mas acreditamos. Se é que não dizemos isso só com os lábios. Continuamos celebrando a presença do Ressuscitado entre nós para que possamos testemunhar o amor que salva e encontrar forças para as lutas em favor da vida.

– A morte assumida, o sangue, é celebrada aqui, para que o espírito de amar como ele amou se torne, dentro de nós, uma nascente de caudaloso rio a transformar este mundo governado pelo egoísmo.

– A insistência dada à presença sacramental nas espécies eucarísticas sufocou a consciência da presença viva na assembleia, onde costumamos nos saudar com: “A paz esteja convosco!” Bem santo Agostinho já dizia: “Dizeis Amém ao sacramento de vós mesmos, pois ‘vós sois o corpo de Cristo’”. Não seria bom desenvolver um pouco mais a teologia da presença do Senhor ressuscitado na assembleia, nas comunidades? Mais do que a teologia, não seria importante

melhorar e desenvolver a prática dessa presença, do Sacramento da Presença de Jesus na comunidade, no grupo que se reúne por causa dele (pois “onde dois ou três estão reunidos em meu nome...”)?

3º DOMINGO DA PÁSCOA (22 de abril)

O VENCIDO É VENCEDOR

I. INTRODUÇÃO GERAL

O vencido é vencedor! Na mentalidade de hoje, dificilmente se crê na vitória dos vencidos. Mas é núcleo da fé cristã. Crer em Jesus significa crer na vitória do vencido, na glória do humilhado, no poder do derrotado. Para uns é tolice, para outros é um absurdo, mas é a sabedoria de Deus, é a força de Deus.

O maior fracasso se transformou no maior sucesso. Antes das palavras, os fatos: os apóstolos que, paralisados de medo, abandonaram o Mestre agora estão cheios de vigor. Diante dos fatos não há argumentos, Pedro, antes paralisado de medo diante de uma empregada do chefe, agora se levanta e dá testemunho do Ressuscitado diante da multidão.

A consequência é a necessidade de mudança de cabeça, de mentalidade; é preciso começar a crer que a vida nasce da morte, que o fracassado é esperança de vitória. Isso vai mexer com toda a vida das pessoas e do mundo. A missão agora é anunciar este novo modo de pensar, esta *metanoia*.

Isso não é uma fantasia; o Ressuscitado não é um fantasma, é o mesmo crucificado. O Cristo, o Messias, a esperança da humanidade é Jesus, é o pobre galileu crucificado. Essa é a única realidade capaz de reverter os caminhos que estão levando a humanidade à morte. O caminho da vida está aberto porque o derrotado saiu vitorioso, o massacrado está vivo e atuante.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 3,13-15.17-19)

O livro dos Atos dos Apóstolos coloca nos lábios de Pedro o resumo da primeira pregação do cristianismo. Jesus, massacrado pelos donos da situação, foi aprovado por Deus na ressurreição. Ele é o Messias, a salvação da humanidade.

O mesmo Pedro que, diante de uma jovem empregada do sumo sacerdote, tinha negado

ser discípulo, agora, cercado pela multidão curiosa que se ajuntou em torno do paralisado curado, acusa multidão de ter entregado e renegado Jesus diante de Pilatos, que estava inclinado a libertá-lo.

Ele justifica, contudo, a atitude do povo e das autoridades, que ignoravam quem era Jesus. Agora, porém, está claro. O fato da cura do paralisado, se não também do próprio Pedro, antes paralisado de medo e agora encarando a multidão, testemunha que Javé, o Deus dos antepassados, aprovou e confirmou Jesus como Messias, ressuscitando-o dos mortos.

A conclusão é a necessidade de mudança de mentalidade, de cabeça, a *metanoia* – *metá*, como em “*metamorfose*”, e *noia*, como em “*paranoia*”. A mudança de mentalidade é que vai fazer que Deus os livre dos pecados. Apagar os pecados é uma obra de Deus, mas exige que, primeiro, se mude a cabeça.

2. II leitura (1Jo 2,1-5a)

Em algumas comunidades da rede do Quarto Evangelho dizia-se que quem crê em Jesus não peca, pois, segundo o evangelho, ele é o Cordeiro que tira o pecado do mundo e o único pecado é não crer nele (Jo 16,9). Quem crê, portanto, está totalmente isento de pecado. Isso era a consequência prática de dar pouca importância à humanidade de Jesus, à sua morte física, à sua “carne”.

Depois de dizer que, se afirmamos não ter nenhum pecado, estamos enganando a nós mesmos e tachando a Deus de mentiroso, o autor passa a dizer que, se pecamos e reconhecemos nosso pecado, temos um advogado nosso junto do Pai, Jesus, o único justo.

Ele invoca a bondade, a misericórdia, a compaixão, o perdão de Deus pelos nossos pecados. Sua morte verdadeira, seu sangue foram o sacrifício pelos nossos pecados. A palavra *ilasmos* no Segundo Testamento só ocorre duas vezes e ambas nesta carta de João. No Primeiro Testamento (LXX), a palavra tem geralmente o sentido de sacrifício pelo pecado. O nosso Advogado (aqui Jesus, não o Espírito Santo, cuja posseção possivelmente justificasse a ideia de ausência de pecado) se sacrifica verdadeiramente para conquistar para nós a condescendência do Pai.

O único justo sacrifica verdadeiramente a sua vida pelos nossos pecados, não só pelos nossos, mas pelos de todo o mundo. É na verdadeira morte (sangue) de cruz que ele se torna o Cordeiro que tira o pecado do mundo.

Outra consequência do destaque exagerado dado à divindade de Cristo é não considerar o exemplo do seu comportamento (v. 6) e nem mesmo seus mandamentos. “Quem diz que o conhece, mas não observa os seus mandamentos, é um mentiroso.” Conhecê-lo não é ter noção teórica, nem mesmo momentos sentimentais de intimidade com ele. É ter afinidade, consonância, agir como ele agiu.

3. Evangelho (Lc 24,35-48)

Temos, neste domingo, a narrativa inicial da última aparição de Jesus ressuscitado no Evangelho segundo Lucas.

O relato vem confirmar que o ressuscitado é o mesmo crucificado, não é um espírito, um fantasma, uma alma do outro mundo. Talvez fosse mais interessante traduzir: “Eu sou o mesmo”, em vez de: “Sou eu mesmo”. Os detalhes todos convergem para isso.

O episódio começa com o relato feito pelos discípulos de Emaús: o acontecimento do caminho foi Jesus aproximar-se, ver a decepção dos discípulos diante da cruz, julgar, trazer a luz da Escritura para iluminar os acontecimentos. O reconhecimento, porém, deu-se ao “partir do pão”, no gesto que, com a palavra, significou o agir, que foi assumir novamente aquela morte, causa da decepção.

Quando os discípulos estão reunidos, ao entardecer do domingo, Jesus se põe no meio deles com uma saudação litúrgica: “A paz esteja convosco!” A impressão de estarem vendo o que se costuma chamar de “alma do outro mundo”, fantasma, assombração, deixa-os assombrados, apavorados.

Os sinais da morte de cruz nas mãos e nos pés confirmam que o ressuscitado é o mesmo crucificado, ele continua o mesmo. A alegria se mistura ao medo que os discípulos ainda têm. Não é fácil, mesmo, crer que a vida nasça da morte, que a vitória possa vir da derrota. A alegria, porém, já está presente, na perspectiva de ser mesmo verdade, de ser o ressuscitado o mesmo que foi crucificado.

O peixe, alimento comum da Palestina, muito cedo se tornou símbolo de Jesus e da eucaristia. Não é totalmente fora de propósito interpretá-lo assim no evangelho escrito por volta do ano 85. Jesus come com os discípulos o alimento deles, o alimento que é ele (*ICTHYS: Iesus Christos Theou Yios Soter*).

Mais uma vez está tudo esclarecido. Agora vem a Escritura com a palavra de Jesus confirmar que este era mesmo o projeto de

Deus (Is 53,10): o Messias passar por todo o sofrimento e, só então, ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, o dia da aliança de Deus com o povo (Ex 19,16).

Consequência é a missão dos discípulos. O mesmo Deus que suscitou os profetas e o próprio Jesus, agora, depois de sua morte de cruz, o suscita de novo, para que em seu nome seja anunciada indispensável mudança de mentalidade para livrar a humanidade da escravidão do pecado.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

– Segundo a primeira pregação do cristianismo, Jesus, massacrado pelos donos da situação, foi aprovado por Deus na ressurreição. Ele é o Messias, a salvação da humanidade. A salvação passa pela cruz. O Crucificado é “re-suscitado”, Deus lhe dá novamente a missão.

– Crer em Jesus não é crer somente na sua divindade, é crer também na sua humanidade; é crer que o Filho de Deus, o Messias enviado pelo Pai, é Jesus, é o crucificado, é o derrotado, o humilhado, mas vitorioso, por fim. O Cristo é Jesus, o Filho de Deus é Jesus, o Advogado nosso é Jesus.

– A fé no Crucificado “re-suscitado” exige mudança de mentalidade para a libertação dos pecados. O reino do pecado é o da vitória do mais competente, do mais forte, do mais poderoso, do mais brilhante. O sucesso do fracassado, a vida que vem da cruz exigem que se mude esse modo de pensar, senão o pecado continua prevalecendo.

– O Cristo, o Messias, a esperança da humanidade, é Jesus, é o pobre galileu crucificado. Essa é a única realidade capaz de reverter os caminhos que estão levando a humanidade à morte. O caminho da vida está aberto porque o derrotado saiu vitorioso, o massacrado está vivo e atuante.

– Buscar somente a satisfação imediata, o prazer ou o bem-estar do momento – o que hoje é comum até mesmo em movimentos religiosos –, não leva a nada, não traz salvação, nada muda, apenas reforça o egoísmo avassalador. Sem humildade, sem uma disciplina, sem a pessoa se pôr limites, sem entender o que a cruz significa, nada se constrói e tudo se destrói.

– Celebramos a entrega que Jesus faz de si à pior das mortes, entrega que trouxe a plenitude da vida. Quando Jesus viu que os inimigos queriam dar-lhe a morte de cruz, apesar do pavor que isso lhe causava, não recuou, entregou-se. Como pão partido e vinho repartido, ele se faz alimento da verdadeira fraternidade universal.

O MODELO DE PASTOR

I. INTRODUÇÃO GERAL

Estamos habituados a repetir a expressão “Bom Pastor”, aludindo sempre ao trecho do evangelho a ser lido hoje. O adjetivo bom é muito pouco para o que Jesus quer dizer. Ele não é apenas um pastor bom, ele é o verdadeiro, o autêntico pastor, o modelo de pastor.

Ezequiel (cap. 34) já falara dos dirigentes do povo como pastores, para os quais só interessavam a carne e a lã das ovelhas, que não cuidavam da fraca e da doente e ainda permitiam que as mais fortes afastassem do cocho as mais fracas com os chifres ou com as ancas. No lugar deles, Deus, o dono das ovelhas, iria ele mesmo ser o pastor.

Jesus se apresenta como verdadeiro pastor em oposição ao assalariado, a quem, naturalmente, o que interessa é garantir o seu salário, as ovelhas que se danem. O autêntico pastor arrisca a vida pelas ovelhas.

Pouco antes ele havia dito que os outros dirigentes do judaísmo só vieram para roubar, sacrificar, destruir, enquanto ele veio para que todos tenham vida e vida plena. O verdadeiro pastor dá a vida para que as ovelhas tenham vida.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 4,8-12)

Só a fé na ressurreição de Jesus, na sua vida nova, a certeza de que Deus está do lado dele e aprovou sua morte dão a Pedro, que tremeu diante de uma empregada, a coragem de dizer o que diz agora diretamente aos chefes.

Reúnem-se todas as autoridades judaicas: Anás, Caifás e toda a família de sumos sacerdotes, os anciãos, os grandes proprietários membros do Sinédrio, como também escribas que faziam parte desse conselho. Interrogam Pedro e João para saber com que autoridade, em nome de quem, eles fizeram o paralítico se levantar.

A resposta de Pedro é o texto da primeira leitura de hoje. O mesmo que negara ser discípulo diante de uma funcionária de um desses chefes agora fala abertamente a todos eles. Eles mesmos o reconhecem na continuação do episódio. Onde ele encontrou tamanha força?

“Estamos sendo acusados de fazer o bem”, diz Pedro. Isso mostra que esses chefes preferem que o povo continue sofrendo, contanto que eles não percam a sua autoridade. Não querem que os paralíticos se levantem.

Pedro os acusa diretamente: foram eles mesmos que, como maus pedreiros, descartaram aquela pedra que Deus, o verdadeiro mestre de obras, colocou como pedra principal.

“Pedra angular”, o termo hebraico que se encontra no Salmo 118(117), pode significar tanto a pedra da quina do alicerce, que apoia duas paredes, como a pedra que fecha um arco e lhe dá estabilidade.

O rejeitado pelas autoridades religiosas deste mundo, o que foi descartado por aqueles que se julgavam os donos da situação, tornou-se único caminho de salvação para a humanidade. Outro caminho não há a não ser o que passa pela cruz.

2. II leitura (1Jo 3,1-2)

O autor tinha dito no final do trecho anterior que “todo aquele que pratica a justiça nasceu de Deus”. Agora ele passa a falar da grandeza de sermos filhos de Deus. O prólogo do evangelho já colocava no seu centro (vv. 12-13) o pensamento de que Cristo nos deu o poder de nos tornarmos filhos de Deus.

Só que, na rede de comunidades do Discípulo Amado, algumas estavam dizendo que quem já é filho de Deus nada mais tem a esperar depois da morte, já está glorificado com Cristo. Não separavam o “já” do “ainda não”.

Sim, é um grande dom do amor do Pai, já somos filhos de Deus não só de nome, mas de verdade. É por isso que o mundo não nos entende nem reconhece a nós nem ao Pai.

Mas o que temos como um botão de rosa ainda não desabrochou. Isso só vai acontecer quando o Cristo vier. Só então seremos plenamente semelhantes a ele, porque o estaremos vendo ou sentindo como ele é de verdade.

3. Evangelho (Jo 10,11-18)

O pastor, para um povo de origem nômade, é figura de grande importância. A comparação do pastor na Bíblia foi usada primeiramente para falar dos governantes, quase sempre para criticar a corrupção e o descaso com o povo.

O capítulo 34 de Ezequiel é clássico nesse sentido. Os governantes ou pastores só estavam interessados no que podiam aproveitar das ovelhas, a carne e a lã.

Das ovelhas mesmo não cuidavam, não curavam a ferida, não procuravam a que se

perdera, não enfaixavam a que quebrou a perna, não cuidavam de alimentar as fracas e magras e ainda permitiam que as mais fortes afastassem as mais fracas do cocho, impedindo que elas se alimentassem. Ao final, o próprio Deus será o verdadeiro pastor, ele que é o dono das ovelhas.

O capítulo 10 do Evangelho de João está ainda no contexto da cura do cego de nascença e do conflito a propósito disso entre Jesus e os chefes judeus. O cego de nascença representa bem quem nasceu naquele sistema que um grupo de fariseus, na época em que o evangelho foi escrito, estava impondo a todos. Eles eram os guias, e o restante do povo era cego e devia continuar como cego. Jesus, porém, abre-lhe os olhos.

Jesus havia dito um pouco antes: “Aqueles que vieram antes de mim vieram para roubar, sacrificar, destruir; eu vim para que todos tenham a vida e vida plena”. Aí está o grande contraste entre os falsos e o verdadeiro pastor.

A conhecidíssima expressão “Bom Pastor” pode prestar-se à confusão, pode levar a pensar em Jesus somente como um Pastor bom. É muito mais: o adjetivo grego utilizado pelo evangelista, *kalós*, não significa bom, e sim correto, legítimo, verdadeiro, autêntico. Com esse sentido, ele aparece em várias palavras do nosso vocabulário, como em “caligrafia”, escrita correta, dentro dos padrões, elegante, e em “califasia”, pronúncia correta, elegante.

Jesus é o autêntico Pastor, modelo dos pastores. No evangelho, ele é posto em contraste com o assalariado ou mercenário, aquele que só pensa em receber seu salário. Os que vieram antes de Jesus (depois, não se sabe) só vieram para cuidar dos próprios interesses “roubar, sacrificar, destruir”. Intencionalmente, o evangelista usa o verbo “sacrificar” e não “matar”, como muitas vezes se traduz, para lembrar justamente o sacrifício das ovelhas no Templo.

O Verdadeiro Pastor faz o contrário: sacrifica a própria vida para que as ovelhas tenham vida. O mercenário, o assalariado, o mero funcionário, não é o lobo que ataca e dispersa as ovelhas, mas tem medo dele; está ali, ele pensa, para cuidar de si e não das ovelhas; ele não é capaz de se arriscar, de se sacrificar, mas foge, e o lobo fica livre para agir.

O Verdadeiro Pastor conhece as ovelhas e é conhecido por elas. Não apenas conhece cada uma pelo nome, como já foi dito no início do capítulo, mas tem íntima relação com o conjunto das ovelhas. Elas têm experiência do seu amor,

que o levou a dar a vida por elas e a comunicá-lhes o espírito desse amor. Sua intimidade é grande, à semelhança da intimidade entre Jesus e o Pai.

Jesus diz ter outras ovelhas que não são “deste aprisco”, costuma-se traduzir. O evangelho utiliza aqui a mesma palavra (*aule*) empregada para falar do átrio ou recinto do sumo sacerdote. O átrio, o recinto, a área, o espaço, o “aprisco” do sumo sacerdote é o ambiente da religião judaica, de onde vieram os primeiros discípulos. Mas Jesus tem outros, de fora, das nações; ele é o “Salvador do mundo”, já disseram os samaritanos (Jo 4,42).

Todos hão de seguir a voz do Pastor, e único será o rebanho, como único é o pastor. As dificuldades porventura existentes devem ser superadas. Isso vai acontecer na “hora” de Jesus, quando sua mãe, representando as ovelhas deste aprisco, e o Discípulo, representando as que “não são”, vão se acolher como mãe e filho.

O Pai ama Jesus porque ele dá a vida para que tenha vida novamente; ele o faz livremente, ninguém lhe tira a vida. Amor sob coação não é amor. O Pai o ama porque ele nos ama. Era isso o que o Pai queria. O mandamento do Pai era que Jesus amasse até o fim. O mandamento de Jesus é que nós façamos o mesmo.

III. DICAS PARA REFLEXÃO

– Pedro, que tremeu diante de uma empregada, agora, na segurança de que Jesus está vivo e está com ele, tem toda a tranquilidade para falar claro e acusar os próprios patrões daquela empregada. Isso é testemunhar a ressurreição do Senhor.

– Aquela pedra, que os que se consideravam construtores do mundo descartaram, foi escolhida por Deus para ser a pedra principal, seja do alicerce, seja do acabamento. Acreditamos nisso?

– Jesus não é um pastor bonzinho. É o único e autêntico capaz de livremente entregar a sua vida pelas ovelhas. Não há como fugir disso aí.

– Os falsos pastores só pensam no seu interesse. Em vez de se sacrificarem pelo povo, tendem a sacrificar o povo em seu proveito próprio.

– A eucaristia celebra sempre o sacrifício do Verdadeiro Pastor em prol das ovelhas, para que tenham vida e vida plena. Ele se dá em pedaços e deixa beber o seu sangue para chegarmos à comunhão, à plenitude de vida, assim na terra como no céu.